



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –
LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

GABRIELA SANTIAGO MANCIN

SEQUÊNCIAS VERBAIS NA LÍNGUA APYÃWA: UM ESTUDO DE CASO

Brasília
2022

GABRIELA SANTIAGO MANCIN

Sequências verbais na língua Apyãwa: um estudo de caso

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília para o título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Walkíria Neiva Praça

Coorientadora: Marina Maria Silva Magalhães

Brasília

2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SM269s Santiago Mancin, Gabriela
Sequências verbais na língua Apyãwa: um estudo de caso /
Gabriela Santiago Mancin; orientador Walkíria Neiva Praça;
co-orientador Marina Maria Silva Magalhães. -- Brasília,
2022.
132 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2022.

1. Apyãwa. 2. Sequência Verbal. 3. Verbos seriais. 4.
Auxiliares. 5. Compostos. I. Neiva Praça, Walkíria , orient.
II. Silva Magalhães, Marina Maria , co-orient. III. Título.

GABRIELA SANTIAGO MANCIN

SEQUÊNCIAS VERBAIS NA LÍNGUA APYÃWA: um estudo de caso

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília para o título de Mestre em Linguística.

Brasília, 17 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Walkíria Neiva Praça (orientadora)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Aline da Cruz (membro externo)
Universidade Federal de Goiás

Prof.^a Dr.^a Flávia de Castro Alves (membro interno)
Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Gláucia Vieira Cândido (suplente)
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Eu sei que os textos acadêmicos, em sua maioria, prezam pela formalidade e circunspeção. É inerente deles. Contudo, isso não significa que o autor por trás das linhas também o seja. Neste caso, esta autora – eu acho – se situa em outra direção do eixo do *continuum* da severidade. Aqui, nesses agradecimento, que são muito sinceros e pouco formais, talvez vocês consigam enxergar a pessoa que existe atrás de teorias e análises cá residentes. Espero que vocês não desistam desta dissertação por conta disso. (Risos.) Aproveitem para vivenciar a verdade de que somos muitos em um só. E que isso é, no mínimo, interessantíssimo e instigante.

Dizem que “Deus ajuda a quem cedo madruga”. Posso dizer que fui muito ajudada por Ele. Certas ditas “coincidências” que aconteceram só podem mesmo ser obras do sobrenatural. Consequentemente, pela afirmação que inicia este parágrafo, depreendam que madruguei demais. O nascer do sol teve de fazer parte da minha rotina para este trabalho se concretizar, o que implicou um aumento considerável do consumo de café. Santo café, sou grata pela mágica da cafeína no meu organismo cansado. Podem rir, mas continuo afirmando que o café faz a alma voltar para o corpo.

Agradeço a meus pais, que sempre me incentivaram a estudar. Na verdade, sem o apoio logístico, emocional e carinhoso da minha mãe, pouca coisa eu teria conseguido realizar na minha vida. Mãe, você é a melhor! Pai, em breve você estará zerado e recuperado totalmente do linfoma! Uhuuuuuu!

Agradeço à família Koga, que na verdade é a família Baratela Neto. Essa é uma longa história. (Risos.) Cumadi, Cumpadi e Juju, gratidão por me amarem tanto! Vocês sabem que a recíproca é verdadeira, não é mesmo? Obrigada por serem presentes, amigos e energizantes em todos os momentos da minha vida, que incluem esses anos do mestrado também! Sem a terapia em grupo, como a gente sobreviveria, não é mesmo? Valeu pela força!

Nada disso teria acontecido também se não fossem a grande amiga inteligentíssima, futura doutora, Jaqueline Marinho, que me sugeriu experimentar os fascínios da academia; e a amiga detentora de uma mente extraordinária, Tatiana Amorim, que também apoiou essa ideia e sempre me incentivou muito. Obrigada, amigas lindas e hiper-rebeldes por isso.

Agradeço à professora Walkíria Neiva Praça por ter dado um voto de confiança a uma desconhecida e ter-me aceitado como orientanda, assim como à professora Marina Maria Silva Magalhães, que, num momento bem difícil, como um salva-vidas, me resgatou das corredeiras agitadas e me levou à margem para respirar.

Nesta lista de agradecimentos também deve constar o nome da chefe do Setor de Taquigrafia da Câmara Legislativa do Distrito Federal, mulher sábia e doce – e chiquérrima, por sinal – que conduz a nós taquígrafos com respeito e empatia sem iguais: Miriam Lopes. Obrigada, Miriam, por seu apoio enorme e torcida para eu concluir essa jornada.

Sou muito grata também aos amigos de longa data Hugo Paes, Luciana Pereira, Ludimila Trindade e Ricardo Sandoval por serem generosos em ouvir todos os meus desabafos e fiéis por todos esses anos de amizade. A força de vocês me ajudou sempre na vida e, nesses anos do mestrado, não foi diferente.

Como é possível perceber, tenho muitos amigos. Na verdade, os melhores. Então, continuando a falar dos melhores amigos que um ser humano pode ter, não posso deixar de mencionar estas amigas, fonte infinita de ternura e aprendizado que, quando eu estava envolta nas trevas, sem ver um palmo à frente do nariz, foram faróis que me guiaram para a segurança da terra firme novamente: Kaoru Tanaka Lira e Flávia de Castro Alves. Ternuretes, não há palavras para descrever a gratidão pelo que vocês fizeram por mim e o quanto vocês são importantes na minha vida. Vocês são mais que demais.

Outra pessoa a quem devo muito é meu namorado, Bruno Braga, que sempre me deu apoio incondicional durante todo o percurso. Obrigada, lindão, por ter sido um porto seguro e por ter me ensinado tanto sobre pesquisa. Sim, ter um namorado gente boa e pesquisador não é sorte para qualquer um, não. Sou sortuda mesmo.

Falando em pesquisa, quero agradecer a todos os pesquisadores, que, neste País, fazem ciência quase sem apoio e reconhecimento, mas a quem devo minha vida, pois sou uma sobrevivente da pandemia da Covid-19. Foi a ciência que nos ensinou a lidar com a doença e que nos trouxe a vacina em tempo recorde. É a ciência que nos mantém vivos ainda. Que honra ter partilhado das trilhas da ciência nesses anos de estudo!

Há quem faça somente o necessário. Há quem faça de menos. Mas há aqueles que fazem infinitamente mais do que precisavam e nos fazem sentir amados, especiais e muito gratos. Obrigada a vocês que me fizeram sentir a última bolacha do pacote...

RESUMO

Está sob investigação, neste trabalho, sequência verbal da língua Apyãwa (família Tupí-Guaraní) que se apresenta sob a estrutura PESSOA-V₁-V₂, sendo V₁ qualquer verbo lexical e V₂ um pequeno grupo de verbos que geralmente manifestam semântica de aspecto ou modalidade. Tais verbos são: *kwããw* ‘saber’; *patãr* ‘querer’; *pãw* ‘completar’/‘terminar’; e *kãto* ‘ser bonito’/‘ser bom’, que também exprime que a ação foi realizada com um alto grau de eficiência. O estudo foi feito sob a ótica do Funcionalismo, e, devido ao período pandêmico por que passamos, não foi possível realizar trabalho de campo. Sendo assim, os dados utilizados foram extraídos em sua maioria de Praça (2007). Foi explorado o conceito de gramaticalização e, dentro deste, as questões relativas à morfologia de TAM. Também foi apresentado um *continuum* de integração gramatical e proposta uma distribuição dos diversos tipos de orações da língua Apyãwa no eixo deste *continuum*. Em seguida, apresentou-se o fenômeno em estudo, a sequência verbal, e suas principais características: o fato de os verbos sob análise também serem verbos plenos na língua e de elas serem mono-oracionais, o que pôde ser demonstrado pelo escopo da negação ser a sequência inteira, um verbo não ser argumento do outro e de elas estarem sob ação das regras morfofonêmicas de junção de morfemas. As características apresentadas ora aproximam a sequência de verbos seriais ora as distanciam deles. O mesmo acontece quando se tenta encaixar V₂ como um auxiliar. Assim, é proposta a análise de que, para os verbos transitivos, *kwããw* e *patãr*, há a incorporação do objeto oracional relativo a V₁ por V₂ e apropriação, por parte deste, da segunda posição da sequência, comportando-se, assim, o complexo formado pelos dois verbos da mesma maneira que se comporta um verbo simples. Para os verbos intransitivos, *pãw* e *kãto*, percebe-se uma extensão da semântica de tais verbos aos demais por meio de um paralelo com os compostos nominais com núcleo em primeira posição, em que o primeiro componente é o núcleo e o segundo exerce a função de modificador.

Palavras-chave: Apyãwa; Sequência Verbal; TAM; Verbos Seriais; Auxiliares; Compostos.

ABSTRACT

In this work, it is under investigation a verbal sequence from Apyãwa (Tupí-Guaraní Family), which presents itself under the structure PERSON-V₁-V₂, being V₁ any lexical verb and V₂ a small group of verbs that generally manifest aspect or modality semantics. The verbs are: *kwããw* 'to know'; *patãr* 'to want'; *pãw* 'to complete'/'to finish'; and *kãto* 'to be beautiful'/'to be good', which also expresses that the action was carried out with a high degree of efficiency. The study was made under the Functionalism view, and, due to the pandemic period we passed through, fieldwork was not possible. Therefore, data used were extracted mostly from Praça (2007). The concept of grammaticalization was explored and, within this, questions related to the morphology of TAM. A *continuum* of grammatical integration was also presented and a distribution of the different types of sentences in the Apyãwa language was proposed along the axis of this *continuum*. Then the main characteristics of the phenomenon under study, the verbal sequence, were presented: the fact that the verbs under analysis are also full verbs in the language and that the sequences are mono-clauses, which could be demonstrated by the scope of negation being the entire sequence, a verb not being an argument of the other and that they are under the action of the morphophonemic rules of joining morphemes. The presented features either bring the sequence closer of serial verbs or distance it from them. The same happens when trying to fit V₂ as an auxiliary. Thus, it is proposed the analysis that, for the transitive verbs, *kwããw* and *patãr*, there is the incorporation of the clause object related to V₁ by V₂ and the appropriation by V₂ of the second position of the sequence, behaving the complex formed by two verbs in the same way that a single verb behaves. For the intransitive verbs, *pãw* and *kãto*, one can see an extension of the semantics of such verbs to the others through a parallel with the nominal compounds with head in the first position, in which the first component is the head and the second has the function of modifier.

Keywords: Apyãwa; Verbal Sequence; TAM; Serial Verbs; Auxiliaries; Compounds.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1: primeira pessoa

2: segunda pessoa

3: terceira pessoa

A: Série Ativa

ADV: advérbio

ART: artigo

ATE: atenuativo

C: Série Correferencial

C.I.COM: conteúdo informacional compartilhado

CC: causativo comitativo

CD: conectivo discursivo

CONJ: conjunção

CONS: consecutiva

CVS: construção verbal serial

D.E: demonstrativo espacial

DEF: definitivo

DEM: demonstrativo

DUB: dubitativo

ESP: especulativo

EXC: plural exclusivo

F.IMI: futuro iminente

FEM: feminino

FOC: foco assertivo

FRUST: frustrativo

GRUP: grupo

H: Série de Hierarquização

HAB: aspecto habitual

I: indicativo

I₂: indicativo 2

IMP: imperativo

INCL: plural inclusivo

IND: pronome indefinido

IND: pronome indefinido

INFER: inferência

INT intensivo

IRREA: irrealis

ITER: aspecto iterativo

LOC: locativo

MASD: mantenedor de agentividade do sujeito demovido

N.ASS: conteúdo informado não assumido pelo falante

N.CIR: nominalização de circunstância

N.PAC: nominalização de paciente

N.PRED: nominalização de predicado

N.PROC: nominalização de instrumento, processo, local

NA: Série Não Ativa

NEG: negação

NPROG: Não progressivo

OSSD: oração subordinada de sujeito distinto

OSSI: oração subordinada de sujeito idêntico

PAS: passado

PAS.REC: passado recente

PAS.REM: passado remoto atestado

PERF: aspecto perfeito

PL: plural

POS: posposição

PREP: preposição

PRES: presente

PROG: progressivo

PROSP: aspecto prospectivo

PRT: particípio

R: relacional

REA: realis

REC: recíproco

REDUP: reduplicação

RFR: referenciante

RFX: reflexivo

S.P.N.AT: subordinador de predicado não-ativo

SG: singular

TAM: tempo-aspecto-modo-modalidade

VT: vogal temática

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O FUNCIONALISMO E SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	14
2.1	CONCEITOS BÁSICOS FUNCIONALISTAS	15
2.1.1	<i>Iconicidade</i>	16
2.1.2	<i>Marcação e contrastividade.....</i>	17
2.1.3	<i>Categorização e prototipicidade.....</i>	18
2.2	GRAMATICALIZAÇÃO	18
2.2.1	<i>Tempo, aspecto, modo e modalidade – TAM.....</i>	20
2.2.1.1	Tempo	22
2.2.1.2	Aspecto	23
2.2.1.2.1	Aspecto perfectivo.....	24
2.2.1.2.1.1	Iterativo	24
2.2.1.2.1.2	Completivo	25
2.2.1.2.2	Aspecto Imperfectivo.....	25
2.2.1.2.2.1	Contínuo.....	25
2.2.1.2.2.2	Habitual	26
2.2.1.2.3	Aspecto perfeito	26
2.2.1.2.4	Aspecto prospectivo.....	28
2.2.1.3	Aktionsart	28
2.2.1.3.1	Dinâmicos ou estativos	28
2.2.1.3.2	Pontuais ou durativos.....	29
2.2.1.3.3	Télicos e atélicos.....	30
2.2.1.4	Modo	30
2.2.1.4.1	Realis	30
2.2.1.4.2	Irrealis	30
2.2.1.5	MODALIDADE	31
2.2.1.5.1	Modalidades proposicionais.....	31
2.2.1.5.1.1	Modalidades epistêmicas.....	32
2.2.1.5.1.2	Modalidades evidenciais.....	33
2.2.1.5.2	Modalidades eventivas.....	34
2.2.1.5.2.1	Deôntica.....	34
2.2.1.5.2.2	Dinâmica	35
3	O CONTINUUM DA INTEGRAÇÃO GRAMATICAL EM CONSTRUÇÕES MULTIORACIONAIS	36
3.1	COORDENAÇÃO	37
3.1.1	<i>Período simples na língua Apyãwa</i>	37

3.1.1.1	Estrutura da língua Apyãwa	37
3.1.1.1.1	Nomes compostos e regras morfofonêmicas.....	38
3.1.1.1.1.1	Compostos nominais com núcleo na segunda posição.....	38
3.1.1.1.1.2	Compostos nominais com núcleo de primeira posição.....	39
3.1.1.1.1.3	Compostos nome-verbo.....	39
3.1.1.1.2	Marcadores de pessoa.....	41
3.1.1.1.3	Hierarquia de pessoa	43
3.1.1.2	Orações com predicados não verbais.....	46
3.1.1.3	Orações com predicados verbais.....	47
3.1.1.3.1	Orações intransitivas.....	48
3.1.1.3.2	Orações transitivas	50
3.1.2	<i>Estratégias de coordenação de orações</i>	50
3.1.2.1	Coordenação na língua Apyãwa	51
3.1.2.1.1	Orações coordenadas.....	51
3.2	SUBORDINAÇÃO	53
3.2.1	<i>Cadeia de orações</i>	54
3.2.2	<i>Orações adverbiais</i>	54
3.2.2.1	Orações subordinadas adverbiais na língua Apyãwa	55
3.2.2.1.1	Orações subordinadas de sujeito distinto – OSSD.....	55
3.2.2.1.2	Orações subordinadas de sujeito idêntico – OSSI.....	56
3.2.2.1.3	Orações consecutivas.....	57
3.2.2.1.4	Orações subordinadas não ativas.....	58
3.2.3	<i>Orações relativas</i>	60
3.2.4	<i>Orações completivas</i>	61
3.2.4.1	Orações completivas finitas	62
3.2.4.2	Orações completivas não finitas	62
3.2.4.3	Integração sintático-semântica das orações completivas.....	63
3.2.4.3.1	Verbos de percepção-cognição-enunciação.....	63
3.2.4.3.2	Verbos de manipulação	65
3.2.4.3.3	Verbos de modalidade	65
3.2.5	<i>Verbos seriais</i>	68
3.2.5.1	Verbos seriais segundo Aikhenvald e Dixon.....	70
3.2.5.2	Verbos seriais segundo Haspelmath	73
3.2.5.3	Abordagem de outros autores em relação aos verbos seriais.....	74
3.2.6	<i>Auxiliares</i>	76
3.2.6.1	Expressões linguísticas para expressar auxiliarização.....	79
4	AS SEQUÊNCIAS VERBAIS NO APYÃWA	82
4.1	PESSOA-V ₁ -KWÃÃW	83

4.2	PESSOA-V1-PATĀR.....	84
4.3	PESSOA-V1-PĀW.....	88
4.4	PESSOA-V1-KĀTO.....	93
4.5	CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS VERBAIS.....	95
4.5.1	<i>Uso lexical</i>	95
4.5.1.1	Verbo <i>kwããw</i>	95
4.5.1.2	Verbo <i>patār</i>	97
4.5.1.3	Verbo <i>pãw</i>	98
4.5.1.4	Verbo <i>kãto</i>	98
4.5.2	<i>Escopo da negação</i>	100
4.5.2.1	Verbo <i>kwããw</i>	100
4.5.2.2	Verbo <i>patār</i>	101
4.5.2.3	Verbo <i>pãw</i>	102
4.5.2.3.1	Verbo <i>kãto</i>	102
4.5.3	<i>Um verbo não é argumento do outro</i>	103
4.5.3.1	Verbo <i>kwããw</i>	103
4.5.3.2	Verbo <i>patār</i>	104
4.5.3.3	Verbo <i>pãw</i>	105
4.5.3.4	Verbo <i>kãto</i>	106
4.5.4	<i>Regras morfofonêmicas</i>	107
4.5.4.1.1	Verbo <i>patār</i>	107
4.5.4.1.2	Verbo <i>pãw</i>	108
4.5.4.1.3	Verbo <i>kãto</i>	108
5	A ANÁLISE	110
5.1	PROPOSTA DE ANÁLISE.....	112
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	119
	APÊNDICES	124

1 INTRODUÇÃO

Apesar de o português ser língua oficial e majoritária do Brasil, engana-se aquele que pensa que ela é a única falada no País. Segundo o Censo 2010, último realizado até o presente momento¹, 274 línguas indígenas são faladas no território nacional: 214 em terras indígenas e 249 tanto em áreas urbanas quanto em rurais (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE, 2012, p. 90).

Incorporada a uma língua, há toda uma gama de conhecimentos históricos, sociais, ecológicos, culturais e linguísticos. Contudo, todo esse nosso patrimônio cultural brasileiro de origem indígena ainda vive sob ameaça constante. Muito pouco se faz em termos de políticas públicas em favor dos povos originários, os quais ainda travam fortes batalhas pelo direito de existir, resistir e de preservar seus conhecimentos tradicionais e sua língua.

É impossível separar a língua de seu respectivo povo, é por isso que, antes de analisar as estruturas da língua Apyãwa, será apresentado um breve histórico desses indivíduos fortes, mas amigáveis e ricos em tradições.

Os Apyãwa, tradicionalmente conhecidos por Tapirapé, de acordo com o último censo, somam aproximadamente mil indivíduos. Eles vivem atualmente em duas terras indígenas localizadas a nordeste do Estado do Mato Grosso: a terra indígena Urubu Branco e a Tapirapé-Karajá. Todos os indivíduos têm a língua Apyãwa – que é basicamente aglutinante (PAULA, 2012, p. 24) – como primeira língua, e a maioria deles fala o português como segunda língua. Até os cinco anos de idade, as crianças são monolíngues em Apyãwa (PAULA, 2012, p. 19). Segundo Rodrigues (1964), o Apyãwa pertencente ao subgrupo IV da família Tupí-Guaraní, do tronco Tupí.

Originalmente habitantes do litoral, os Apyãwa empreenderam uma grande marcha de interiorização com o intuito de fugirem do aprisionamento e da escravização dos colonizadores.

Segundo Paula:

Baldus (1970), após pesquisar exaustivamente a trajetória dos Apyãwa, elaborou a hipótese de que eles teriam migrado do litoral para a região central do Brasil, fugindo da violência provocada pelo contato com as frentes de

¹ Está em andamento o Censo 2022.

expansão coloniais. Essa hipótese é corroborada pela presença da palavra *paranyxigoo* 'mar' no léxico tapirapé, sendo que os Apyãwa que encontramos em 1973 nunca haviam visto o mar. Isto significa que este item lexical permaneceu vivo na língua, carregando consigo a memória histórica de tempos vividos em regiões litorâneas (PAULA, 2012, p. 29).

Por um longo período viveram relativa paz até que, em meados do século XX, começaram a ser visitados por não indígenas. Nesse período, já estavam estabelecidos na região da serra do Urubu Branco, no Estado do Mato Grosso, e surpreendiam por serem um grupo Tupí vivendo entre povos Macro-Jê.

Esse contato com os não indígenas trouxe doenças antes desconhecidas, e a população sofreu um acentuado declínio, chegando quase à extinção. No entanto, sobreviveram bravamente. Reorganizaram-se socialmente, alcançaram a demarcação de dois territórios, aumentaram sua população e continuaram a usar a própria língua (PAULA, 2012, p. 25–26).

Em termos de estudos linguísticos, as línguas indígenas são um campo fecundo, apresentando fenômenos inéditos que intrigam os investigadores e fornecendo material vasto para pesquisas comparativas e tipológicas.

Neste trabalho especificamente, será apresentado um fenômeno sintático ainda pouco estudado nas línguas Tupí-Guaraní: sequências de dois verbos entre os quais não há interferência de qualquer elemento e que funcionam como um único predicado. No caso, são quatro verbos específicos: *kwããw* 'saber'; *patãr* 'querer'/'desejar'; *pãw*, 'acabar/terminar'; e *kãto*, 'ser bonito'/'ser bom'.

Para o estudo do fenômeno, devido ao período pandêmico por que passamos entre os anos de 2020 e 2022, não foi possível realizar trabalho de campo para coleta de dados. Por esta razão, majoritariamente, os dados utilizados neste trabalho são de Praça (2007), a quem deixo expressos, aqui, meus agradecimentos.

O trabalho se inicia com a exposição dos pressupostos teóricos. São apresentados a abordagem sob a qual este estudo foi pensado e executado, o Funcionalismo (seção 2); e aspectos básicos da teoria, tais como a gramaticalização (seção 2.2), que abarca a morfologia de tempo, aspecto, modo e modalidade (seção 2.2.1).

Na seção 3, é apresentado o *continuum* da integração gramatical em construções multioracionais e como coordenação e subordinação funcionam e podem ser vistas na língua Apyãwa.

Na seção 4, são expostos o fenômeno das sequências verbais, a semântica delas e características gramaticais que as acompanham, tais como a possibilidade do uso lexical de V_2 na língua, o escopo da negação ser a construção inteira, um verbo não ser argumento do outro e de os componentes da sequência, na juntura de seus morfemas limítrofes, estarem morfemas estar sob ação de regras morfofonêmicas.

Na seção 5, condensam-se as informações apresentadas e é proposta uma análise para a formação da estrutura da sequência verbal, e, por fim, são expostas as conclusões a que se chegou por meio do trabalho.

De tudo isso, o que se sobrepõe é que estudar uma língua indígena, além do ganho histórico-cultural incomensurável, é um caminho muito profícuo para uma formação linguística mais abrangente e profunda – até mesmo para a elaboração de novas teorias. Fatos linguísticos diversos aos que se está acostumado observar no “conforto” das línguas indo-europeias podem trazer luz a questões de pesquisa ainda não respondidas. Assim, estudar um fenômeno pouco documentado, além de desafiador, abre as portas para a aquisição de experiência repleta de apêndices agregadores. Esperamos que os conhecimentos aqui expostos sejam úteis para muitos.

2 O FUNCIONALISMO E SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conforme foi dito na introdução, a abordagem linguística escolhida para este trabalho foi o Funcionalismo. Cabe, agora, elucidar o porquê. A escolha foi feita por essa corrente conceber a linguagem como fruto da interação social, investigando os fenômenos para além da mera estrutura gramatical, considerando que o contexto discursivo motiva os fatos linguísticos. E, para se trabalhar com línguas indígenas, levar em consideração o contexto sociodiscursivo é de fundamental importância.

Para se contrapor ao Estruturalismo, para o qual a estrutura é autônoma, arbitrária e segue leis internas estabelecidas pelo próprio sistema, o Funcionalismo resgata, da Filosofia, o antigo princípio do isomorfismo entre forma e função estabelecido por Aristóteles (MARTELOTTA, 2011, p. 114).

Devido ao fato de os funcionalistas conceberem a linguagem como um instrumento de interação social, o objeto de interesse extrapola a estrutura gramatical, buscando, nas situações discursivas, como dito anteriormente, a motivação para os fenômenos da língua:

[...] na análise de cunho funcionalista, os enunciados e os textos são relacionados às funções que eles desempenham na comunicação interpessoal. Ou seja, o funcionalismo procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação, evitando lidar com frases inventadas, dissociadas de sua função no ato da comunicação (MARTELOTTA, 2011, p. 158).

Concepções díspares em relação a como a análise linguística é feita acarretam diferentes métodos e tipos distintos de dados utilizados como evidência empírica, e, no momento em que se considera a gramática como um organismo vivo e mutável, reconhece-se que as regras gramaticais são modificadas pelo uso, sendo, portanto, necessária a observação da língua falada (MARTELOTTA, 2011, p. 164). Assim:

Todas as pressões adaptativas funcionais que moldam a estrutura sincrônica – idealizada – da linguagem são exercidas durante a performance real. É aqui que a linguagem é adquirida e onde a gramática emerge e muda. É aqui que a forma se ajusta – criativamente e no estímulo da construção oportunista do contexto do momento – a novas funções e significados estendidos. É também aqui que o desleixo, a variação e a indeterminação são ingredientes

necessários do mecanismo real que molda e remodela a competência (GIVÓN, 2001, p. 6, tradução nossa)².

Desse modo, os dados que serão analisados neste trabalho³ foram coletados em situações reais de comunicação, ou seja, durante performance real, conforme elucida Praça:

Os dados lingüísticos utilizados nesta pesquisa foram, em sua grande maioria, coletados em trabalhos de campo realizados nas aldeias Tapirapé nas seguintes ocasiões: (i) nos meses de julho e agosto de 1997; (ii) em janeiro e fevereiro de 1998; (iii) em julho de 1998; (iv) em janeiro e fevereiro de 2001; (v) em dezembro de 2001; (vi) em dezembro de 2002; (vii) em outubro de 2003; (viii) em dezembro de 2004; (ix) nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro de 2005 e (x) nos meses de fevereiro, agosto e dezembro de 2006.

Os dados, em sua maioria, foram obtidos em situações reais e informais de fala. A intenção era também documentar o máximo possível a língua, incluindo nos registros diálogos, relatos de experiências, descrição de festas, artesanato e danças, além da narração de histórias, mitos e músicas (PRAÇA, 2007, p. 8–9).

Na próxima seção, segue-se com a ótica funcionalista e são apresentados conceitos básicos que caminham com essa abordagem.

2.1 CONCEITOS BÁSICOS FUNCIONALISTAS

A abordagem funcionalista, por admitir a linguagem como um instrumento de comunicação social e seu objeto de estudo extrapolar a estrutura gramatical, como dito anteriormente, trabalha com conceitos básicos que serão, a partir de agora, expostos.

² Original: “All functional-adaptive pressures that shape the synchronic – idealized – structure of language are exerted during actual performance. This is where language is acquired, and where grammar emerges and changes. This is where form adjusts itself – creatively and on the spur of the moment’s opportunistic construal of context – to novel functions and extended meanings. This is also where slop, variation and indeterminacy are necessary ingredients of the actual mechanism that shapes and reshapes competence.”

³Conforme já dito, devido ao período pandêmico por que passamos, não foi possível realizar trabalho de campo; por isso foram utilizados dados já publicados.

2.1.1 Iconicidade

Em bases gerais, o princípio da iconicidade trata-se da correlação natural e motivada entre forma e função. Sendo as duas funções primárias da linguagem a representação e a comunicação do conhecimento, a chamada experiência, a comunicação humana dita bem codificada seria composta por dois subsistemas: a) o sistema de representação cognitiva e b) o sistema de codificação comunicativa. O primeiro é composto por três níveis interligados: a) o léxico conceitual, b) a informação proposicional e c) o discurso multiproposicional. O segundo, por sua vez, abarca dois instrumentos de codificação: a) códigos sensório-motores periféricos e b) o código gramatical (GIVÓN, 2001a, p. 7).

Figura 1 – Sistema de representação cognitiva



Fonte: a autora.

É por estarem dispostos como círculos concêntricos com áreas diferentes que a relação do léxico, por exemplo, com a informação proposicional trata-se de uma

condicional unidirecional: “Pode-se compreender o significado das palavras independentemente da proposição em que estão inseridas; mas não se pode compreender uma proposição sem compreender o significado das palavras que a compõem” (GIVÓN, 2001a, p. 10). E o mesmo vale para a relação entre a informação proposicional e o discurso: trata-se de um caminho unidirecional, sendo possível compreender o significado das orações independentemente do discurso no qual estão inseridas, mas não o discurso sem as proposições entrepostas nele (GIVÓN, 2001a, p. 11).

Quanto ao sistema de codificação comunicativa, os códigos sensório-motores abarcam operações de produção e percepção de fala. A gramática, por sua vez, é o que, simultaneamente, codifica as relações de coerência entre a semântica proposicional e o contexto discursivo.

Para fazer tal codificação, a gramática dispõe de “regras” que a governam. Contudo, como há muita variabilidade na comunicação humana, tais regras, por estarem inseridas num organismo mutante, também vão variando e se transformando com o decorrer do tempo. Desta maneira, a afirmação de Sapir que “Todas as gramáticas vazam” faz muito sentido. Não que isso seja como a abertura de comportas de uma barragem, mas mesmo a gramática mais rígida não é imune a vazamentos.

Sendo a gramática motivada de forma adaptativa e não arbitrária, a estrutura da língua reflete a estrutura cognitiva da conceituação humana de mundo. Todavia, vale ressaltar que essa iconicidade não é absoluta. Na maioria das construções gramaticais, princípios mais icônicos estão misturados a regras mais arbitrárias (GIVÓN, 2001a, p. 34).

2.1.2 Marcação e contrastividade

A noção de marcação remete à Escola de Praga e inicialmente tratava-se de um refinamento da noção de valor linguístico advinda de Saussure nas distinções binárias entre um par contrastivo. (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 24).

Dentro desse conceito, ao se observar a distribuição de fenômenos linguísticos no uso, para os funcionalistas, a categoria marcada é a menos frequente no texto,

sendo a marcação “o metaprincípio da iconicidade, expressando a correlação – reconhecidamente nem sempre perfeita – entre as complexidades estrutural e funcional (GIVÓN, 2001a, p. 38, tradução nossa).

2.1.3 Categorização e prototipicidade

Ao se falar em categorização, precisa-se ter em mente que o ser humano constrói conceitos de acordo com suas experiências no ambiente em que vive e com suas experiências sociais, e é isso que nos permite categorizar as informações que nos chegam por nossa percepção. Cada categoria tem um representante prototípico, que é aquele que reúne os traços recorrentes da categoria. Junto deste, existe aquilo que se aproximam do protótipo por deter características mais próximas a ele, ocupando um lugar escalar num *continuum* imaginário, e o que se distancia do protótipo, em uma posição oposta no continuum. Assim:

...ao invés de serem definidas, em termos binários e discretos, as coisas percebidas distribuem-se num continuum categorial, em que alguns elementos localizam-se mais nos polos da escala, com propriedades conceituais mais ou menos bem definidas, e outros se situam em instâncias intermediárias, por compartilharem características de uma e outra categoria (CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 29).

2.2 GRAMATICALIZAÇÃO

Uma consequência da prática funcionalista é o que se chama de gramaticalização. Na medida em que, na comunicação real, a linguagem vai sendo adquirida e a gramática emergindo e mudando, a forma vai se ajustando às novas funções. E esse processo se dá por meio da gramaticalização, conceito que será importante para a análise das sequências verbais que serão apresentadas neste trabalho.

O termo *gramaticalização* foi cunhado – e dotado do significado que tem hoje – por Antoine Meillet em 1912. A teoria relativa a esse termo começa com a observação de que morfemas gramaticais basicamente se desenvolvem a partir de morfemas lexicais, e esse processo possui características regulares em suas várias instâncias (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 4). Trata-se de um processo de

mudança linguística dos mais comuns e refere-se a “alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade lingüística que promovem alteração em seu estatuto categorial” (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 17).

Nessa transição de morfemas lexicais para gramaticais, incidem processos diacrônicos em que aqueles vão se tornando mais frequentes e com significados mais gerais, alcançando um *status* cada vez mais gramatical (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 5), o que causa, obviamente, mudanças semânticas.

A propósito, duas propriedades da gramaticalização são amplamente reconhecidas. A primeira diz respeito ao branqueamento semântico, “processo pelo qual o significado de uma categoria gramatical se amplia à medida que a categoria se torna uma parte institucional da gramática” (PAYNE, 1994, p. 318–319, tradução nossa)⁴, ou seja, as generalizações aumentam o número dos contextos em que a estrutura pode ser usada. A redução semântica é acompanhada por redução fonológica.

Paralelamente a essa crescente dependência fonológica, aumenta a dependência por parte do ente daquilo que circunda a estrutura. Conforme esta vai perdendo seu conteúdo semântico original, a interpretação fica cada vez mais dependente do contexto, que a afeta diretamente. Assim, a generalização vai tornando a estrutura apropriada em outros contextos nos quais não poderia ter sido usada anteriormente, aumentando sua frequência de uso (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 6–8).

A segunda propriedade da gramaticalização é a regularização da forma:

As colocações lexicais que os comunicadores consideram úteis para a comunicação tendem a ocorrer com frequência no discurso. A gramaticalização pode ser entendida como o processo pelo qual as colocações criadas para tal propósito tornam-se estruturas gramaticais (habituais, automatizadas, produtivas) através da frequência de uso. Uma vez que uma estrutura é habitualizada, ela tende a expandir seu leque de usos [...]. Assim, estruturas [...] infrequentes tendem a ser substituídas por estruturas mais frequentes e habitualizadas (PAYNE, 1994, p. 319, tradução nossa)⁵.

⁴ Original: “This is the process whereby the meaning of a grammatical category broadens as the category becomes an institutional part of the grammar.”

⁵ Original: “Lexical collocations that communicators find useful for communication tend to occur frequently in discourse. Grammaticalization can be understood as the process whereby nonce collocations become grammatical (habitual, automated, productive) structures through frequency of use. Once a structure is habitualized, it tends to

De maneira geral, essas são as informações mais importantes a respeito de gramaticalização. Na próxima seção, será tratado tema que está inserido nos domínios da gramaticalização e que também terá importância para se entender as sequências verbais que são objeto de estudo deste trabalho.

2.2.1 Tempo, aspecto, modo e modalidade – TAM

No âmbito da gramaticalização, um conceito que será muito explorado neste trabalho é o de TAM. Trata-se de um sistema morfológico que tem tendência a se gramaticalizar em palavras verbais e cujo escopo não é a semântica proposicional do evento, mas, sim, a pragmática da oração face ao contexto discursivo (GIVÓN, 2001a, p. 285). Por essa se tratar, aparentemente, de uma definição enxuta e não muito esclarecedora, faz-se necessário aprofundamento nessa questão. Para isso, temos que adicionar alguns conceitos à definição.

O primeiro deles é o mais básico. Se TAM é um sistema morfológico que tende a se gramaticalizar em verbos, é primordial descrever, primeiramente, o que são verbos.

A categoria dos verbos é a segunda maior das partes do discurso, perdendo apenas para a de nomes. Normalmente, refere-se a ações, processos e estados. Uma série de categorias gramaticais podem ser associadas aos verbos, tais como (VELUPILLAI, 2012, p. 123–124):

- a) Tempo, que situa o evento no tempo;
- b) Aspecto, que especifica a perspectiva da visão da constituição temporal interna do evento;
- c) Modo, que codifica as atitudes e crenças do falante em relação ao evento da oração como um todo;
- d) Voz;
- e) Valência;

expand its range of usages, as mentioned above. Thus, infrequent nonce structures tend to be superceded by more frequent, habitualized structures.”

f) Polaridade.

Na língua Apyãwa, a categoria dos verbos é caracterizada, basicamente, por seus membros poderem receber o sufixo {-ãw}, que nominaliza processos, instrumentos e locais (PRAÇA, 2007, p. 94), como pode ser observado no exemplo⁶ a seguir:

(PRAÇA, 2007, p. 95, nossa análise)

(1)	<i>koxãwiri-ø</i>	<i>a-ixãk</i>	<i>i-xãj'a-ãw-a</i>
	Koxãwiri-RFR	3.A-ver	3.NA-chorar-N.PROC-RFR
	'Koxãwiri a viu chorar' (lit: Koxãwiri viu a choração dela).		

É possível notar no exemplo que o sufixo {-ãw} nominalizou o ato de chorar de Koxãwiri principalmente pela presença do sufixo referenciante, que assinala a função argumentativa de um nome. Por isso, quando usado em verbos, dá características nominais a este.

A estrutura cognitiva de um evento pode ser descrita como um conjunto de entes – os *argumentos* – e um conjunto de relações estáticas ou dinâmicas entre essas entidades, ao que se chama *predicado*. E, normalmente, quem ocupa o núcleo do predicado é justamente o verbo, pois este se refere às ações, aos processos ou estados do evento. Essas situações a que tais entes pertencem linguisticamente são chamadas de *referência*, a qual abrange a relação entre falante, destinatário, referente(s) – que são fenômenos do mundo mental – e a expressão referencial (MACKENZIE, 2000, p. 973). Em relação à citada estrutura cognitiva do evento, pode-se dizer que existem três tipos de entidades:

Lyons (1977:442-447) apresenta uma tipologia de três vias de entidades [...]:
– Entidades de primeira ordem são objetos físicos, por exemplo, pessoas, animais e coisas. [...] As entidades de primeira ordem são avaliadas em termos de sua existência.

⁶ A numeração dos exemplos será feita em ordem numérica crescente, ressalvando-se que há exemplos que aparecerão mais de uma vez. Mesmo assim, a numeração continuará na ordem crescente.

- Entidades de segunda ordem são “eventos, processos, estados de coisas, etc., que estão localizados no tempo [...]”. As entidades de segunda ordem são avaliadas em termos de sua realidade.
- Entidades de terceira ordem são “entidades tão abstratas como proposições que estão fora do espaço e do tempo” (Lyons 1977:443). Entidades de terceira ordem são avaliadas em termos de sua verdade (MACKENZIE, 2000, p. 974, tradução nossa)⁷.

Assim, o indivíduo, devido à possibilidade de ser avaliado por sua existência, pode ser situado no espaço. O estado de coisas, os eventos e os processos, por serem avaliados em termos de sua realidade, podem ser localizados em termos de espaço e tempo. Já o conteúdo proposicional, sendo uma construção mental, não pode ser localizado nem no espaço nem no tempo, sendo avaliado, pois, em termos de sua verdade (HENGEVELD, 2000, p. 1104).

Dessa forma, ao se falar em tempo, aspecto e modo, estes estão relacionados às entidades de segunda ordem. Modalidade, por sua vez, diz respeito às entidades de terceira ordem, que são avaliadas em termos de verdade.

2.2.1.1 Tempo

A categoria *tempo* é a que codifica a relação entre dois pontos ao longo da direção linear da linha do tempo (GIVÓN, 2001a, p. 285). Basicamente, existem dois modos conceptuais diferentes para expressar quando algo aconteceu: pode-se relacionar o evento a um dado ponto de referência, o que é chamado de *tempo relativo*; ou ao momento de fala, ao que se denomina *tempo absoluto*, estando o *agora* com o narrador ou o indivíduo que está performando o ato de fala (VELUPILLAI, 2012, p. 195).

Deste modo, para se definir o tempo absoluto, coloca-se o evento – ou o tempo do evento – antes, depois ou simultaneamente ao momento da fala, ou seja, ao momento presente. Diferentemente, o sistema de tempo relativo relaciona o evento a

⁷ Original: “Lyons (1977: 442-447) presents a three-way typology of entities [...]:

- Entities of the first order are physical objects, i.e. persons, animals, and things. [...] First-order entities are evaluated in terms of their existence.
- Entities of the second order are ‘events, processes, states-of-affairs, etc., which are located in time [...]. Second-order entities are evaluated in terms of their reality.
- Entities of the third order are ‘such abstract entities as propositions, which are outside space and time’ (Lyons 1977: 443). Third-order entities are evaluated in terms of their truth.”

um determinado ponto de referência, que não necessariamente precisa ser o momento da fala (VELUPILLAI, 2012, p. 201–204). E essa distinção tripartite (antes, simultaneamente e depois) pode ser refinada na medida em que graus de afastamento podem ser distinguidos em relação ao agora, podendo-se codificar eventos como ocorridos em um passado próximo ou remoto ou em um futuro imediato ou remoto (VELUPILLAI, 2012, p. 199).

As principais subdivisões da categoria tempo são: passado, presente e futuro. A seguir, são apresentados exemplos de como o tempo pode ser expresso na língua Apyãwa.

(PRAÇA, 2007, p. 174, nossa análise)

(2)	<i>ãxiwe</i>	<i>ã-waem</i>	<i>we-a-wo</i>	ne
	amanhã	1SG.A-chegar	1SG.ir-OSSI	FUT
	'Amanhã eu chegarei lá.'			

(PRAÇA, 2007, p. 37, nossa análise)

(3)	<i>xãko'iãpari-ø</i>	<i>rãka</i>	<i>a-marãka</i>	<i>ne=ø-ker-ãramõ</i>	<i>we</i>
	Xãko'iãpari-RFR	PAS.REC	3.A-cantar	2SG.NA=R-dormir-OSSD	PERF
	'Xãko'iãpari cantou enquanto você ainda dormia.'				

Enquanto, no exemplo 2, *ne* indica que a ação acontecerá no futuro, amanhã, no exemplo 3, a partícula *rãka* indica um passado recente atestado.

Um esquema gráfico sobre tempo está disponibilizado no Apêndice A deste texto.

2.2.1.2 Aspecto

Pode-se pensar o aspecto como sendo um dispositivo com a função de expressar gramaticalmente diferentes visões de um evento em relação aos pontos de

início e fim, ou seja, diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna do evento (COMRIE, 1976, p. 3; VELUPILLAI, 2012, p. 208).

Aspecto e tempo não são totalmente desvinculados. Enquanto o tempo, uma categoria dêitica, preocupa-se em localizar situações na linha do tempo, o propósito do aspecto é refletir a constituição temporal interna da situação e, como uma categoria gramatical, pode ser expresso por morfologia flexional e por perífrase (COMRIE, 1976, p. 5–9).

Um evento pode ter começo, meio – seu curso natural – e fim. Por conta disso, pode ser visto a partir de um ponto de vista interno ao curso do evento, evidenciando-se as diferentes fases que o compõem; ou a partir de uma visão externa, capaz de enxergar o evento como um todo delimitado. O primeiro é o que se chama de aspecto imperfectivo; o segundo, perfectivo (COMRIE, 1976, p. 3; VELUPILLAI, 2012, p. 209–210). As divisões do aspecto serão tratadas nas seções 2.2.1.2.1, 2.2.1.2., 2.2.1.2.3 e 2.2.1.2.4. Um esquema gráfico sobre aspecto está disponibilizado no Apêndice B deste texto.

2.2.1.2.1 *Aspecto perfectivo*

Como dito acima, o aspecto perfectivo toma por referência o evento como um todo composto por partes: começo, meio e fim. Tal situação pode se apresentar de formas distintas, conforme será apresentado a seguir.

2.2.1.2.1.1 Iterativo

Refere-se a uma série de eventos que ocorrem em uma única ocasião, ou seja, trata-se de eventos limitados individualmente. Apesar de ser considerado uma subdivisão do aspecto perfectivo, costuma ser expresso por meios imperfectivos (VELUPILLAI, 2012, p. 213).

Observe o próximo exemplo que mostra uma maneira de se expressar o aspecto iterativo no Apyãwa por meio de reduplicação.

(PRAÇA, 2007, p. 112)

- (4) *ãwãrã'i-ø* *a-ke-ke* *takār-ipe*
 ãwãrã'i-RFR 3.A-entrar-REDUP takāra-LOC
 'ãwãrã'i entrou várias vezes na takāra.'

2.2.1.2.1.2 Completivo

Denota a conclusão de um evento, ou seja, o evento foi a termo (VELUPILLAI, 2012, p. 213–214). Exemplos sobre o aspecto perfectivo completivo poderão ser vistas mais à frente, quando se falará das sequências verbais com o verbo *pāw* (Cf. seção 4.3).

2.2.1.2.2 Aspecto Imperfectivo

O aspecto imperfectivo faz referência à estrutura temporal interna do evento e pode ser subdividido nos termos a seguir (COMRIE, 1976).

2.2.1.2.2.1 Contínuo

Denota especificamente que o evento está em andamento. Divide-se em:

- a) *Progressivo*: há continuidade, mas *não* estatividade, como pode ser observado no exemplo a seguir.

- (5) *I* *am* *go-ing*
 1SG estar.PRES ir-PROG
 'Eu estou indo.'

b) *Não progressivo*: conjuga continuidade e estatividade.

- (6) *I go*
 1SG ir.PRES.NPROG
 Eu vou.

2.2.1.2.2.2 Habitual

Denota que o evento ocorre com regularidade ou é verdadeiro por um período prolongado. Não deve ser confundido com a iteratividade, que trata de várias repetições do evento em uma única ocasião (VELUPILLAI, 2012, p. 212). A seguir, é apresentado exemplo do aspecto habitual na língua Apyãwa, que é produzido com a partícula *mĩ*.

(PRAÇA, 2007, p. 170, nossa análise)

- (7) *'ãwãxi-ø mĩ ãpi-ø a-ãpa kãwĩ-ramõ*
 milho-RFR HAB mamãe-RFR 3.A-fazer cauim-S.P.N.AT
 'É de milho que mamãe sempre faz cauim.'

2.2.1.2.3 Aspecto perfeito

A propriedade crucial do aspecto perfeito é, além de situar um evento antes de outro na linha do tempo, indicar que o primeiro evento ainda é relevante e exerce influência sobre o segundo. “Em outras palavras, o perfeito abrange dois locais distintos na linha do tempo, pois, mesmo que o evento em si tenha ocorrido antes do discurso ou ponto de referência [...], ainda está afetando ou é de alguma forma

relevante para o ponto de referência dado” (VELUPILLAI, 2012, p. 205, tradução nossa)⁸.

Tendo em mente a definição de aspecto apresentada acima, observe o próximo exemplo.

(PRAÇA, 2007, p. 37, nossa análise)

(8)	<i>xāko’iāpari-∅</i>	<i>rāka</i>	<i>a-marāka</i>	<i>ne=∅-ker-āramō</i>	we
	Xāko’iāpari-RFR	PAS.REC	3.A-cantar	2SG.NA=R-dormir-OSSD	PERF
	‘Xāko’iāpari cantou enquanto você ainda dormia.’				

No período, infere-se que a segunda pessoa do singular primeiro adormeceu. Depois, disso, Xāko’iāpari iniciou e terminou de cantar.

A aspecto perfeito pode se manifestar das seguintes formas (COMRIE, 1976, p. 56–64):

- a) *Perfeito de resultado*: um estado presente é referido como sendo o resultado de alguma situação passada;
- b) *Perfeito experiencial*: uma determinada situação ocorreu pelo menos uma vez durante algum tempo no passado até o presente momento;
- c) *Perfeito de uma situação persistente*: uma situação começou no passado, mas persiste até o presente;
- d) *Perfeito do passado recente*: a presente relevância de uma situação passada refere-se somente à proximidade temporal.

⁸ Original: “In other words, the perfect spans two separate locations on the timeline, since, even though the event itself took place before the speech or reference point [...], it is still having an effect on or is somehow relevant to the given reference point.”

2.2.1.2.4 Aspecto prospectivo

Enquanto o aspecto perfeito refere-se a algo sob ótica retrospectiva, o prospectivo estabelece uma relação entre uma situação e algo subsequente, como quando alguém está prestes a fazer algo (COMRIE, 1976, p. 64). No Apyãwa, esse aspecto é expresso pelo sufixo {-exĩ}, como pode ser observado no exemplo a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 113, nossa análise)

- (9) *ãpi* *ã-xokã-exĩ* *wyrãkãj-a*
 mamãe 1SG.A-matar-PROSP galinha-RFR
 ‘Mamãe, estou prestes a matar a galinha.’

2.2.1.3 Aktionsart

Enquanto o aspecto pertence à perspectiva do evento em si, o *Aktionsart* – que também é chamado de acionalidade, aspecto lexical ou aspecto derivacional – especifica a estrutura interna do evento. “Aspecto é uma categoria gramatical e *Aktionsart* é uma especificação lexical, semântica” (VELUPILLAI, 2012, p. 208, tradução nossa)⁹. Levando-se em consideração a acionalidade, os verbos podem ser classificados das seguintes formas a seguir.

2.2.1.3.1 Dinâmicos ou estativos

Quanto à dinamicidade ou estatividade dos verbos, analisa-se se a estrutura verbal envolve, de alguma forma, mudança ou não. Assim, verbos dinâmicos são aqueles em que há um elemento inerente de mudança. Por sua vez, verbos estativos representam apenas um estado constante, sem a codificação de algum tipo de ação (VELUPILLAI, 2012, p. 208).

⁹ Original: “Aspect is a grammatical category while Aktionsart is a lexical, semantic, specification.”

Os verbos intransitivos da língua Apyãwa (Cf. seção 3.1.1.3.1) estão sob um regime de uma intransitividade cindida, ou seja, há verbos intransitivos dinâmicos e verbos intransitivos estativos. A seguir, serão apresentados exemplos demonstrando os dois tipos de verbos.

(PRAÇA, 2007, p. 96, nossa análise)

- (10) *ere-par ãkaj e-a-wo xe=r-exãk-a*
 2SG.A-sair C.I.COM 2SG.C-ir-OSSI 1SG.NA=R-ver-OSSI
 'Você saiu (indo) para me ver.'

O exemplo 10 traz o verbo 'ir', dinâmico, por isso o marcador de pessoa que o antecede é da Série Ativa (Cf. seção 3.1.1.1.2).

(PRAÇA, 2007, p. 99, nossa análise)

- (11) *ere-xinik=ewi*
 2SG.IMP-ser.triste=NEG
 'Não fique triste.'

Já no exemplo 11 se está diante de um verbo estativo, o verbo *xinik* 'ser triste'.

2.2.1.3.2 Pontuais ou durativos

A semântica verbal também pode codificar se algo dura no tempo ou não. Quando se tem sob análise um verbo pontual, o evento dura apenas um instante e sua estrutura não detém diferentes fases. Como situações pontuais não têm estrutura interna, elas são automaticamente dinâmicas e imperfectivas (COMRIE, 1976, p. 42–50; VELUPILLAI, 2012, p. 209).

No que diz respeito aos eventos durativos, a situação perdura por determinado período de tempo, e a estrutura interna verbal é composta por uma sequência de fases (VELUPILLAI, 2012, p. 209).

2.2.1.3.3 *Télicos e atélicos*

A última classificação quanto ao *Aktionsart* divide os verbos em télicos e atélicos. Verbos télicos são aqueles cuja semântica retrata uma situação que necessariamente tem que chegar ao fim, ou seja, existe um ponto final inerente ao evento descrito. Já os verbos atélicos são aqueles cujo evento que comunicam não tem um ponto de cessação, ou seja, pode ser prolongado indefinidamente ou interrompido em qualquer ponto de sua estrutura (COMRIE, 1976, p. 44).

2.2.1.4 Modo

O modo refere-se à categoria gramatical empregada para codificar se um evento se realizou ou não. Possui duas grandes divisões: *realis* e *irrealis*.

2.2.1.4.1 *Realis*

O modo *realis* é normalmente usado quando o falante tem muita certeza de que o evento aconteceu ou que o estado das coisas é verdadeiro, tudo isso por meio da percepção direta (PALMER, 2001, p. 1; VELUPILLAI, 2012, p. 214). A maior ocorrência do modo *realis* se dá com o passado, o presente e o não futuro (VELUPILLAI, 2012, p. 216).

2.2.1.4.2 *Irrealis*

Por sua vez, o modo *irrealis* retrata situações que habitam o reino do pensamento e que podem ser reconhecidas apenas por meio do processo

imaginativo. Dessa maneira, não há como o falante ter certeza da realização do evento; contudo, isso também não significa a garantia de que tal situação nunca ocorrerá. Apenas não é possível a plena certeza de que ela se realizará ou não (PALMER, 2001, p. 1; VELUPILLAI, 2012, p. 214)¹⁰. A maior ocorrência do modo *irrealis* está em tempos verbais como o futuro e o não passado (VELUPILLAI, 2012, p. 216). Um esquema gráfico sobre modo está disponibilizado no Apêndice C deste texto.

2.2.1.5 MODALIDADE

A categoria modalidade difere de tempo, aspecto e modo na medida em que não se refere diretamente a nenhuma característica do evento, mas ao julgamento feito pelo falante sobre a informação proposicional contida na oração que, sendo uma construção mental, não pode ser localizado nem no espaço nem no tempo. Sua avaliação é feita em termos de sua verdade (HENGEVELD, 2000, p. 1104), denotando rótulos semânticos ao evento (VELUPILLAI, 2012, p. 214).

Tais rótulos semânticos podem estar relacionados às proposições ou ao evento *per se*. Assim, pode-se observar duas grandes divisões na categoria modalidade: modalidades proposicionais e modalidades do evento.

2.2.1.5.1 Modalidades proposicionais

Quando se fala em modalidades proposicionais, o que se deve ter em mente é que elas estão relacionadas às atitudes dos falantes diante do valor de verdade da informação comunicada na proposição (VELUPILLAI, 2012, p. 217).

Existem dois tipos de sistemas de modalidades proposicionais: as modalidades epistêmicas e as evidenciais. Isso será tratado nas próximas seções.

¹⁰ A oposição *realis/irrealis* é essencialmente a mesma que a oposição *indicativo/subjuntivo* encontrada em muitas línguas indo-europeias.

2.2.1.5.1.1 Modalidades epistêmicas

Modalidades epistêmicas são aquelas por meio das quais o falante expressa um julgamento qualitativo sobre a informação da proposição (VELUPILLAI, 2012, p. 217–219). Esse julgamento pode-se dar de três modos, que estão dispostos a seguir.

I. ESPECULATIVO

Quando o falante está incerto sobre a veracidade da informação e há um grau menor de convicção.

(PRAÇA, 2007, p. 169, nossa análise)

(12)	<i>ã'ẽ=gã-ø</i>	ke	<i>a-xokã</i>	<i>xãwãr-oo-ø</i>	<i>rã'e</i>
	DEM=SG-RFR	ESP	3.A-matar	cachorro-INT-RFR	PAS
	'Ele talvez matou a onça.'				

A partícula *ke* (*ke* ~ *ike*) expressa dúvida do falante com relação ao conteúdo da informação.

II. DEDUTIVO

O falante infere algo com base em experiências externas a ele e está bastante convencido da veracidade da informação.

III. ASSUMPTIVO/PRESUMIDO

O falante infere algo com base naquilo que é de conhecimento geral a respeito do fato.

2.2.1.5.1.2 Modalidades evidenciais

As modalidades evidenciais codificam o tipo de evidência que o falante tem para determinada proposição. Tais evidências podem ser: a) sensorial ou direta; ou b) reportada ou quotativa (PALMER, 2001, p. 8–9; VELUPILLAI, 2012, p. 217).

I. SENSORIAL OU DIRETA

É aquela obtida por meio dos sentidos. Subdivide-se em:

- a) Visual;
- b) Não visual;
- c) Auditiva.

II. REPORTADA OU QUOTATIVA:

É aquela na qual o falante não é testemunha do evento, mas tem, por outros meios não diretos, evidências sobre o fato. Subdivide-se em (PALMER, 2001, p. 20–21):

- a) Informação de primeira mão;
- b) Informação de segunda mão, que se relaciona a algo que se ouviu dizer;
- c) Geral, que se relaciona ao que geralmente se diz ser verdade.

Na língua Apyãwa, um exemplo de um mecanismo para exprimir uma modalidade evidencial é o *pa*, “partícula de fonte da informação que indica inferência em geral. A inferência pode ser decorrente de uma evidência sensorial [...], baseada na observação, ou de notícia anônima que corre publicamente sem confirmação” (PRAÇA, 2007, p. 162). Abaixo, um exemplo com a partícula *pa*.

(PRAÇA, 2007, p. 163, nossa análise)

(13) *marare-ø pa 'ã-wo a-ka*
 vaca-RFR INFER D.E-LOC 3.A-estar

'As vacas estão por aqui (ouvindo o mugir do gado).'

2.2.1.5.2 *Modalidades eventivas*

As modalidades eventivas estão relacionadas a uma ação potencial. Os eventos ainda não foram realizados, mas são possíveis ou prováveis (VELUPILLAI, 2012, p. 220–223). As modalidades do evento se dividem em duas subcategorias: deôntica e dinâmica.

2.2.1.5.2.1 Deôntica

Na modalidade deôntica, fatores externos iniciam ou condicionam a ação. Ela pode ser de duas naturezas: diretiva e comissiva.

I. DIRETIVA

Relaciona-se a quando o indivíduo tenta iniciar uma ação, e isso pode-se dar dos seguintes modos:

- a) Obrigativo;
- b) Permissivo;
- c) Jussivo/imperativo.

II. COMISSIVAS

Está relacionada a quando o falante certifica-se de que uma ação ocorrerá.

2.2.1.5.2.2 Dinâmica

Em contraposição à modalidade deôntica, em que fatores externos condicionam o evento, na modalidade dinâmica, são fatores internos que iniciam ou condicionam a ação. Ela se divide em habilitativa e volitiva.

I. HABILITATIVA

Denota a capacidade por parte do falante de realizar a ação.

II. VOLITIVA

Denota vontade/desejo por parte do falante de realizar a ação.

Um esquema gráfico sobre modalidade está disponibilizado no Apêndice D deste texto.

Neste ponto, encerra-se o que era preciso apresentar sobre a morfologia de TAM. Agora, passa-se para outro assunto de relevância para o tema em estudo e que também está relacionado a gramaticalização: a integração gramatical em construções multioracionais.

3 O CONTINUUM DA INTEGRAÇÃO GRAMATICAL EM CONSTRUÇÕES MULTIORACIONAIS

Da mesma forma que os morfemas podem se gramaticalizar, construções multioracionais também podem sofrer influências de gramaticalização, dando-se isso sob a forma de um *continuum* (LEHMANN, 2002; PAYNE, 2006). Como já foi dito na seção 2.1.3, o ser humano categoriza as informações recebidas por ele, e cada categoria discriminada possui um representante prototípico, que é aquele que reúne os traços recorrentes da categoria.

Dessa mesma maneira funciona o *continuum* da integração gramatical das construções multioracionais. Em cada um extremo dos extremos dele, está o representante prototípico de cada situação de integração: de um lado, a máxima coordenação, no caso, quando se apresentam duas ou mais orações completamente independentes; do outro, a máxima integração, com os elementos compondo uma oração somente, um subordinando-se ao outro. Entre esses extremos, nessas instâncias intermediárias, habitam os vários tipos de construções multioracionais por compartilharem características de uma e outra categoria. Tais construções serão apresentadas a seguir.

Figura 2: *Continuum* da integração gramatical



Fonte: a autora.

É importante salientar que esta classificação não é categórica. Conforme foi dito anteriormente, trata-se de um *continuum*, sendo, às vezes, difícil delimitar exatamente as fronteiras entre uma e outra categoria. Além disso, é um trabalho árduo tirar a subjetividade do pesquisador que está se valendo da classificação. Deste modo, mais do que qualquer nomenclatura, o que mais importa para os propósitos deste trabalho, que é de cunho funcionalista, é exatamente a função de cada estrutura. Essa

observação é importante porque, em certos momentos, diferentes autores vão chamar a mesma estrutura por nomes distintos.

3.1 COORDENAÇÃO

Basicamente, coordenação são os recursos usados pela língua para ligar duas orações de *status* gramatical equivalente, sendo que tais orações devem ter, mais ou menos, a mesma função em termos de estrutura de evento e devem estar ligadas conceptualmente de alguma forma.

Assim, o conceito de coordenação necessariamente passa pelo conceito de período simples. Período simples é aquele composto por uma única oração, ou seja, é formado por uma oração independente, que é aquela que pode ser usada individualmente no discurso. A próxima seção apresentará como o período simples funciona no Apyãwa.

3.1.1 Período simples na língua Apyãwa

No que diz respeito ao período simples da língua Apyãwa, podem-se encontrar dois tipos de orações independentes: orações com predicados não verbais e orações com predicados verbais. A seção 3.1.1.2 trará informações bem sintáticas a respeito dos predicados não verbais, pois esse não é o foco deste trabalho. Os predicados verbais, por sua vez, serão mais esmiuçados na seção 3.1.1.3. Todavia, antes de os predicados não verbais e verbais serem tratados, fazem-se necessárias mais explicações acerca da estrutura da língua Apyãwa.

3.1.1.1 Estrutura da língua Apyãwa

A língua Apyãwa, pertencente ao subgrupo IV da família Tupí-Guaraní, do tronco Tupí (RODRIGUES, 1964) é basicamente aglutinante (PAULA, 2012, p. 24), não possui ordem fixa de constituintes, mas se percebe que, em algum momento da linha temporal, tratava-se de uma língua OV principalmente por ser uma língua

basicamente constituída por posposições e o genitivo preceder o nome possuído (GREENBERG, 1966). Em termos verbais, o sintagma é composto pelo marcador de pessoa (Cf. 3.1.1.1.2) seguido pelo verbo.

3.1.1.1.1 *Nomes compostos e regras morfofonêmicas*

No Apyãwa, há duas maneiras de se derivar nomes por composição: pela combinação de duas bases nominais (NOME + NOME) ou pela junção de uma base nominal a um verbo intransitivo (NOME + VERBO) (PRAÇA, 2007, p. 71–76).

Os compostos do tipo nome + nome podem ser de dois tipos: aqueles cujo núcleo ocupa a segunda posição e aqueles cujo núcleo se apresenta na primeira posição.

3.1.1.1.1.1 Compostos nominais com núcleo na segunda posição

Nesse caso, a primeira base é o modificador e a segunda o núcleo. Veja os exemplos a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 72, nossa análise)

(14) *men-y*

marido-mãe

‘Sogra.’ (lit: mãe de marido)

(PRAÇA, 2007, p. 72, nossa análise)

(15) *ÿj-mir*

dente-pele

‘Gengiva.’ (lit: pele de dente)

3.1.1.1.1.2 Compostos nominais com núcleo de primeira posição

Nesse caso, o primeiro nome é o núcleo e o segundo é o modificador. Nesse tipo de composição, é expresso um atributo da entidade, funcionando este segundo elemento de maneira adjetival.

A seguir, exemplo com esse tipo de composição.

(PRAÇA, 2007, p. 74, nossa análise)

(16) *'ipir-ỹj*

peixe-dente

'Pinhara.' (lit: 'peixe com dente')

3.1.1.1.1.3 Compostos nome-verbo

Nesses, a base nominal funciona como núcleo do sintagma e o verbo, como modificador. A seguir, são apresentados alguns exemplos.

(PRAÇA, 2007, p. 75, nossa análise)

(17) *yro-pem*

cesto-ser anguloso

'Peneira.' (lit: cesto anguloso)

(PRAÇA, 2007, p. 75, nossa análise)

(18) *maj-xinig*

cobra-retinir

'Cascavel.' (lit: cobra que retine)

O exemplo 17 traz uma composição com um verbo estativo e, o exemplo 18, uma composição com verbo dinâmico.

Por ser uma língua basicamente aglutinativa, é muito relevante apresentar neste trabalho as regras morfofonêmicas que aparecem nas junções dos morfemas. É para isso a que também se destina esta seção.

A língua Apyãwa, quanto à composição de palavras, possui regras específicas para as junções de morfemas no interior das palavras (PRAÇA, 2007, p. 73). São elas:

- a) Cai a consoante final diante de consoante inicial obrigatoriamente em fronteira de morfema e facultativamente diante de fronteira de palavra;
- b) Ocorre somente um acento nos compostos, formando, assim, uma só palavra fonológica (nos sintagmas nominais, há um acento para cada palavra que os constituem);
- c) Na composição, não se marca nem o sufixo referenciante {-a}¹¹ e nem o relacional¹² entre as duas bases;
- d) A consoante oclusiva bilabial surda /p/ nasaliza-se após vogal nasal;
- e) A consoante oclusiva bilabial surda /p/ transforma-se na sonora /w/ quando precedida por uma das consoantes orais /w/ ou /r/, com a restrição de que, caso haja alguma consoante nasal na base seguinte, haverá somente a redução da sequência consonantal, e a consoante final da primeira palavra desaparece;
- f) Cai a oclusiva glotal após alveolar /r/ e labial /m/.

Cabe ressaltar que tais regras funcionam da mesma maneira tanto para a junção de compostos NOME+NOME, quanto de NOME+VERBO. Aqui é importante salientar o fato de que as regras morfofonêmicas de junção de palavras aparecerão em nosso objeto de estudo, que são as sequências verbais.

¹¹ O sufixo referenciante assinala a função argumentativa de um nome.

¹² O prefixo relacional indica que os elementos estão hierarquizados dentro de um mesmo sintagma, sendo o núcleo prefixado por ele.

3.1.1.1.2 Marcadores de pessoa

As línguas pertencentes à família Tupí-Guaraní possuem quatro conjuntos de marcadores de pessoas, cada um empregado em uma situação, com a finalidade de se fazer a correferência entre os argumentos das orações (JENSEN, 1990). Então, dessa mesma maneira funciona a língua Apyãwa, conforme pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Marcadores de pessoa do Apyãwa

		Série Ativa (A)	Série Não Ativa (NA)	Série Correferencial (C)	Série de Hierarquização (H)
Forma	1SG	ã-	xe	we-~wex-	
	1PL EXC	ara-	are	ara-~arax-	
	1PL INC	xi-	xane	xere-~xerex-	
	2SG	ere-	ne	e-~ex-	1SG ou 1EXC→2SG: ara-*
	2PL	pe-	pe	pexe-~pexex-	1SG→2PL: ãpa-*
	3SG/PL	a-	i- ø- t- h-	a-~w-	
Função		Os índices desta série são prefixos não acentuados e marcam o argumento com semântica agentiva. Só ocorrem com verbos dinâmicos (transitivos ou intransitivos) e em orações principais, ou seja, não estão presentes em uma subordinação. Outra exceção é que nunca ocorrem	Os índices desta série são, na maioria dos casos ¹³ , clíticos não acentuados, com exceção dos da terceira pessoa. Podem estar presentes tanto em orações principais quanto em subordinadas. Caracterizam argumentos pacientes e só ocorrem com	Esta série de prefixos não acentuados pode ser verificada em nomes**, posposições e verbos descritivos, nestes indicando a correferência entre o complemento e o sujeito da oração independente. É observada nas seguintes subordinações: a) Nas orações subordinadas de sujeito idêntico, em verbos intransitivos; b) Nas orações consecutivas, em	Os índices desta série são prefixos não acentuados. Ela é exclusiva de verbos e refere-se ao objeto. É usada quando o paciente de segunda pessoa tem proeminência em relação ao agente de primeira pessoa.

¹³ Os clíticos da Série Não Ativa receberão, em geral, acento quando forem complemento da posposição *we* 'dativo'.

	Série Ativa (A)	Série Não Ativa (NA)	Série Correferencial (C)	Série de Hierarquização (H)
	quando o paciente for de primeira e segunda pessoas em relação a uma terceira pessoa. Neste caso, observa-se a hierarquia de pessoa.	verbos estativos.	verbos intransitivos; c) Nas orações subordinadas de sujeito distinto, quando houver uma correferência entre o sujeito da oração principal e o objeto da subordinada, em todas as pessoas.	

Fonte: Os dados foram retirados de Praça (2007), e a elaboração e consolidação do quadro são nossas.

* Exceto na primeira pessoa do plural inclusiva.

** Caso haja correferência entre o possuidor do nome relativo na função de objeto e o sujeito da oração.

Como pode ser observado, o quadro foi dividido em duas partes. Na primeira, mais acima, é exposta a forma dos índices de marcação de pessoa separados nos quatro conjuntos mencionados. Na segunda parte, abaixo, estão as informações a respeito do funcionamento de cada conjunto de marcadores.

Os marcadores de pessoa no Apyãwa são apresentados por Praça (2007) em quatro séries. A Série I, que neste trabalho será chamada de Série Ativa¹⁴ e é exclusiva de verbos ativos, contém prefixos não acentuados e marca o argumento com semântica agentiva. Ela somente ocorrerá em orações principais. A Série II, aqui denominada Série Não Ativa, é composta basicamente por pronomes clíticos, com exceção da terceira pessoa, e caracteriza argumentos pacientes. Pode ocorrer tanto em orações principais quanto em subordinadas. A Série III, também formada por prefixos não acentuados e aqui nomeada como Série Correferencial, pode flexionar-se com nomes, verbos e posposições e indica a correferência entre complementos e o sujeito da oração independente. Ela não ocorre em orações principais. Por fim, há os prefixos da Série IV, também exclusivos de verbos divalentes, que, neste trabalho, serão agrupados na chamada Série de Hierarquização. Esta refere-se ao objeto e é usada quando o paciente de segunda pessoa tem proeminência em relação ao agente de primeira pessoa.

Assim, os marcadores de pessoa, além de codificarem número e pessoa do referente, também evidenciam a relação gramatical – relações estruturalmente

¹⁴ A mudança de nomenclatura foi sugerida pela própria autora Praça.

definidas entre palavras em sintagmas e orações (PAYNE, 2006, p. 210) – deles e não necessariamente o papel semântico, pois a “mesma relação gramatical codificada morfossintaticamente admite mais de um papel semântico” (GIVÓN, 2001a, p. 173, tradução nossa)¹⁵.

Contudo, o que se deve observar é que os verbos em Apyãwa possuem somente uma vaga morfológica de maneira que, em verbos intransitivos, esta vaga é ocupada pelo argumento S; por sua vez, em verbos transitivos, a vaga pode ser ocupada ou pelo argumento A ou pelo argumento P (PRAÇA, 2007, p. 94), seguindo a hierarquia de pessoa, que será tratada na seção subsequente.

3.1.1.1.3 Hierarquia de pessoa

O que se observa no Apyãwa é que as séries de marcação de pessoa são empregadas conforme um sistema de hierarquia entre as pessoas do discurso restrito a verbos transitivos, pois, na língua, há apenas uma vaga morfológica no verbo, sendo marcada sempre aquela pessoa de mais alta graduação, e a língua sempre favorece as pessoas intralocutivas. Assim, em geral, primeira e segunda pessoas são hierarquicamente superiores à terceira, e, havendo nivelamento de participantes, sempre o agente é que será marcado.

Em verbos intransitivos, codifica-se o argumento S, como pode ser visto nos exemplos abaixo.

(PRAÇA, 2007, p. 96, nossa análise)

(19)	<i>ã-yj</i>	<i>rãka</i>	<i>ã'ẽ</i>	<i>nã=xẽ=r-ãkwãr-i</i>
	1SG.A-correr	PAS.REC	CD	não=1SG.NA=R-escorregar-NEG
	'Corri e não escorreguei.'			

¹⁵ Original: “[...] the same morpho- syntactically coded GR admits more than one semantic role.”

(PRAÇA, 2007, p. 96, nossa análise)

- (20) *ere-par ãkaj e-a-wo xe=r-exāk-a*
 2SG.A-sair C.I.COM 2SG.C-ir-OSSI 1SG.NA=R-ver-OSSI

'Você saiu para me ver.'

Os exemplos 19 e 20 trazem verbos intransitivos dinâmicos (Cf. seção 3.1.1.3.1) correr e sair. Neles, o argumento S é referenciado com paradigmas da Série Ativa. No exemplo 19, a primeira pessoa; no exemplo 20, a segunda.

A seguir, observe o exemplo 21.

(PRAÇA, 2007, p. 27, nossa análise)

- (21) *marãxe'i-∅ i-kywer*
 Marãxe'i-R 3.NA-ser.magra

'Marãxe'i é magra.'

O exemplo 21 contém um verbo intransitivo estativo (Cf. seção 3.1.1.3.2). *Marãxe'i*, nome próprio, é referenciada com um prefixo de terceira pessoa, só que, desta vez, trata-se de um prefixo da Série Não Ativa.

Na sequência, exemplos com verbos transitivos, em que ocorre a hierarquia de pessoa.

(PRAÇA, 2007, p. 101, nossa análise)

- (22) *ãpĩ korinãka'i-∅ xe=∅-mook*
 mamãe Korinãka'i-RFR 1SG.NA=R-molhar

'Mamãe, Korinãka'i me molhou.'

(PRAÇA, 2007, p. 101, nossa análise)

- (23) *veva-∅ ne=r-arõ a-ka-wo ka-pe*
 Veva-R 2SG.NA=R-esperar 3.C-estar-OSSI roça-LOC

'A Veva está esperando você na roça.'

Em verbos transitivos, a primeira pessoa tem proeminência em relação à segunda, e estas duas são hierarquicamente superiores à terceira pessoa – e a vaga morfológica deve ser codificada segundo esse critério. A única exceção é quando ocorre de uma primeira pessoa agir sobre uma segunda pessoa. Neste caso, serão usados marcadores da Série de Hierarquização. Vale ressaltar que, no caso de nivelamento de terceiras pessoas, é o agente que deve ser codificado (PRAÇA, 2007, p. 104).

Observa-se que, no exemplo 22, há um argumento de terceira pessoa, *Korināka'i*, e um de primeira pessoa. Assim, o argumento codificado é este de primeira pessoa, mesmo sendo o paciente da ação, pois, pela hierarquia de pessoa, a primeira pessoa é hierarquicamente superior à terceira. É exatamente por isso que a codificação é feita por meio de um marcador da Série Não Ativa.

No exemplo 23, há o confronto entre um argumento de terceira pessoa, *Veva*, e um de segunda pessoa. Novamente, quem é codificado é o argumento de segunda pessoa com o clítico da Série Não Ativa $\{=ne\}$, pois a segunda pessoa é hierarquicamente superior à terceira.

Quando ocorre de um argumento de primeira pessoa agir sobre um de segunda, a língua Apyãwa possui um conjunto específico de marcadores para esta situação, conforme pode ser visto nos exemplos abaixo.

(PRAÇA, 2007, p. 52, nossa análise)

- (24) **ara-ãro** *ekwe* *ka-pe* *i-a-e'ym-amō*
 2SG.H-esperar F.IMI roça-LOC 3.NA-ir-NEG-ISSD
 'Eu te esperarei na roça se ele não for.'

(PRAÇA, 2007, p. 154, nossa análise)

- (25) *ie-∅* **ãpa-ixãk**
 1SG-R 2PL.H-ver
 'Eu vejo vocês.'

Caso haja uma primeira pessoa agindo sobre uma segunda, são os prefixos da Série de Hierarquização que devem ser utilizados. Estes referem-se ao paciente, que, neste caso, tem proeminência em relação à primeira pessoa (PRAÇA, 2007, p. 104), e os exemplos 24 e 25 demonstram a ocorrência desse fenômeno. Quando a primeira pessoa está agindo sobre uma segunda pessoa do singular, usa-se o prefixo {ara-}. No caso de a primeira pessoa agir sobre uma segunda pessoa do plural, é o prefixo {ãpa-} que figura.

Aqui se encerra a parte de hierarquia de pessoa. As próximas seções apresentarão os tipos de orações que podem ser encontradas nos períodos simples da língua Apyãwa.

3.1.1.2 Orações com predicados não verbais

Orações com predicados não verbais são aquelas cujo núcleo é algo diferente de um verbo. Linguisticamente, existem três tipos de predicados não verbais: os nominais, os adjetivais e os locativos (DRYER, 2007, p. 224).

No caso da língua Apyãwa, os predicados não verbais dividem-se em:

- a) Existenciais, aquelas cujo núcleo do predicado é um nome não marcado com o sufixo referenciante {-a};
- b) Equativos, aquelas que expressam uma relação de identidade;
- c) Inclusivos, que inserem determinada entidade em um conjunto;
- d) Locativos.

Os predicados existenciais, equativos e inclusivos, no Apyãwa, não recebem cópula, diferentemente do locativo, que é copular, como demonstrado nos exemplos subsequentes.

(PRAÇA, 2007, p. 191, nossa análise)

(26) *eirowi-∅* *∅-etym*

Eirowi-RFR 3.NA-casa

'Eirowi tem casa.' (lit: Eirowi, a casa dela existe)

(PRAÇA, 2007, p. 194, nossa análise)

- (27) *porãke'i-∅* *xe=∅-y-∅*
 Porãke'i-RFR 1SG.NA=R-mãe-RFR
 'Porãke'i é minha mãe.'

(PRAÇA, 2007, p. 195, nossa análise)

- (28) *ie-∅* *karamee* *parama'eãr-a*
 1SG-RFR PAS.REM professor-RFR
 'Eu fui professor.'

(PRAÇA, 2007, p. 163, nossa análise)

- (29) *marare-∅* *pa* *'ã-wo* *a-ka*
 vaca-RFR INFER D.E-LOC 3.A-estar
 'As vacas estão por aqui (ouvindo o mugir do gado).'

O exemplo 26 retrata um predicado existencial possessivo; o exemplo 27, um equativo; o exemplo 28, um inclusivo; e o exemplo 29, um locativo, cuja cópula está em destaque.

3.1.1.3 Orações com predicados verbais

Uma oração com predicado verbal, basicamente, é aquela formada pelo referente, não obrigatório, e pelo predicado propriamente dito, cujo núcleo é um verbo. De acordo com o número de argumentos requeridos por este verbo, as orações podem ser divididas em intransitivas, aquelas de argumento único, e transitivas, cujos verbos requerem dois ou mais argumentos.

3.1.1.3.1 Orações intransitivas

Ao se observar as orações intransitivas do Apyãwa, pode-se perceber que estão sob um regime de intransitividade cindida, pois, no caso de verbos dinâmicos, o argumento S é expresso da mesma maneira que o argumento A de uma oração transitiva. Por sua vez, com verbos estativos, o único argumento da intransitiva é expresso da mesma maneira que o argumento P da transitiva.

Sobre as orações intransitivas dinâmicas, afirma Praça que:

[...] são constituídas por um verbo intransitivo ativo que se flexiona com os prefixos marcadores de pessoa da Série I (cf. (4.1.1)). Têm por predicado um verbo que admite apenas o argumento único em função de sujeito. Além do predicado, que é o constituinte básico dessas orações, observa-se a ocorrência opcional de outros constituintes como sintagmas nominais na função de sujeito, demonstrativos espaciais, partículas, expressões adverbiais tais como advérbios, sintagmas posposicionais, sintagmas locativos. Em orações constituídas apenas por sujeito e predicado, o sintagma nominal sempre antecede o predicado (PRAÇA, 2007, p. 180).

Assim, observe o exemplo 30:

(PRAÇA, 2007, p. 70, nossa análise)

- (30) *ãxe'i-wār-a* **a-pãw**
 ontem-N.CIR-RFR **3.A-acabar**
 'O que é de ontem acabou.'

Nele, é possível ver, em negrito, o índice da Série Ativa referente à terceira pessoa, {a-}, prefixado ao verbo.

Agora, observe o exemplo 31:

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (31) **ne=r-etym-a** *i-kãto*
2SG.NA=R-casa-RFR 3.NA-ser.bonito
 'Sua casa é bonita.'

O exemplo 31, por sua vez, mostra como se apresenta uma construção intransitiva estativa em Apyãwa. Nela, o argumento S é marcado pelo índice de pessoa da Série Não Ativa {i-}, e o núcleo do predicado é um verbo estativo, classe que exprime:

[...]conceitos que denotam qualidades em geral, estados, incluindo conceitos como: a) dimensão: ser comprido, ser alto; b) valor: ser bom, ser bonito; c) cores: branco, amarelo, vermelho; d) propriedades físicas: ser duro, ser quente, ser doce; além de sensações psíquicas, como: estar alegre e estar triste” (PRAÇA, 2007, p. 99).

Vale ressaltar que o núcleo do predicado também pode ser ladeado por expressões adverbiais e partículas, como qualquer predicado, conforme pode ser visto nos exemplos seguintes.

(PRAÇA, 2007, p. 182, nossa análise)

- (32) *mãir-a* *ø-tãj-pe* *mĩ* *i-eew*
 não.índio-RFR R-aldeia-LOC HAB 3.NA-ser.preguiçoso
 ‘Na cidade, ele é sempre preguiçoso.’

(PRAÇA, 2007, p. 182, nossa análise)

- (33) *i-kyrã* *karamee*
 3.NA-ser.gordo PAS.REM
 ‘Ela era gorda.’

No exemplo 32, é possível observar tanto a expressão adverbial *mãira tãjpe* quanto a partícula habitual, *mĩ*, acompanhando o núcleo do predicado estativo. No exemplo 33, por sua vez, há a partícula indicadora do passado remoto junto do núcleo do predicado.

3.1.1.3.2 Orações transitivas

Orações transitivas são aquelas que têm como núcleo do predicado um verbo transitivo, ou seja, um verbo que requer, no mínimo, dois argumentos: um argumento com características mais semelhantes às do agente e outro mais semelhante ao paciente. O que acontece no Apyãwa é que, apesar de o verbo requerer dois argumentos, há apenas uma vaga morfológica para a expressão argumental, que pode ser preenchida pelo argumento A ou pelo argumento P. Assim, os verbos recebem os marcadores de pessoa de acordo com a hierarquia de pessoa (PRAÇA, 2007, p. 183), conforme apresentado na seção 3.1.1.1.3. Os marcadores de pessoa se flexionam com paradigmas das séries Ativa, Não Ativa e de Hierarquização.

Caso o argumento interno do verbo seja não pronominal, este recebe o sufixo referenciante {-a} (-a ~ -∅), que assinala a função argumentativa. Sendo o argumento interno pronominal, não há a possibilidade de se usar o sufixo referenciante uma vez que a relação argumental do verbo já estará indicada no marcador de pessoa.

3.1.2 Estratégias de coordenação de orações

Inúmeras vezes, algumas estratégias para coordenar orações são similares às usadas para a junção de sintagmas nominais; contudo, muitas línguas escolhem estratégias diferentes de junção para orações e para sintagmas nominais. Os recursos mais comuns para se fazer isso são a estratégia *zero*, na qual as orações são simplesmente justapostas uma à outra; e o uso de *conectivos*, as conjunções (PAYNE, 2006, p. 309–310).

Assim, pode-se dividir a coordenação em dois grandes grupos: um abrangendo o caso de coordenação de unidades sem qualquer marcador explícito, chamado de coordenação assindética; e outro que envolve um dispositivo explícito de ligação, a coordenação sindética (VELUPILLAI, 2012, p. 308–310).

A próxima seção tratará de como se dá o processo de coordenação na língua Apyãwa.

3.1.2.1 Coordenação na língua Apyãwa

As línguas Tupí, como outras, têm períodos simples, constituídos apenas de uma oração, e períodos compostos, aqueles que são formados por mais de uma oração. Assim, oração é uma unidade de organização gramatical que é menor que o período e congrega sujeito e predicado. Tais orações podem ser independentes entre si ou apresentarem uma relação de subordinação, havendo uma oração principal e uma ou mais orações dependentes – subordinadas.

Em Apyãwa, os períodos compostos podem ser dotados de orações coordenadas ou subordinadas adverbiais. As orações coordenadas serão tratadas na próxima seção; e as subordinadas adverbiais, na seção 3.2.2.1.

3.1.2.1.1 Orações coordenadas

Conforme o que foi visto na seção 3.1, as línguas dispõem de certos recursos para ligar duas orações cujo *status* é semelhante. O Apyãwa utiliza, para esse fim, os dois tipos de estratégia: a coordenação assindética e a sindética.

Nas coordenações sindéticas do Apyãwa, pode-se encontrar orações com conectivos, como, por exemplo, o demonstrativo *ã'e*, que opera uma coordenação aditiva. Acontece que o demonstrativo *ã'ẽ*¹⁶, na função de conectivo discursivo, expressa basicamente coordenação de orações que têm cada uma sentido próprio, autônomo, e que se organizam e se ordenam em uma sentença.

A seguir, é apresentado um exemplo para ilustrar essa questão¹⁷.

¹⁶ De todos os conectivos, esse é o único que não ativa o indicativo 2 e apresenta coordenação gramatical e semântica.

¹⁷ Há outros conectivos na língua que expressam coordenação. Para mais informações, consultar (PRAÇA, 2007, p. 203–205)

(PRAÇA, 2007, p. 203, nossa análise)

(34) *xãpākani-∅ a-pyy-patār i-re-ka-wo*
 gavião-RFR 3.A-pegar-querer 3.NA-CC-estar-OSSI

wyrã-'i-∅ ã'e n=a-pyyk-i
 pássaro-ATE-RFR CD não=3.A-pegar-NEG

‘O gavião queria pegar o passarinho (estando com ele) e não o pegou.’

A língua Apyãwa também utiliza coordenações assindéticas, ou seja, de estratégia zero para indicar coordenação. Nestas, as orações se justapõem uma à outra sem o uso de qualquer conectivo

Nas orações coordenadas do Apyãwa, cuja organização interna assemelha-se à das orações independentes, predicados dinâmicos flexionam-se com as mesmas marcas de pessoa da Série Ativa, salvo quando ocorre a hierarquia de pessoa. No caso de predicados estativos, estes recebem os índices de pessoa da Série Não Ativa sem qualquer marca de subordinação. Os próximos exemplos refletem isso, além de apresentarem como funciona a coordenação assindética.

(PRAÇA, 2007, p. 202, nossa análise)

(35) *kwãxi-∅ a-o'o ãpĩ-∅ a-nopỹ-nopỹ*
 quati-RFR 3.A-morder mamãe-RFR 3.A-bater-REDUP

‘O quati mordeu a mamãe (e), ela bateu muito nele.’

(PRAÇA, 2007, p. 202, nossa análise)

(36) *marare-∅ panē a-manō i-kaw rō'ō*
 vaca-RFR FRUST 3.A-morrer 3.NA-ter.banha N.ASS

‘A vaca morreu, parece que ela tinha banha.’

O exemplo 35 retrata duas orações coordenadas com sujeitos diferentes. Tanto o sujeito da primeira oração, 'quati', quanto o da segunda, 'mamãe', são agentes e, portanto, recebem os índices da Série Ativa.

O exemplo 36, por sua vez, revela uma situação em que ambas as orações coordenadas têm o mesmo sujeito, 'vaca'. Na primeira oração, 'a vaca morreu', por *morrer* ser um verbo dinâmico, a vaga morfológica do verbo é ocupada por um índice da Série Ativa. Já na segunda oração, devido ao fato de *ter banha* ser um verbo estativo, a vaga morfológica é ocupada por um índice da Série Não Ativa.

3.2 SUBORDINAÇÃO

A noção de subordinação aparece em situações nas quais existe, entre os termos constituintes, uma relação de determinante e determinado (CÂMARA JR., 2009, p. 281).

Apesar da presente dependência sintática, é imprescindível ressaltar o fato de esta não ser uma propriedade discreta e absoluta, mas habitar o *continuum* de integração gramatical:

Ao longo do *continuum* funcional, as características semânticas proposicionais da integração de eventos mesclam-se gradualmente com as características mais discursivas-pragmáticas da coerência entre eventos. Ao longo do *continuum* sintático [...], os vínculos gramaticais da dependência interoracionais tornam-se gradualmente mais frouxos (GIVÓN, 2001b, p. 328, tradução nossa)¹⁸.

Nesta sessão, serão apresentadas as construções multioracionais dispostas no *continuum* da integração gramatical a partir da mais frouxa sintaticamente para a mais integrada.

¹⁸ Original: "Along the functional continuum, the propositional-semantic features of event integration shade gradually into the more discourse-pragmatic features of cross-event coherence. Along the parallel syntactic continuum, the grammatical bonds of inter-clausal dependence become gradually looser."

3.2.1 Cadeia de orações

A cadeia de orações é um mecanismo pelo qual “várias orações relacionadas a eventos distintos, mas relacionados, são colocadas em sequência” (DIXON, 2010, p. 410, tradução nossa)¹⁹, havendo uma oração principal e uma ou mais orações dependentes ligadas entre si por morfologia específica (PAYNE, 2006, p. 300), mas sem qualquer marcador sintático evidente.

Geralmente, somente uma das orações da cadeia flexiona-se em tempo-aspecto-modalidade, enquanto as outras – também chamadas de orações mediais – estão em formas não finitas, podendo estas marcar apenas se têm argumentos iguais ou diferentes dos da oração principal (DIXON, 2010, p. 410).

Dentro das cadeias de orações, é comum o sistema de *switch-reference*, que basicamente é um dispositivo de rastreamento de referência que indica se o sujeito da oração subordinada é o mesmo ou é diferente daquele presente na oração principal (VELUPILLAI, 2012, p. 337).

3.2.2 Orações adverbiais

Orações adverbiais são aquelas que, num período composto, exercem uma função adverbial em relação à oração principal, modificando um sintagma verbal ou uma oração inteira. Por não desempenharem função de argumento da oração principal, também são chamadas de adjuntos. Elas se anexam a orações já completas simplesmente adicionando uma informação ao que já está previamente expresso pela oração principal (PAYNE, 2006, p. 297).

A próxima seção tratará das orações adverbiais na língua Apyãwa.

¹⁹ Original: “[...] a number of clauses referring to distinct but related events are placed in sequence.”

3.2.2.1 Orações subordinadas adverbiais na língua Apyãwa

Diferentemente das orações coordenadas, as orações subordinadas adverbiais do Apyãwa apresentam marcas de dependência sintática e exercem uma função adverbial em relação à oração principal, conforme o que foi dito na seção 3.2.2. Nelas, a hierarquia de pessoa não ocorre, e os argumentos são codificados por índices da Série Não Ativa e da Série Correferencial. Elas se dividem em: a) orações subordinadas de sujeito distinto²⁰; b) orações subordinadas de sujeito idêntico²¹; c) orações consecutivas; d) orações subordinadas não ativas (PRAÇA, 2007).

3.2.2.1.1 Orações subordinadas de sujeito distinto – OSSD

As características proeminentes das OSSD é que não há correferência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada. Restringem-se à ocorrência de verbos transitivos ou intransitivos dinâmicos na subordinada. Podem expressar circunstâncias temporais, causais ou condicionais. A dependência sintática é marcada pelo morfema {-ãramõ} (-ãramõ ~ -ramõ ~ -amõ ~ -mõ). Caso a oração subordinada seja intransitiva, sendo esta dinâmica ou estativa, seu argumento S será codificado com o mesmo índice do argumento P da transitiva, ou seja, com índices da Série Não Ativa. Sendo a oração subordinada transitiva, a correferência entre o argumento A ou S da matriz e o P da subordinada será feita por meio de índices da Série Correferencial (PRAÇA, 2007).

A seguir, exemplos de orações subordinadas de sujeito distinto.

(PRAÇA, 2007, p. 202, nossa análise)

(37) *ã-yj* *ekwe* **wex-exãk-ãramõ**

1SG.A-correr F.IMI **1SG.C**-ver-OSSD

‘Eu vou correr, se (você) me olhar.’

20 Tradicionalmente, nas línguas Tupí, são conhecidas como subjuntivo.

21 Tradicionalmente, nas línguas Tupí, conhecidas como gerúndio.

(PRAÇA, 2007, p. 202, nossa análise)

(38) *a-yj* *mĩ* *a-ixãk-ãramõ*

3.A-correr HAB 3.C-ver-OSSD

'Ele sempre corre quando você o olha.'

O exemplo 37 apresenta a correspondência entre a primeira pessoa, que é o argumento S da oração principal, e o argumento P da subordinada, que estão destacados. Contudo, o sujeito da subordinada é a segunda pessoa, mas não está codificado devido à hierarquia de pessoa. Assim, os sujeitos das orações não coincidem. Algo parecido acontece no exemplo 38. Os sujeitos das matrizes não coincidem com os das subordinadas, e, para marcar a correlação entre o sujeito da subordinada e o argumento P da matriz, a língua Apyãwa adota o uso da Série Correferencial.

3.2.2.1.2 *Orações subordinadas de sujeito idêntico – OSSI*

A condição básica das OSSI é a correferencialidade do seu sujeito com o sujeito da oração matriz. Nelas, o argumento único de verbos intransitivos – tanto dinâmicos quanto estativos – é codificado por índices da Série Correferencial. O morfema que traduz a subordinação é o {-wo} (-wo ~ -ã ~ -ta) (PRAÇA, 2007, p. 207). Elas podem expressar:

- a) Relações temporais, como um evento realizado simultaneamente ao evento da matriz, ou um evento realizado pelo mesmo sujeito, mas sem simultaneidade, indicando uma sequência eventiva;
- b) Finalidade;
- c) Causalidade;
- d) Explicação.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de OSSI.

(PRAÇA, 2007, p. 77, nossa análise)

(39) *ã'ẽ=gã-∅* *rãka* 'a 'or **a-mãrãkã-wo**DEM=SG-RFR PAS.REC D.E 3.vir **3.C-cantar-OSSI**

'Aquele veio aqui para cantar.'

(PRAÇA, 2007, p. 166, nossa análise)

(40) *ãxeiwe* *rõ'õ* *ke* *ere-ka* **ex-ewete-wo** *ranõ*amanhã N.ASS DUB 2SG.A-estar **2SG.C-ser.forte-OSSI** ITER

'Amanhã você poderá estar forte de novo.'

(PRAÇA, 2007, p. 51, nossa análise)

(41) *y-∅* *r-opi-e'ym* *rãka* *ã-pinãpaj* **we-ka-wo**água-RFR R-POS-NEG PAS.REC 3.A-pescar **1SG.C-estar-OSSI**

'Eu estava pescando não no rio.'

Nos exemplos 39, 40 e 41 estão destacados os prefixos da Série Correferencial de terceira pessoa, segunda e primeira respectivamente. Em todas as ocorrências, tais prefixos corroboram o fato de serem os sujeitos das orações subordinadas os mesmos que os das orações principais.

3.2.2.1.3 Orações consecutivas

Nas orações consecutivas, a subordinação é marcada pelo morfema {-ire} (-ire ~ -re), o sujeito pode ser ou não correferencial ao da oração principal e os núcleos dessas orações são sempre verbos dinâmicos. Tais orações transmitem a noção de "depois de". Quando o verbo da subordinada for monovalente, havendo correferência

entre o sujeito da subordinada e o da principal, deve-se usar um índice da Série Correferencial antes do verbo da oração subordinada.

(PRAÇA, 2007, p. 189, nossa análise)

- (42) *ã-xepyto'ak* *ekwe* ***we-karō-pāw-ire***
 1SG.NA-descansar F.IMI **1SG.C-comer-terminar-CONS**
 'Descansarei depois de comer tudo.'

(PRAÇA, 2007, p. 38, nossa análise)

- (43) ***we-kārō-pāw-ire*** *ekwe* *ã-porãāj*
1SG.C-comer-acabar-CONS F.IMI 1SG.A-dançar
 'Depois que eu acabar de comer, dançarei.'

Todos os dois exemplos acima – 42 e 43 – possuem verbos em uso intransitivo. Por isso, como pode ser visto nos destaques, é a Série Correferencial que deve ser utilizada para marcar a correferência.

No caso de o verbo da subordinada ser divalente, quem deve ser marcado sempre é o argumento interno do verbo, ou seja, o objeto, com um marcador da Série Não Ativa, conforme o próximo exemplo.

(PRAÇA, 2007, p. 38, nossa análise)

- (44) *ã-ã* *rāka* ***ne=r-exāk-ire***
 1SG.A-ir PAS.REC **2SG.NA=R-ver-CONS**
 'Eu fui depois que te vi.'

3.2.2.1.4 Orações subordinadas não ativas

Por último, há orações subordinadas não ativas, cuja subordinação é marcada pelo morfema {-āramō} (-āramō ~ -ramō). Elas são compostas por descritivos e

nomes, e o sujeito delas pode ou não ser correferente ao da oração principal. Caso haja a correferência entre o sujeito da principal e o da subordinada, este receberá prefixos da Série Correferencial. Não havendo correlação entre eles, serão utilizados marcadores da Série Não Ativa.

(PRAÇA, 2007, p. 198, nossa análise)

- (45) *wex-ãý-ramõ* *ã-nopỹ* *i-re-ka-wo*
1SG.C-estar.com.raiva-S.P.N.AT **1SG.A-bater** 3.NA-CC-estar-OSSI

‘Quando eu estava com raiva, eu bati nele (no cachorro).’

(PRAÇA, 2007, p. 31, nossa análise)

- (46) *a-kane’õ-ramõ* *mĩ* *a-ker*
3.C-cansar-S.P.N.AT HAB **3.A-dormir**

‘Quando ela está cansada, ela dorme.’

(PRAÇA, 2007, p. 160, nossa análise)

- (47) *i-yãr-aramõ* *karãe* *ara-a* *mãir-a* *ø-tãj-pe*
3.NA-canoa-S.P.N.AT PAS.REM 1EXC.A-ir não.índio-RFR R-aldeia-LOC

‘Quando ele tinha canoa, nós fomos à cidade.’

No exemplo 45, como pode ser observado, há correspondência entre o sujeito da oração principal e o da subordinada – a primeira pessoa. O mesmo acontece no exemplo 46, em que a terceira pessoa é sujeito tanto da oração principal quanto da subordinada. É por isso que, nesses dois casos, utiliza-se a Série Correferencial para fazer essa correlação.

Já no exemplo 47, percebe-se que os sujeitos não coincidem. O sujeito da oração principal é a primeira pessoa exclusiva e o da subordinada é a terceira pessoa. Nesse caso, a não correferência é marcada por índices da Série Não Ativa.

3.2.3 Orações relativas

Orações relativas são modificadores do tamanho de uma oração que sintaticamente estão inseridos em um sintagma nominal. Funcionalmente, fazem parte da coerência referencial, fornecendo indícios anafóricos e catafóricos dos referentes dos sintagmas nominais (GIVÓN, 2001b, p. 175).

Desse modo, essa estrutura envolve sempre duas orações – uma principal e uma relativa – que formam uma única unidade de entonação e que devem compartilhar um argumento. A oração relativa funciona como um modificador sintático desse argumento, fornecendo mais informações sobre este, o que se chama de *oração relativa não restritiva*, ou acrescentando informações ao argumento, focalizando-o ou restringindo-o, as chamadas *orações relativas restritivas* (DIXON, 2010, p. 314).

Observe o exemplo a seguir:

(PRAÇA, 2007, p. 17, nossa análise)

A	V	P
(48)	<i>a-ixãk</i>	<i>[akoma'e-∅ a-yj-ama'e-∅]</i>
	3.A-ver	homem-RFR 3.A-correr-N.PRED-RFR

'Ele viu o homem que correu.'

O exemplo 48 é de uma oração relativa restritiva na língua Apyãwa. Nela, há o argumento A, que é a terceira pessoa, e o argumento P, representado por toda a oração nominalizada 'o homem que correu'. A oração relativa funciona como um modificador adjetival para o sintagma 'homem'; por isso a presença do sufixo {-ama'e} (-ama'e ~ -ma'e), que tem a função de nominalizar o predicado, e do referenciante, que o torna argumento e, neste caso, é um morfema zero. Adiciona-se a isso o fato de, como é apresentado na definição acima oferecida, a oração trazer indícios do referente do sintagma nominal, uma vez que o marcador de pessoa é o da terceira pessoa e faz referência a 'o homem'.

Tipologicamente, pode-se separar as orações relativas de acordo com a posição em que ocorrem em relação ao sintagma nominal da oração principal que

modificam. Elas podem ser *prenominais*, aquelas que ocorrem antes do sintagma nominal a que se referem; *pós-nominais*, as que ocorrem após ele; *internamente nucleadas*, quando aquele sintagma nominal ocupa uma posição dentro da oração relativa; e *anucleada*, geralmente usadas quando o núcleo do sintagma nominal se relaciona a um referente não especificado (PAYNE, 2006, p. 303–305).

Outro modo de classificar as orações relativas é a partir de como expressam o chamado elemento-R, que é aquele componente dentro da oração relativa que é correferencial ao sintagma nominal da oração principal. Uma maneira é a chamada estratégia da lacuna, na qual é deixada uma lacuna visível na posição em que o elemento-R estaria se estivesse abertamente expresso. Outra estratégia é por meio da retenção pronominal, pela qual um pronome que expressa explicitamente a relação gramatical entre o elemento-R e o sintagma nominal da oração principal é retido na oração relativa. Muitas línguas empregam formas particulares para identificar uma oração relativa chamadas relativizadores (PAYNE, 2006, p. 305–307).

3.2.4 Orações completivas

Prototipicamente, uma oração completiva é aquela que funciona como argumento externo ou interno de outra oração, chamada matriz (PAYNE, 2006, p. 291), e, em relação à estrutura sintática, não difere de qualquer outra oração em relação aos argumentos centrais do verbo.

A seguir, são apresentados alguns exemplos de orações completivas na língua Apyãwa.

(PRAÇA, 2007, p. 83, nossa análise)

A ²²	_A V	P ²³
(49) <i>epe=ga-ø</i>	<i>a-kwããw</i>	<i>[xe=r-exãk-a]</i>
D.E=SG-RFR	3.A-saber	1SG.NA=R-ver-RFR

22 Argumento mais agentivo do verbo transitivo.

23 Argumento menos agentivo do verbo transitivo.

'Aquele sabe que você me viu.'

(PRAÇA, 2007, p. 22, nossa análise)

A	_AV	P
(50) <i>ie-∅</i>	<i>n=ã-jxãk-i</i>	<i>[ne=∅-kane'õ-ãw-a]</i>
1SG-RFR	não=1SG.A-ver-NEG	2SG.NA=R-ser.cansado-N.PROC-RFR
'Eu não vi que você está cansado.' (lit: Eu não vi seu cansaço.)		

Em geral, as línguas apresentam complementadores, que são marcadores explícitos com a função de sinalizar que uma oração é completiva. No caso do Apyãwa, a língua não apresenta tal marcador. Contudo, é possível observar que as orações completivas devem receber o referenciante {-a} (-a ~ -∅) tal qual um argumento nominal.

As completivas podem ser divididas em dois grandes grupos: orações completivas finitas e não finitas, que serão apresentadas nas próximas seções.

3.2.4.1 Orações completivas finitas

Orações completivas finitas são aquelas mais semelhantes a orações independentes na medida em que carregam sua própria marcação de tempo-aspecto-modalidade e a referência do sujeito delas não está restrita à da oração matriz, tendo, assim, um maior grau de independência se comparadas às orações completivas não finitas (PAYNE, 2006, p. 293).

3.2.4.2 Orações completivas não finitas

Orações completivas não finitas, como dito anteriormente, são mais fortemente ligadas, menos independentes e menos parecidas com uma oração prototípica, pois normalmente a marcação tempo-aspecto-modalidade é altamente restrita ou não especificada e, muitas vezes, o sujeito dela deve ser idêntico ao da oração matriz (PAYNE, 2006; VELUPILLAI, 2012).

3.2.4.3 Integração sintático-semântica das orações completivas

O fenômeno da complementação apresenta um isomorfismo sistemáticos entre suas dimensões semântica e sintática. A primeira diz respeito a integração entre os eventos referidos e a segunda, à integração entre as orações responsáveis por comunicar tais eventos. Assim, quanto maior for o vínculo semântico entre os eventos, maior também será a integração sintática entre as orações (GIVÓN, 2001b, p. 39–40).

O que se observa é que a estrutura sintática das orações, em sua grande parte, é ditada pela estrutura argumentativa dos verbos que estão em seus núcleos, e as orações completivas não deixam de ser argumentos desses verbos.

Conforme Givón (2001b, p. 40–41), os verbos que tomam complemento se dividem em três classes principais: verbos de percepção-cognição-enunciação, verbos de manipulação e verbos de modalidade.

3.2.4.3.1 *Verbos de percepção-cognição-enunciação*

No *continuum* da dimensão semântica da integração do evento, tais verbos aparecem do eixo apontado rumo ao vínculo mais fraco e, prototipicamente, codificam, na oração principal, um estado mental, um evento de percepção ou cognição, ou a ação verbal de uma enunciação. Nesse caso, o sujeito do verbo é um dativo ou um agente, e o estado ou evento codificado na oração completiva é análogo ao paciente da oração matriz. Exemplos desses verbos são: ver, saber, pensar, dizer etc.

Já naquilo que se refere ao aspecto sintático, o que se observa é que não há restrições de correferência entre a oração principal e a completiva, sendo esta última mais propensa a possuir uma estrutura prototípica oracional, com sujeito exposto e

morfologia verbal finita. Além disso, orações principal e completiva podem ser separadas por um subordinador e ter contornos entonacionais separados (GIVÓN, 2001b, p. 42).

Observe os exemplos abaixo.

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 58, nossa análise)

	X²⁴	A	A_V	P
(51)	<i>Tapirapé-ramõ</i>	<i>ie</i>	<i>ã-kwãaw</i>	<i>[pe-xe'eg-a]</i>
	tapirapé-S.P.N.AT	1SG	1SG.A-saber	2PL-fala-RFR

'Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a língua de vocês.' (lit. Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a fala de vocês.)

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 29, nossa análise)

	P	A_V
(52)	<i>[ne=xekyj-ãw-a]</i>	<i>ã-kwããw</i>
	2SG.NA=estar.com.tosse-N.PAC-RFR	1SG.A-saber

'Eu sei que você está gripado.' (lit. Eu sei da circunstância da sua gripe)

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

	A	a_{V1}V₂	P
(53)	<i>makãto-ø</i>	<i>a-ãpa-kwããw</i>	<i>tamãkorã-ø</i>
	Makãto-RFR	3.A-fazer-saber	tamãkorã-RFR

'Makãto sabe fazer tamãkorã.'

²⁴ Oblíquo

Nos exemplos 51 e 52, é apresentado o verbo 'saber' em uso pleno, com os dois argumentos verbais, sendo que, em ambos, o argumento P é oracional, destacando-se o fato de que não há coincidência entre o sujeito da oração principal e o da completivo.

Agora, no exemplo 53 algo muda. Quando os sujeitos das orações coincidem, aparece uma sequência com os verbos, e o verbo saber, verbo de cognição, assume a segunda posição da sequência. E é exatamente esse tipo de sequência que este trabalho se dispõe a analisar.

3.2.4.3.2 *Verbos de manipulação*

No protótipo semântico dos verbos de manipulação, o agente do verbo da oração principal manipula o comportamento do chamado *manipulado*, um agente potencial, que é correferente ao agente do verbo da oração completiva, a qual codifica o evento alvo a ser realizado pelo manipulador. E, no eixo da integração do evento, caminham em direção do vínculo mais forte. Exemplos de tais verbos são: fazer, falar, ordenar, pedir etc.

Sintaticamente, o manipulador é o sujeito da oração principal e o manipulado é objeto direto ou indireto da oração principal e sujeito da oração completiva, geralmente codificado como zero. Além disso, em geral, o verbo da oração completiva apresenta morfologia menos finita e esta, um contorno unificado de entonação com a oração principal (GIVÓN, 2001b, p. 41).

3.2.4.3.3 *Verbos de modalidade*

Na dimensão semântica do eixo de integração do evento, os verbos de modalidade – tais como querer, começar, terminar, tentar etc. – caminham paralelamente aos de manipulação. O verbo da oração principal codifica ação, estado ou atitude aspectual – início, término, continuidade, sucesso, fracasso – ou modal – tentativa, intenção, volição, obrigação, habilidade, possibilidade – do sujeito em relação àquilo que está sendo codificado na oração completiva.

Sintaticamente, o sujeito da oração principal também é o da completiva, sendo este último normalmente codificado com zero. Além disso, normalmente o verbo da oração completiva apresenta-se de maneira não finita, e esta tende a se apresentar em um contorno entonacional unificado ao da oração principal (GIVÓN, 2001b, p. 54–55).

Abaixo, serão apresentados exemplos para ilustrar como isso se dá na língua Apyãwa.

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

			A_V	P
(54)	<i>e-mor</i>	<i>i-xope</i>	<i>a-patã</i>	<i>[marãxi-ø]</i>
	2SG.IMP-dar	3.NA-POS	3.A-querer	melancia-RFR
	'Dê a ele. Ele quer melancia.'			

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

	A	A_V	P
(55)	<i>ie-ø</i>	<i>ã-patã</i>	<i>[ne=ø-a-ø]</i>
	1SG-RFR	1SG.A-querer	2SG.NA=R-ir-RFR
	'Eu quero que você vá.'		

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 42, nossa análise)

	S²⁵	sV₁V₂
(56)	<i>ie-ø</i>	<i>ã-xão-patã</i>

²⁵ Argumento único do verbo intransitivo.

1SG-RFR 1SG.A-banhar-querer

'Eu quero banhar.'

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

S **sV**

(57) *tātā-∅* *a-pāw* *xe=∅-wī*
 banana-RFR 3.A-acabar 1SG.NA=R-POS

'As bananas acabaram (de mim).'

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

S **sV₁V₂**

(58) *akoma'e-kwer-a* *a-mārākā-pāw*
 homem-GRUP-RFR 3.A-cantar-terminar

'Os homens terminaram de cantar.'

(PRAÇA, 2007, p. 110, nossa análise)

_AV₁V₂

P

(59) *ā-āpa-pāw-akār* *tope-∅* *ne=∅-we* *ipa'ywa-a* *∅-we*
 1SG.A-fazer-terminar-MASD tope-RFR 2SG.NA=R-POS Ipa'ywa-RFR R-POS

'Eu terminei de fazer o tope para você por meio da Ipa'ywa.'

O exemplo 54 é um período composto, e o que importa para a análise é a segunda oração. Nela, o verbo 'querer' está em seu lexical, como verbo transitivo, e o argumento interno do verbo é um nome, 'melancia'. No exemplo 55 também é possível ver o uso lexical do verbo 'querer', só que, dessa vez, o argumento P é

oracional e o sujeito da oração principal e o da completiva não coincidem. Tal qual o argumento P do exemplo 54, o paciente do exemplo 55, mesmo que oracional, também recebe o sufixo referenciante.

No exemplo 56, todavia, há coincidência entre os sujeitos das duas orações, e, novamente, aqui, aparece a sequência de verbos, da mesma maneira que acontece com o verbo 'saber', que é de cognição (Cf. exemplo 53).

Segue-se o exemplo 57, em que se apresenta o verbo 'terminar', intransitivo, em seu uso pleno. Os exemplos 58 e 59 também são com o verbo 'terminar' e com sujeitos verbais coincidentes. É importante reparar que, neles, quem rege a valência verbal é V_1 da sequência verbal.

Prosseguindo com o *continuum* de integração gramatical, a próxima seção tratará dos verbos seriais.

3.2.5 Verbos seriais

De uma coisa, pode-se ter certeza: não há consenso na literatura a respeito da definição de verbos seriais. Há abordagens diferentes, o que acarreta análises bem distintas. Contudo, todas elas têm pontos em comum, que serão os primeiros a serem tratados aqui. Trata-se de uma construção mono-oracional, cujos verbos, além de agirem como um único predicado, também devem ocorrer individualmente na língua, ressaltando-se que um verbo não pode ser argumento do outro. Esses conceitos serão desmembrados, a seguir, para um melhor entendimento.

a) Construções mono-oracionais:

Oração, canonicamente, é uma estrutura composta por um predicado, o qual pode selecionar um ou mais argumentos. O número de participantes necessários é determinado pelo tipo de verbo na oração (VELUPILLAI, 2012, p. 229). Assim, quando se fala de construções mono-oracionais, está-se referindo ao fato de tal estrutura ter apenas um predicado. No *continuum* de integração gramatical, então, a partir deste ponto, não se trata mais da integração de duas orações. A integração uniu as orações sob um único predicado.

b) Predicado único:

As noções de argumento e predicado vêm da lógica aristotélica, sendo o predicado “uma expressão simples ou complexa que dá origem a afirmações assertivas e se combina com argumentos, que representam as entidades” (CREISSELS, 2006, I, p.39 apud MAILLARD, 2008, p. 36)²⁶. Assim, o predicado é aquele elemento que expressa uma relação entre argumentos, e os argumentos são os participantes centrais do evento que está sendo predicado.

Gramaticalmente falando, uma construção verbal serial (CVS) constitui um único predicado, funcionando da mesma maneira que as orações monoverbais, e os membros dela atuam como um todo sintático. Portanto, não se deve confundir uma CVS com um predicado complexo, por exemplo, pois aquelas são mono-oracionais. Inclusive, em termos prosódicos, uma CVS tem as propriedades entonacionais de uma oração monoverbal, e não de uma sequência de orações (AIKHENVALD, 2006).

c) Verbos lexicais plenos:

Outra característica consensual nas várias definições de verbos seriais é que eles devem também ocorrer em orações como verbos plenos, ou seja, com todo o seu teor lexical.

d) Um verbo não pode ser argumento do outro:

Essa observação vem corroborar as duas primeiras. Como a CVS traduz-se em uma única oração e um único predicado, não faria sentido poder haver uma relação argumental entre os verbos da sequência.

Na sequência, é apresentado um exemplo de uma sequência de verbos seriais em Bislama.

²⁶ Original: “[...] un prédicat est une expression simple ou complexe qui donne naissance à des énoncés assertifs [...] en se combinant avec des arguments qui représentent des entités [...]” (Creissels, 2006, I: 39).”

(HASPELMATH, 2016a, p. 292)

Bislama (English-lexified creole; Crowley 2002:223)

- (60) *Kali i katem splitem wud*
 Kali 3SG cortar dividir tronco
 'Kali cortou o tronco em dois.'

3.2.5.1 Verbos seriais segundo Aikhenvald e Dixon

Nesta concepção, que é mais antiga e mais abrangente que as demais, uma CVS trata-se de uma sequência de verbos que agem juntos como um único predicado, sem qualquer marcador de dependência sintática e que descrevem um único evento (AIKHENVALD, 2006, p. 1).

Há de se admitir que *evento único* não carrega por si só uma definição clara. Assim, neste trabalho, evento único em CVS será “qualquer sequência em que haja um significado sequencial e/ou componencial que decorra da semântica do conteúdo expressa por cada elemento verbal” (ANDERSON, 2006, p. 12, tradução nossa)²⁷, uma vez que, dependendo da tradição, qualquer combinação entre verbos poderia ser considerada um evento único e, conseqüentemente, uma CVS.

Frequentemente, as CVS são constituídas por dois elementos. Entretanto, isso não é uma regra, pois, nesta concepção, é possível achar, em certas línguas, seqüências com cinco, seis até mesmo sete elementos.

Outra característica das CVS de Aikhenvald e Dixon é o fato de serem monoracionais e de suas propriedades entonacionais serem as mesmas de uma oração monoverbal, contendo apenas um valor de tempo, modo e aspecto. Além disso, há a possibilidade de compartilharem argumentos centrais e periféricos, e os verbos que compõem a seqüência são capazes de ocorrer por contra própria na língua (AIKHENVALD, 2006, p. 1).

²⁷ Original: “[...] any such sequence where there is a sequential and/or componencial meaning that follows from the content semantics expressed by each verbal elemento [...]”

As construções verbais seriais podem ser observadas em um terço das línguas do mundo, não são restritas a uma determinada tipologia linguística – permeiam línguas analíticas e sintéticas –, estão em línguas ergativas e naquelas que fazem uso de *switch-reference*, e seus verbos podem aparecer em posição inicial, medial e final (DIXON, 2006, p. 338–339). Tamanha diversidade reflete-se nas diferentes configurações que as CVS podem apresentar.

Quanto à *composição*, as CVS podem ser assimétricas ou simétricas. Construções assimétricas são aquelas em que há um membro principal, cuja classe gramatical ou semântica é irrestrita; e um membro secundário, um verbo de uma classe gramatical ou semântica mais restrita (como um verbo postural ou de movimento, por exemplo). Geralmente, há uma ordem fixa para membros primário e secundário. Tal ordenação é feita por uma regra gramatical e não tende a ser icônica. Construções assimétricas são propensas à lexicalização (AIKHENVALD, 2006).

Construções simétricas, por sua vez, são aquelas cujos membros têm o mesmo *status*, ou seja, podem ser escolhidos a partir de qualquer classe, sem qualquer restrição gramatical ou semântica, e tendem a se gramaticalizar (AIKHENVALD, 2006, p. 3).

No que se refere à *contiguidade*, CVS contíguas são aquelas em que nada pode intervir entre seus constituintes, isto é, os verbos têm que estar em sequência, próximos uns dos outros. Já no que concerne às construções não contíguas, trata-se daquelas em que pode haver a intervenção de um outro constituinte entre os verbos. Observa-se que, quanto mais contíguos os componentes de uma CVS são em sua realização de superfície, mais prototípica será a construção (AIKHENVALD, 2006).

Outro parâmetro observável nas CVS é a capacidade de elas *formarem palavras*. Assim, os verbos da construção podem constituir apenas uma palavra gramatical ou fonológica, ou permanecerem palavras separadas. Línguas mais sintéticas tendem a combinar os verbos em uma só palavra (AIKHENVALD, 2006).

Percebe-se que categorias gramaticais – tais como a pessoa do sujeito ou do objeto, tempo, modo, aspecto, negação, mudança de valência – podem ser marcadas somente uma vez na construção, ou seja, uma marcação única, ou podem ser marcadas em todos os componentes da construção, o que é chamado de marcação concordante (AIKHENVALD, 2006, pp. 3–4).

No que tange à semântica dos verbos seriais nessa abordagem, o que marca a construção é o fato de eles descreverem um único evento. Como todos os verbos da construção são completamente lexicais – ou seja, cada verbo também pode ocorrer como o único verbo em uma oração – e têm semântica bastante proeminente, podem dar origem a um significado relacionado ao de cada verbo individualmente. Assim, numa CVS, um verbo pode descrever o efeito do outro. Também é possível a construção se referir a uma sequência de ações ou formar uma expressão lexical (AIKHENVALD, 2006, p. 2).

Um aspecto importante também observável é que não há vínculo de subordinação em uma CVS e não são permitidos marcadores de dependência sintática em seus componentes (AIKHENVALD, 2006, p. 6), ressaltando-se aqui o que já foi dito anteriormente: um verbo não pode ser argumento do outro.

Outra questão relevante é que, quase sempre, deve haver pelo menos um argumento compartilhado por todos os verbos da CVS. Predominantemente, esse argumento compartilhado é o sujeito. Há línguas em que o sujeito de um dos verbos pode incluir o sujeito do outro, o que é chamado de sujeito cumulativo; ou o sujeito do segundo verbo pode até mesmo ser a soma de sujeito e objeto do primeiro verbo. Também é encontrado em algumas línguas outro compartilhamento de argumentos, referido como *switch-function*. Um argumento está na função de sujeito em um verbo e em outra função no outro verbo. O mais comum é que o argumento P do primeiro verbo seja o argumento S ou A do segundo verbo (DIXON, 2006, pp. 340–341).

Todas essas são ferramentas de identificação de construções verbais seriais. Em uma língua, espera-se que tais construções tenham a maioria dessas características, mas não necessariamente todas, sugerindo-se um *continuum* em que uma CVS pode ser aproximar mais ou menos de uma construção prototípica.

Aqui encerra-se a apresentação das principais características propostas por Aikhenvald e Dixon relacionadas aos verbos seriais. A próxima seção traz a perspectiva de outra análise.

3.2.5.2 Verbos seriais segundo Haspelmath

Na seção anterior, foi apresentada a abordagem de Aikhenvald e Dixon acerca de verbos seriais. Nesta seção, passamos à outra abordagem, mais recente, à de Haspelmath.

Haspelmath define verbos seriais como sendo uma construção mono-oracional composta por múltiplos verbos independentes sem nenhum elemento ligando-os e sem nenhuma relação predicado-argumento entre os verbos (HASPELMATH, 2016b, p. 292), sendo que tais construções esquemáticas devem ser produtivas de maneira tal que o significado delas possa ser determinado com base no significado de suas partes e no da construção como um todo (HASPELMATH, 2016b, p. 296).

Para Haspelmath, o fato de as construções serem mono-oracionais pode ser averiguado se houver somente uma maneira de se fazer a negação da CVS e, comumente, o escopo desta é toda a construção (HASPELMATH, 2016b, p. 299). Outra restrição imposta nessa abordagem é o fato de se considerar como CVS somente expressões de eventos dinâmicos, não se levando em conta todas as outras semânticas verbais, tais como as de estado, processo, posição, cognição, sensação e emoção, por exemplo.

Na análise de Haspelmath, são propostas dez generalizações acerca das CVS, as quais estão elencadas a seguir (HASPELMATH, 2016b, p. 307–311):

- a) Todos os verbos devem ter o mesmo tempo;
- b) Todos os verbos devem ter o mesmo modo, incluindo modalidade e evidencialidade;
- c) Os verbos não podem ter modificadores separados de tempo, evento e local;
- d) Todos os verbos são pronunciados como um único contorno de entonação;
- e) Se a construção expressa causa-efeito ou uma sequência, a ordem dos verbos é icônica, ou seja, a causa precede o efeito e o primeiro efeito precede o último;

- f) Se houver um marcador de pessoa, tempo, modo ou negação, este deve ocupar uma posição periférica, ou seja, antes do primeiro verbo ou depois do último;
- g) Todos os verbos devem compartilhar ao menos um argumento;
- h) Todas as línguas com construções seriais têm as do tipo das que compartilham o mesmo sujeito, sendo que, nessas, há a possibilidade de existir o compartilhamento do argumento interno também;
- i) Em construções de verbos seriais cujos sujeitos dos verbos são diferentes, o segundo verbo sempre será intransitivo;
- j) Uma construção serial não pode ter dois agentes diferentes, ou seja, se o paciente é compartilhado, o agente também o deve ser.

Apesar de Aikhenvald, Dixon e Haspelmath serem os autores que mais trataram do tema verbos seriais, não são os únicos. Na próxima seção, serão apresentadas as abordagens de outros autores.

3.2.5.3 Abordagem de outros autores em relação aos verbos seriais

Conforme foi dito anteriormente, muitos são os pontos de vista em relação aos verbos seriais, e outros autores também fazem considerações interessantes a respeito deles.

Payne (2006, p. 288–291) também segue o caminho de afirmar que as CVS são mono-oracionais uma vez que profere que as raízes que as compõem não são compostas, expressando os verbos várias facetas de um evento complexo, e a entonação da construção é característica da de uma única oração. Não há expressão independente do sujeito do segundo verbo, assim como não há marcação independente de tempo/aspecto do segundo verbo.

O autor também trabalha com a noção de *continuum*, havendo, pois, CVS mais prototípicas e outras menos prototípicas, podendo, nestas, ambos os verbos carregar certas informações flexionais.

Semanticamente, o significado de uma CVS é ligeiramente diferente do que aquele que os mesmos verbos em sequência expressariam se estivessem em orações separadas. Contudo, caso a semântica tenha mudado consideravelmente, é bem possível que um dos verbos da série já tenha sido reanalisado como auxiliar, pois, de fato, “os verbos seriais são uma importante fonte diacrônica para auxiliares” (PAYNE, 2006, p. 290, tradução nossa)²⁸.

Para Anderson (2006), verbos seriais também são fontes para a auxiliarização. Ele concorda com os demais ao afirmar que se trata de concatenações mono-oracionais que expressam um evento único.

Em algumas línguas, a sequência pode-se apresentar com seis ou até mesmo sete verbos serializados; contudo, a forma mais comum conta com dois elementos, sendo que há a possibilidade de um desses elementos, com o passar do tempo, ir adquirindo uma semântica mais funcional por meio de gramaticalização. No entanto, quando um dos verbos se gramaticalizar em uma CVS como um elemento verbal funcional – que comumente são referidos como elementos aspectuais ou serialização modal –, Anderson (2006) considera que tais elementos tenham entrado em um processo de auxiliarização.

Velupillai (2012, p. 332–334) segue o conceito de Aikhenvald e Dixon sobre os verbos seriais, reafirmando que estes formam uma única oração, não havendo assim, pois, marcadores evidentes de dependência sintática entre os verbos. Ressalta que:

As construções verbais seriais normalmente compartilham categorias gramaticais como TAM, negação ou concordância de pessoa [...] e normalmente compartilham pelo menos um argumento na oração. Em algumas línguas, o marcador TMA só pode ocorrer uma vez para toda a construção [...] enquanto que, em outras línguas, a marcação TAM é repetida para cada um dos verbos da construção (VELUPILLAI, 2012, p. 333, tradução nossa)²⁹.

Givón (1991, p. 81, tradução nossa)³⁰ define que o fenômeno da serialização verbal ocorre quando “um evento/estado que uma língua codifica como uma oração

²⁸ Original: “[...] serial verbs are one major diachronic source for auxiliaries.”

²⁹ Original: “Serial verb constructions typically share grammatical categories such as TMA, negation or person agreement [...] and typically share at least one argument in the clause. In some languages the TMA marker can only occur once for the entire construction [...] while in other languages the TMA marking is repeated for each of the verbs of the construction.”

³⁰ Original: “[...] an event/state that one language codes as a simple clause with a single verb, is coded in another language as a complex clause with two or more verbs.”

simples, com um verbo único, é codificado em outra língua como uma oração complexa com dois ou mais verbos”, excluindo do fenômeno estruturas que são codificadas em todas as línguas por, pelo menos dois verbos, tais como verbos de modalidade com complementos, verbos manipulativos com complementos, verbos de enunciado-cognição com complementos e orações principais com orações adverbiais fortemente unidas.

Por fim, Hengeveld (2000, p. 1106) expõe que, em construções verbais seriais, dois verbos lexicais entram na descrição de um único evento.

Encerra-se aqui a seção que trata de verbos seriais.

3.2.6 Auxiliares

Até o momento foram apresentadas várias construções multiverbais em sua distribuição no *continuum* da integração gramatical. Finalmente chega-se à última, que é a auxiliarização, sendo esta:

[...] combinações mono-oracionais do tipo forma-função que ocupam um espaço não-discreto em vários grandes *continua* de forma-função que incluem construções verbais seriais, cadeias de orações e combinações verbo mais orações completivas de um lado e afixos de tempo-modalidade-aspecto do outro.

Verbo auxiliar é aqui considerado um item no *continuum* verbo lexical–afixo funcional que tende a ser pelo menos um pouco semanticamente apagado e gramaticalizado para expressar uma ou mais de uma gama de categorias verbais salientes, mais tipicamente aspectuais e modais, mas também não raramente temporais, de polaridade negativa ou de categorias de voz.

Os verbos auxiliares podem, assim, ser considerados um elemento que, em combinação com um verbo lexical, forma um sintagma verbal mono-oracional com algum grau de apagamento semântico (lexical) que desempenha alguma função gramatical mais ou menos definida (ANDERSON, 2006, p. 4–5, tradução nossa)³¹.

³¹ Original: “[...] mono-clausal form-function combinations occupying a non-discrete space on several large form-function continua that include serial verb constructions, clause-chaining, and verb plus complement clause combinations on the one hand and tense-aspect-mood affixes on the other.

‘Auxiliary verb’ is here considered to be an item on the lexical verb-functional affix continuum, which tends to be at least somewhat semantically bleached, and grammaticalized to express one or more of a range of salient verbal categories, most typically aspectual and modal categories, but also not infrequently temporal, negative polarity, or voice categories.

Auxiliary verbs can thus be considered to be an element that in combination with a lexical verb forms a monoclausal verb phrase with some degree of (lexical) semantic bleaching that performs some more or less definable grammatical function [...].”

Dessa forma, a estrutura mono-oracional relativa a uma construção com verbo auxiliar é constituída minimamente por um verbo lexical, cuja função é justamente atribuir o conteúdo lexical para a construção, e um verbo auxiliar, cuja tarefa é cooperar com algum conteúdo gramatical ou funcional. “Nas construções auxiliares, um verbo lexical é modificado por um verbo não lexical” (HENGEVELD, 2000, p. 1106, tradução nossa)³². Observe, no próximo exemplo, um verbo auxiliar em português.

(61)	<i>Tenh-∅-o</i>	<i>estuda-do</i>	<i>muito</i>	<i>para</i>	<i>a</i>	<i>prova</i>
	ter-PRES.I-1SG	estudar-PRT	ADV	PREP	ART.DEF.FEM.SG	prova
	‘Tenho estudado muito para a prova.’					

No exemplo 61 é bem clara a informação de que o verbo auxiliar ‘ter’ carrega as marcas verbais de tempo (presente), modo (indicativo), pessoa (1^a) e número (singular).

Muitas características atribuídas por diversos autores aos verbos auxiliares convergem para o fato de que estes transmitem características verbais tais como tempo, aspecto e modalidade, conforme pode ser visto abaixo:

“Um auxiliar é normalmente definido como uma subclasse fechada de verbos que: a) formam parte de um predicado complexo em combinação com verbos de uma grande classe aberta; b) tomam as especificações de pessoa, número, gênero, aspecto, tempo, modo e/ou modalidade; e c) podem conferir um significado modal ou aspectual a toda a construção” (AIKHENVALD, 2011, p. 14, tradução nossa)³³.

“Auxiliar: verbo que coocorre com um verbo principal em um sintagma para indicar valores de características verbais, como tempo ou modo” (HASPELMATH; SIMS, 2010, p. 321, tradução nossa)³⁴.

³² Original: “In auxiliary constructions a lexical verb is modified by a non-lexical verb.”

³³ Original: “An auxiliary is usually defined as a closed subclass of verbs which (a) form part of one complex predicate in combination with verb from a large open class; (b) take the person, number, gender, aspect, tense, mood and/or modality specifications; and (c) may impart a modal, or an aspectual meaning to the whole construction.”

³⁴ Original: “Auxiliary: a verb that co-occurs with a main verb in a phrase to indicate values of verbal features such as tense or mood.”

“Auxiliares são verbos semanticamente mais ou menos vazios que transmitem principalmente informações gramaticais. [...] Um sintagma verbal contendo auxiliares conterá, portanto, também um verbo lexical ou verbo ‘principal’, que carrega o conteúdo semântico da construção. [...] Os auxiliares normalmente expressam tempo, aspecto, modo, valência, voz ou polaridade do sintagma verbal a que pertencem” (VELUPILLAI, 2012, p. 146, tradução nossa)³⁵.

“[...] os verbos auxiliares são um estágio inicial da gramaticalização dos verbos em marcadores de tempo-aspecto-modalidade, ou seja, em morfologia verbal” (GIVÓN, 2001a, p. 102, tradução nossa)³⁶.

Por serem uma categoria não discreta, o que se nota é a não existência de um critério formal específico – independentemente da língua que esteja sendo analisada – que possa diferenciar com precisão um verbo auxiliar de um verbo pleno. Assim, a decisão de passar a chamar um elemento de verbo auxiliar passa normalmente pela subjetividade do pesquisador (ANDERSON, 2006, p. 5).

Todavia, algumas características podem ser usadas para se trabalhar a distinção entre um verbo auxiliar e um verbo lexical. A primeira delas é que os verbos auxiliares têm todas as propriedades dos morfemas gramaticais, além de geralmente serem menores em termos de número de fonemas. Além disso, compõem uma classe pequena e fechada e expressam poucos traços semânticos, sendo os núcleos sintáticos das orações de que fazem parte, mas não os núcleos semânticos (PAYNE, 2006, p. 122).

Na literatura, os domínios funcionais dos auxiliares incluem:

[...] categorias de tempo, aspecto e modalidade (Steele 1978; Ramat 1987), somente tempo e aspecto (Conrad 1988, Bußmann 1990), somente tempo e modalidade (Akmajian et al. 1979, Steele et al. 1981, Langacker 1991), ou aspecto e modalidade somente (Pullum e Wilson 1977, Crystal 1980) (ANDERSON, 2006, p. 9, tradução nossa)³⁷.

³⁵ Original: “Auxiliaries are semantically more or less empty verbs conveying mainly grammatical information. [...] A verb phrase containing auxiliaries will thus also contain a lexical verb or ‘main’ verb, which carries the semantic content of the construction. [...] Auxiliaries typically express tense, aspect, mood, valency, voice or polarity of the verb phrase they belong to.”

³⁶ Original: “[...] auxiliary verbs are an early stage of the grammaticalization of verbs into tense-aspect-modal markers, thus into verbal morphology.”

³⁷ Original: “[...] tense, aspect, and mood categories (Steele 1978; Ramat 1987), just tense and aspect (Conrad 1988, Bußmann 1990), only tense and mood (Akmajian et al. 1979, Steele et al. 1981, Langacker 1991), or aspect and mood alone (Pullum and Wilson 1977, Crystal 1980).”

Basicamente, são os domínios abarcados pela morfologia de TAM, e, como já foi dito anteriormente, esses auxiliares uma vez foram verbos plenos. Por isso, na próxima seção, serão apresentadas expressões linguísticas que geralmente são usadas para expressar auxiliarização.

3.2.6.1 Expressões linguísticas para expressar auxiliarização

Quando se fala em conceitos gramaticais, é preciso ter em mente que eles são consideravelmente abstratos, ou seja, não se referem a objetos físicos ou processos cinéticos, mas, sim, exercem funções relativas no discurso. Assim:

Pesquisas sobre a gênese das expressões gramaticais sugerem que tais expressões não surgem *ex nihilo*; em vez disso, são quase invariavelmente derivadas do domínio dos conceitos concretos; a morfologia gramatical tende a se desenvolver a partir de estruturas lexicais, especialmente de categorias como substantivos e verbos (HEINE, 1993, p. 28, tradução nossa)³⁸.

Como foi dito da seção 2.1.3, os seres humanos categorizam as informações adquiridas pela percepção. Dessa maneira, a partir do momento em que se percebe que os auxiliares expressam conceitos gramaticais relacionados “ao estado temporal (tempo), aos contornos temporais (aspecto) e ao tipo de realidade (modalidade) dos conteúdos proposicionais” (HEINE, 1993, p. 28, tradução nossa)³⁹, percebe-se que as expressões linguísticas usadas para expressar tais conceitos são derivadas de noções gerais concretas pré-existentes, e a questão sobre quais tipos de verbos tendem a se gramaticalizar em auxiliares estaria relacionada a marcações cognitivas do verbo, que transmitem os domínios semânticos deste (HEINE, 1993, p. 29).

Ilustrando a situação, apresenta-se, a seguir, um quadro contendo expressões linguísticas que traduzem conceitos gramaticais, os verbos que tipicamente são associados a elas e as funções gramaticais derivadas respectivamente (HEINE, 1993, p. 28–47).

³⁸ Original: “Research on the genesis of grammatical expressions suggests that such expressions do not emerge *ex nihilo*; rather they are almost invariably derived from the domain of concrete concepts; grammatical morphology tends to develop out of lexical structures, especially out of such categories as nouns and verbs.”

³⁹ Original: “[...] the temporal state (tense), the temporal contours (aspect), and the type of reality (modality) of propositional contentes [...].”

Quadro 2 - Das expressões linguísticas aos conceitos gramaticais

Expressões Linguísticas	Semântica	Verbos	Conceitos Gramaticais
Localização	Onde está	estar em; ficar em; viver em; permanecer.	Progressivo; Ingressivo; Contínuo.
Movimento	Destino/origem do movimento Através de onde se movimenta	ir; vir; mover; passar.	Ingressivo; Futuro; Perfeito; Passado.
Ação/Atividade	O que se faz	fazer; pegar; continuar; começar; terminar; agarrar; colocar; guardar.	Progressivo; Contínuo; Ingressivo; Completivo; Perfeito.
Volição	O que se quer	querer; desejar.	Ingressivo; Futuro.
Mudança de estado	Como a postura de algo muda	sentar; levantar; deitar; tornar-se.	Ingressivo; Futuro.
Equiparação	Como x equipara-se a y	ser como; ser igual a.	Resultativo; Progressivo; Perfeito; Futuro.
Companhia	Como x está associado a y	estar acompanhado por; estar com.	Progressivo
Posse	O que alguém tem/possui	obter; possuir; ter;	Resultativo; Perfeito; Futuro.
Maneira	x fica de maneira y	ficar; estar; sentar; viver.	Progressivo

Nesse processo de gramaticalização, observa-se que, primeiramente, o item lexical, em contextos específicos, vai sofrendo um branqueamento semântico, ou seja, é esvaziado de sua semântica lexical e adquire uma função gramatical. No caso dos verbos, estes vão perdendo suas propriedades verbais, tais como passivização, nominalização e a capacidade de ser negado separadamente, e a tendência é eles se cliticizarem a algum item vizinho, atingindo a mais alta gramaticalização ao se tornarem afixos.

A partir deste ponto, de posse de todas as informações dadas até o momento, direcionaremos o texto para a língua Apyãwa, sua morfossintaxe e a investigação das sequências verbais, que é a proposta para o trabalho.

4 AS SEQUÊNCIAS VERBAIS NO APYĀWA

O objetivo deste trabalho é analisar algo singular que vem sendo observado na língua ApyĀwa e em outras línguas da família Tupí-Guaraní⁴⁰: a ocorrência de certas

⁴⁰ Alguns exemplos das sequências verbais em outras línguas Tupí-Guaraní:

a) Tupinambá:

a-imonhan-**güáb**
1SG-fazer-**saber**
'Sei fazer.'

(FIGUEIRA, 1687, p. 87, nossa análise)

a-karu-**potar**
1SG-comer-**querer**
'Quero comer.'

(BARBOSA, 1956, p. 148, nossa análise)

t'o-so-**pa** xe mara'ara kuepe xe 'anga suí
PERM.3SG-ir-**terminar** 1SG doença fora 1SG alma ALA
'Para que a doença vá totalmente para fora de minha alma.'

(ANCHIETA, 2004, p. 168, nossa análise)

(ANCHIETA, 1876, p. 10,)

a-ikó-**katu**
1SG-viver-**ser.bom**
'Eu vivo bem.'

b) Nheengatú:

ti=a-su-**kua**
NEG=1SG_A-ir-**saber**
'Não consigo ir.'

(CRUZ, 2011, p. 430)

u-nasei-**putai=wã**
3SG_A-nascer-**querer**=PFT
'Já está para nascer.'

(CRUZ, 2011, p. 430)

panhe mã re-munhã-pa(wa) a=pe
todo coisa 2SG_A-fazer-**acabar** DEM=LOC
'Todas as coisas, você faz completamente lá.'

(CRUZ, 2011, p. 382)

(CRUZ, 2011, p. 429)

a-kua-**katu**
1SG_A-saber-**estar.bem**
'Sei muito bem.'

c) Guajá

a-wata-**kwa**
1SG.I-andar-**saber**
'Eu sei andar.'

(MAGALHÃES, 2021, p. 46)

a-wata **ta**
1SG.I-andar **proj**
'Eu andarei.'

(MAGALHÃES, 2021, p. 50)

(Neste caso, *ta*, originário do verbo *mata* 'querer', já se gramaticalizou em uma partícula que indica o projetivo.)

Junai-a ha-mi'-a u-'u-**pa** ta manã kwy
Junai-RFR 3.II-comida-RFR 3.I-comer-**terminar** PROJ DIR ali
'Junai vai terminar de comer a comida dele ali.'

(MAGALHÃES, 2021, p. 48)

sequências verbais que não estão em relação de coordenação e nem de uma subordinação clássica. Tal estrutura provavelmente é remanescente do Proto-Tupí-Guaraní e é formada por PESSOA-V₁-V₂, sendo:

V₁ → qualquer verbo lexical;

V₂ → pequeno grupo de verbos que geralmente manifestam uma semântica de aspecto ou modalidade.

Isso pode ser observado principalmente nos verbos: *kwããw* ‘saber’, que exprime potencialidade e habilidade; *patãr* ‘querer’, desiderativo; *pãw* ‘completar’/‘terminar’; e *kãto* ‘ser bonito’/‘ser bom’, o qual exprime que a ação foi realizada com um alto grau de eficiência. A seguir, são apresentados exemplos com os quatro verbos na sequência verbal.

4.1 PESSOA-V₁-KWããW

A primeira sequência que será tratada neste texto é a que tem o verbo *kwããw* como V₂. A seguir, podem ser observados exemplos do verbo na sequência verbal.

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

- (62) *makãto-ø* *a-ãpa-kwããw* *tamãkorã-ø*
 Makãto-RFR 3.A-fazer-saber tamãkorã-RFR
 ‘Makãto sabe fazer tamãkorã.’

(Dados não publicados, comunicação pessoal.)

a-xa **katy** pe r-ipi
 2.IMP-olhar ASP(bem) caminho R¹-por
 ‘Preste bastante atenção no caminho!’

(Neste caso, também já houve a gramaticalização do verbo *katy*, que, atualmente, também só ocorre associado a outros verbos, nunca sozinho como núcleo de predicado, nem associados a índices de pessoa. Isso mostra o avanço dele no processo de gramaticalização, tornando-se uma partícula aspectual.)

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

(63) *konomĩ-∅* *a-’yytã-kwããw* *w-ow-a* *∅-xãwie*
 menino-RFR 3.A-nadar-saber 3.C-pai-RFR R-POS

‘O menino sabe nadar igual ao pai dele.’

Comparando-se o exemplo 62 com o 63, é possível perceber que, no caso das sequências verbais, quem comanda a valência da estrutura verbal é V_1 . Assim, no exemplo 62, quando *kwããw* combina-se com o verbo fazer, que requer dois argumentos, há a presença dos argumentos externo e interno do verbo. No exemplo 63, por sua vez, V_1 é o verbo nadar, intransitivo. Assim, o verbo tem apenas o argumento externo, ‘menino’.

Quanto à semântica expressa pela construção, ela está relacionada a uma a uma modalidade eventiva e fatores internos ao evento condicionam a ação por denotar a capacidade por parte do agente de realizar a ação, resultando, assim, numa modalidade eventiva dinâmica habilitativa.

4.2 PESSOA- V_1 -PATĀR

O verbo *patār* é muito produtivo quando usado na sequência verbal, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 22, nossa análise)

(64) *ie-∅* *ã-ino-patār* *i-xe’eg-ãw-a*
 1SG-RFR 1SG.A-ouvir-querer 3.NA-falar-N.PROC-RFR

‘Eu quero ouvir a fala dela.’

(PRAÇA, 2007, p. 41, nossa análise)

- (65) *ie-∅* *ã-ixã-matãr* *ne=∅-porããj-a*
 1SG-RFR 1SG.A-ver-querer 2SG.NA=R-dançar-RFR
 'Eu quero ver tua dança.'

(PRAÇA, 2007, p. 51, nossa análise)

- (66) *ã-ino-patãr* *ne=∅-xe'eg-e'y-m-a*
 1SG.A-ouvir-querer 2SG.NA-R-falar-NEG-RFR
 'Eu quero ouvir tua não fala.'

(PRAÇA, 2007, p. 86, nossa análise)

- (67) *ekwe=gỹ-∅* *a-ino-patãr* *ne=∅-marãkã-∅*
 D.E=PL-RFR 3.A-ouvir-querer 2.NA=R-canto-RFR
 'Aqueles querem ouvir o teu canto.'

(PRAÇA, 2007, p. 92, nossa análise)

- (68) *xane=∅-xary-a* *a-pyy-patãr* *awyr-a* *mõ-∅* *confresa-pe*
 1INCL=R-avó-RFR 3.A-pegar-querer casa-RFR IND-RFR Confresa-LOC
 'Nossa avó quer comprar uma casa em Confresa.'

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- (69) *confresa-∅* *∅-dotor-∅* *rãka* *n=ã-ixã-matãr-i*
 confresa-RFR R-doutor-RFR PAS.REC não=1SG.A-ver-querer-NEG
 'O doutor de Confresa não quis vê-la.'

(PRAÇA, 2007, p. 128, nossa análise)

- (70) *kã'i-∅* *a-xa-xokã-patãr* *ãxoro-∅* *∅-ne*
 macaco-RFR 3.A-REC-machucar-querer papagaio-RFR R-POS
 'O macaco e o papagaio estão querendo se machucar.'

(PRAÇA, 2007, p. 168, nossa análise)

- (71) *ã'ẽ* *rõ'õ* *panẽ* *epe* *a-xokã-patãr* *i-re-ka-wo*
 CD N.ASS FRUST D.E 3.A-matar-querer 3.NA-CC-estar-OSSI
 'E aquele queria matá-lo, estando com ele.'

(PRAÇA, 2007, p. 206, nossa análise)

- (72) *ã'ẽ=gã-∅* *a-xokã* *xãwãr-a* *i-o'o-patãr-ãramõ*
 DEM=SG-RFR 3.A-matar cachorro-RFR 3.NA-morder-querer-ISSD
 'Aquele matou o cachorro porque este quis mordê-lo.'

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- (73) *n=ã-ke-patãr-i*
 não=1SG.A-dormir-querer-NEG
 'Não quero dormir.'

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- (74) *veva-∅* *panẽ* *i-kyrã-patãr*
 Veva-RFR FRUST 3.NA-ser.gordo-querer
 'Veva, em vão, quer engordar.'

(PRAÇA, 2007, p. 152, nossa análise)

- (75) *ãxepexe korinãka'i-∅ i-'o-patãr-i*
 mais Korinãka'i-RFR 3.NA-ingerir-querer-I₂⁴¹
 'Korinãka'i quer comer mais.'

(PRAÇA, 2007, p. 177, nossa análise)

- (76) *eiri-∅ a-xão-patãr we*
 Eiri-RFR 3.A-banhar-querer PERF
 'Eiri ainda quer banhar.'

(PRAÇA, 2007, p. 196, nossa análise)

- (77) *xe=∅-kaneõ-ete ã-ke-patãr*
 1SG.NA=R-estar.cansado-INTNS 1SG.A-dormir-querer
 'Estou muito cansado. Quero dormir.'

Os exemplos de 64 a 72 trazem o verbo *patãr* sendo usado na sequência verbal com V₁ transitivo, ou seja, detentor de dois argumentos. Vale a pena atentar-se para o exemplo 70, em que há uma construção recíproca, na qual argumento interno e externo do verbo coincidem.

Nos exemplos 69 e 71, o argumento interno não está explícito devido ao fato de a língua Apyãwa só possuir uma vaga morfológica para a marcação de pessoa.

⁴¹ Segundo Praça (2007, p. 120–121), “o indicativo 2 (I2) caracteriza-se por ser uma construção com argumentos sujeito e objeto de terceira pessoa, resultante de uma modificação no predicado, motivada pela ocorrência de uma expressão adverbial na posição *mais* à esquerda da sentença, isto é, iniciando-a. Esse tipo de construção só ocorre em verbos transitivos e intransitivos ativos. Morfologicamente, o I2 é caracterizado pelo sufixo {-i} (-i ~ -∅). Esta construção apresenta um alinhamento ergativo, no qual a referência ao sujeito do verbo intransitivo e ao objeto do transitivo é realizada somente por meio do alomorfe (i-) do prefixo {-i} da Série II.” Outra análise do indicativo 2, mais recente, foi apresentada por Praça, Magalhães e Cruz (2017), com a hipótese de que “as expressões adverbiais deslocadas para a primeira posição da sentença ativam um tipo de nominalização do predicado que na oração básica funcionava como o predicado principal”.

Neste caso, como há concorrência entre duas terceiras pessoas, somente o agente é marcado.

No exemplo 72 é possível observar o funcionamento da oração subordinada de sujeito distinto. O agente da oração matriz é a terceira pessoa do singular, e o paciente é ‘cachorro’. Na oração subordinada, a presença do morfema {-ãramõ} indica que o sujeito desta oração não coincide com o da oração matriz.

Os exemplos 73 a 77, por sua vez, exibem o uso da sequência com V₁ intransitivo.

No que se refere à semântica manifestada por essa construção, nota-se que ela, assim, como a anterior, também se conecta a uma modalidade eventiva dinâmica, ou seja, são fatores internos que condicionam a ação. Contudo, neste caso, denota-se a vontade, o desejo do participante de realizar a ação, o que resulta numa modalidade eventiva dinâmica volitiva.

4.3 PESSOA-V₁-PĀW

A seguir, são apresentados exemplos da sequência verbal com o verbo *pāw*.

(PRAÇA, 2007, p. 38, nossa análise)

(78)	<i>we-kārõ⁴²-pāw-ire</i>	<i>ekwe</i>	<i>ã-porãāj</i>
	1SG.C-comer-acabar-CONS	F.IMI	1SG.A-dançar

‘Depois que eu acabar de comer, dançarei.’

⁴² O Apyāwa possui dois verbos que podem ser traduzidos por comer: *kāro*, que é um verbo intransitivo, e ‘o, que é transitivo.

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (79) *ie-∅* *ã-xãok-pãw-exĩ*
 1SG-RFR 1SG.A-banhar-terminar-IMI
 'Estou prestes a terminar de banhar.'

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (80) *akoma'e-kwer-a* *a-mãrãkã-pãw*
 homem-GRUP-RFR 3.A-cantar-terminar
 'Os homens terminaram de cantar.'

(PRAÇA, 2007, p. 141, nossa análise)

- (81) *we-xãok-pãw-ire* *ekwe* *ã-xãr* *ne=∅-pyri*
 1SG.C-banhar-acabar-CONS F.IMI 1SG.A-vir 2SG.NA=R-POS
 'Depois que eu acabar de banhar, virei ficar com você.'

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 42, nossa análise)

- (82) *n=ãxao-pãw-i*
 não=banhar-terminar-NEG
 'Não terminei de banhar.'

(PRAÇA, 2007, p. 153, nossa análise)

- (83) *kwâr-ipe* *i-manõ-pãw-i* *xe=r-eymãw-a*
 sol-LOC 3.NA-morrer-COM-l₂ 1SG.NA=R-animal.doméstico-RFR
 'No verão, morreram todos os meus animais domésticos.'

(PRAÇA, 2007, p. , nossa análise)

- (84) *ã-xepyto'ak* *ekwe* *we-karō-pāw-ire*
 1SG.A-descansar F.IMI 1SG.C-comer-terminar-CONS
 'Descansarei depois de comer tudo.'

(PRAÇA, 2007, p. 110, nossa análise)

- (85) *ipa'yw-a* *ø-we* *i-ãpa⁴³-pāw-akār-i*
 Ipa'ywa-RFR R-POS 3.NA-fazer-terminar-MASD-l₂
 'Por meio de Ipa'ywa, ele terminou de fazer.'

(PRAÇA, 2007, p. 184, nossa análise)

- (86) *a-pyy-pāw*
 3.A-pegar-terminar
 'Ele pegou tudo.' (lit: 'Ele pegou completamente.')

(PRAÇA, 2007, p. 250, nossa análise)

- (87) *ãxe'i* *rāka* *ara-a* *confresa-pe* *arax-emi-'o-pāw-ãramō*
 ontem PAS.REC 1EXCL.A-ir Confresa-LOC 1EXCL.C-N.PAC-ingerir-acabar-S.P.N.AT
 'Ontem fomos à Confresa porque tinha acabado toda nossa comida.'

⁴³ O verbo *ãpa*, 'fazer', pode ser usado de maneira transitiva e intransitiva.

(PRAÇA, 2007, p. 126, nossa análise)

- (88) *āpi-∅* *a-moon* *kori-∅* *ā'ě*
 mamãe-RFR 3.A-pintar.de.preto Kori-RFR CD

 ∅-awy-awy-pāw *a-ka-wo*
 3.NA-ser.escuro-REDUP-terminar 3.C-estar-OSSI

'Mamãe pintou Kori de preto e ele ficou todo escuro.'

(PRAÇA, 2007, p. 167, nossa análise)

- (89) *w-owy-ramō* *xowe* *rō'ō* *ākaj* *mī*
 3.NA-sangue-S.P.N.AT FOC N.ASS C.I.COM HAB

 xāy-∅ *i-piry-māw* *'op-a* *ypyton-imo*
 lua-RFR 3.NA-ser.vermelho-acabar estar.deitado-OSSI noite-LOC

'Quando tem sangue dela, a lua fica completamente vermelha na noite.'

(PRAÇA, 2007, p. 102, nossa análise)

- (90) *ere-pyy-pāw* *mori'i-∅*
 2SG.A-pegar-acabar murici-RFR

'Você pegou todos os muricis.'

(PRAÇA, 2007, p. 110, nossa análise)

- (91) *ā-āpa-pāw-akār* *tope-∅* *ne=∅-we* *ipa'yw-a* *∅-we*
 1SG.A-fazer-terminar-MASD tope-RFR 2SG.NA=R-POS Ipa'ywa-RFR R-POS

'Eu terminei de fazer o tope para você por meio da Ipa'ywa.'

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (92) *pitýwer-a a-'o-pãw xe=∅-wi narãxi-∅*
 criança-RFR 3.A-ingerir-acabar 1SG.NA=R-POS laranja-RFR
 'As crianças comeram todas as (minhas) laranjas.'

(PRAÇA, 2007, p. 115, nossa análise)

- (93) *ãpi-∅ a-ãpa-pãw t-emi-'o-∅*
 mãe-RFR 3.A-fazer-acabar 3.NA-N.PAC-ingerir-RFR
 'Mãe acabou de fazer a comida (de gente).'

(PRAÇA, 2007, p. 209, nossa análise)

- (94) *amanyxo-∅ ∅-awir-pãw-ire ekwe i-pawyn-i*
 algodão-RFR R-descaroçar-terminar-CONS F.IMI 3.NA-fiar-l₂
 'Depois que ela descaroçar todo o algodão ela o fiará.'

Os exemplos 78 a 89 apresentam o uso do verbo *pãw* na sequência verbal com V₁ intransitivo.

Os exemplos de 90 a 94 retratam o uso da sequência com V₁ transitivo, estando destacado o argumento interno do verbo. O exemplo 93, por sua vez, mostra o uso da sequência em uma nominalização com o morfema {-emi}, que nominaliza o paciente.

Já em relação à semântica da sequência verbal com o verbo *pãw*, observa-se uma cisão no significado que ela traduz, o que já era de se esperar uma vez que o próprio verbo isolado já tem várias acepções de uso. Em verbos intransitivos dinâmicos e transitivos com objeto não contável, a semântica é a de que houve a finalização do evento, ou seja, um aspecto perfectivo completivo. Em verbos intransitivos estativos e em transitivos cujos objetos são contáveis (Cf. exemplos 88, 89, 90 e 92), o significado da sequência é o de que a ação se completou por atingir a

totalidade desses referentes, ainda refletindo um aspecto completivo (PRAÇA, 2007, p. 114), e podendo essas relações serem expressas da seguinte forma:

$$P_{\text{contável}} = S_P$$

$$P_{\text{não contável}} = S_A$$

4.4 PESSOA-V₁-KĀTO

Passe-se agora para os exemplos do verbo *kāto* na sequência verbal.

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (95) *wākiri* *i-e-kāto* *xe=r-ee*
 Walkiria 3.NA-gostar-ser.bom 1SG.NA=R-POS
 'Walkiria realmente gosta de mim.'

(PRAÇA, 2007, p. 36, nossa análise)

- (96) *xe=r-amōj-a* *a-āpa-kāto* *'ywyrāpār-a*
 1SG.NA=R-avô-RFR 3.A-fazer-ser.bom arco-RFR
 'Meu avô faz arco bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 59, nossa análise)

- (97) *xe=r-opy-ø* *a-āpa-kāto* *w-o'yw-a*
 1SG.NA=R-pai-RFR 3.A-fazer-ser.bom 3.C-flecha-RFR
 'Meu pai faz bem a flecha dele.'

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (98) *xe=r-opy-ø* *mĩ* *a-ãpa-kãto* *'yropem-a*
 1SG.NA=R-pai-RFR HAB 3.A-fazer-ser.bom peneira-RFR
 'Meu pai faz bem peneiras.'

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (99) *eiri-ø* *a-ke-kãto*
 Eiri-RFR 3.A-dormir-ser.bom
 'Eiri dorme bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 134, nossa análise)

- (100) *wex-etym-a* *r-õwãjpy-ø* *rãka* *ã-ãpa-kãto* *i-re-ka-wo*
 3.C-casa-RFR R-interior-RFR PAS.REC 1SG.A-fazer-ser.bom 3.NA-CC-estar-OSSI
 'O interior (chão) da minha casa, eu fiz bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 185, nossa análise)

- (101) *xe=r-amõj-a* *yro-ø* *a-ãpa-kãto*
 1SG.NA=R-avô-RFR cesto-RFR 3.A-fazer-ser.bom
 'Meu avô faz bem cesto.'

(PRAÇA, 2007, p. 186, nossa análise)

- (102) *a-mama-kãto-'i* *petek-a* *konomĩ-wer-a*
 3.A-jogar-ser.bom-ATE bola.de.gude-RFR menino-GRUP-RFR
 'Os meninos jogam bola de gude direitinho.'

Os exemplos 95 a 102 mostram o verbo sendo usado como V₂ da sequência.

No que tange à semântica do verbo *kãto* quando V₂ da sequência verbal, ela traz a noção de ‘realmente’/‘verdadeiramente’ e a de que a ação foi realizada de maneira satisfatória, ou seja, com um alto grau de eficiência. Todos esses sentidos estão relacionados a uma semântica apreciativa, ou seja, um juízo de valor do falante.

Sendo apresentados todos esses exemplos, com os quatro verbos propostos para este estudo, percebe-se que essas construções fogem do padrão das OSSI, pois o índice de pessoa não aparece diante dos dois verbos da sequência, apenas antes do primeiro; não há marcadores de subordinação; e todos os verbos da construção são completamente lexicais – ou seja, cada verbo também pode ocorrer como o único verbo em uma oração – com semântica bastante proeminente, conforme poderá ser visto mais adiante, quando se fará a análise das sequências verbais.

4.5 CARACTERÍSTICAS DAS SEQUÊNCIAS VERBAIS

Como dito no início da seção 4, a proposta deste trabalho é apresentar a sequência verbal PESSOA-V₁-V₂ com os verbos *kwããw*, *patã*, *pãw* e *kãto* e investigar o comportamento dela na língua Apyãwa.

A primeira característica dos verbos que compõem a sequência que se deseja apresentar é o fato de todos os verbos que aparecem nela terem uso lexical pleno. Essa característica será explorada para cada verbo, a seguir.

4.5.1 Uso lexical

4.5.1.1 Verbo *kwããw*

O verbo *kwããw* lexicalmente significa ‘saber’/‘conhecer’ e é um verbo transitivo, ou seja, de dois argumentos. Seu uso como verbo pleno é muito produtivo, como pode ser observado nos exemplos abaixo.

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 58, nossa análise)

(103) *Tapirapé-ramõ* *ie* *ã-kwãaw* *[pe-xe'eg-a]*
 tapirapé-S.P.N.AT 1SG 1SG.A-saber 2PL-falar-RFR

'Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a língua de vocês.' (lit: Se eu fosse Tapirapé, eu sabia o falar de vocês.)

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

(104) *ãpi-ø* *a-kwããw* *[tãtã-ø* *ø-'o-pã-ãw-a]*
 mamãe-RFR 3.A-saber banana-RFR R-ingerir-acabar-N.PROC-RFR

'Mamãe soube que eles comeram todas as bananas.' (lit: Mamãe soube da ingestão de todas as bananas.)

(PRAÇA, 2007, p. 83, nossa análise)

(105) *epe=ga-ø* *a-kwããw* *[xe=r-exãk-a]*
 D.E=SG-RFR 3.A-saber 1SG.NA=R-ver-RFR

'Aquele sabe que você me viu.'

O exemplo 103 traz duas orações compondo o período composto. A primeira é uma oração subordinada não ativa com semântica condicional. A segunda é a oração matriz, em que se pode observar o verbo *kwããw* com seus dois argumentos: o argumento externo, a primeira pessoa do singular; e o argumento interno, 'a língua de vocês'. Exemplos 104 e 105 funcionam da mesma maneira, com os dois argumentos do verbo. Os argumentos externos do verbo estão entre colchetes.

4.5.1.2 Verbo *patãr*

O verbo *patãr* também é um verbo transitivo e significar ‘querer’/‘desejar’. Assim como o verbo *kwããw*, também pode ser usado como verbo pleno. Os três próximos exemplos – 106, 107 e 108 – trazem o verbo *patãr* em seu uso lexical.

(PRAÇA, 2007, p. 88, nossa análise)

- (106) *ã-patãr* *[emĩ=ga-ø]*
 1SG.A-querer DEM=SG-RFR
 ‘Quero esta.’

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- (107) *ie-ø* *ã-patãr* *[ne=ø-a-ø]*
 1SG-RFR 1SG.A-querer 2SG.NA=R-ir-RFR
 ‘Eu quero sua ida.’

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- (108) *e-mor* *i-xope* *a-patãr* *[marãxi-ø]*
 2SG.IMP-dar 3.NA-POS 3.A-querer melancia-RFR
 ‘Dê a ele. Ele quer melancia.’

Como dito anteriormente, o verbo *patãr* é um verbo que exige dois argumentos, e é possível observar, nos exemplos 106 a 108 a presença dos argumentos internos e externos do verbo, estes últimos entre colchetes.

4.5.1.3 Verbo *pãw*

O verbo *pãw*, que significa ‘acabar’/‘terminar’, é um verbo intransitivo dinâmico, recebendo, deste modo, marcadores da Série Ativa. A seguir, exemplos do uso lexical do verbo *pãw*.

(PRAÇA, 2007, p. 70, nossa análise)

- (109) *ãxe'i-wār-a* *a-pãw*
 ontem-N.CIR-RFR 3.A-acabar
 ‘O que é de ontem acabou.’

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (110) *tātã-∅* *a-pãw* *xe=∅-wi*
 banana-RFR 3.A-acabar 1SG.NA=R-POS
 ‘As bananas acabaram (de mim).’

4.5.1.4 Verbo *kãto*

O último verbo do grupo que está sendo estudado neste trabalho é o *kãto*. Trata-se de um verbo intransitivo estativo – portanto, flexiona-se com marcadores da Série Não Ativa – que significa ‘ser bonito’/‘ser bom’.

A seguir, são apresentados alguns exemplos com o verbo.

(PRAÇA, 2007, p. 12, nossa análise)

- (111) *ne=∅-hyj-a* *i-kãto*
 2SG.NA=r-correr-RFR 3.NA-ser.bom
 ‘Sua corrida foi boa.’

(PRAÇA, 2007, p. 22, nossa análise)

- (112) *tãxão-∅* *∅-xokã-ãw-a* *i-kãto*
 porcão-RFR R-matar-N.PROC-RFR 3.NA-ser.bom
 'A matança dos porcões foi boa.'

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (113) *ne=r-etym-a* *i-kãto*
 2SG.NA=R-casa-RFR 3.NA-ser.bonito
 'Sua casa é bonita.'

(PRAÇA, 2007, p. 36, nossa análise)

- (114) *marewir-a* *r-etym-a* *i-kãto*
 Marewira-RFR R-casa-RFR 3.NA-ser.bom
 'A casa de Marewira é boa.'

(PRAÇA, 2007, p. 181, nossa análise)

- (115) *'ã* *xã'ẽ-∅* *i-kãto*
 D.E panela-RFR 3.NA-ser.bom
 'Esta/aqui panela é boa.'

Após ser mostrado o uso lexical dos verbos, passe-se para mais um critério de análise: a negação, pois, como nada pode intervir entre V₁ e V₂, pode-se imaginar que tais estruturas estão em um estágio de integração no qual já tenham deixado de ser duas orações independentes e tenham se tornado construções mono-oracionais. Uma forma de se avaliar tal afirmação pé por meio da construção de negativas. Caso os verbos da sequência não possam ser negados separadamente, trata-se realmente de

uma única oração. Na próxima seção, será apresentado esse teste para os quatro verbos sob estudo.

4.5.2 Escopo da negação

Como dito logo acima, uma maneira de se averiguar que os integrantes da sequência compõem uma só oração é por meio da negação. Caso haja somente uma maneira de se fazer a negação e o escopo desta seja a construção inteira, está-se diante de uma construção mono-oracional, outra característica que pode ser encontrada nas sequências verbais em estudo.

Abaixo, serão apresentadas e analisadas construções declarativas e negativas com os verbos em questão. O funcionamento do período simples na língua Apyãwa já foi apresentado (Cf. seção 3.1.1). Quanto a negação de predicados, ela é construída por meio do morfema descontínuo {na=....-i} (nã ~ n=-i ~ -j ~ -ø) (PRAÇA, 2007, p. 16).

4.5.2.1 Verbo *kwããw*

Observe os exemplos a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

(116) *konomĩ-ø* *a-'yytã-kwããw* *w-ow-a* *ø-xãwie*
 menino-RFR 3.A-nadar-saber 3.C-pai-RFR R-POS

‘O menino sabe nadar igual ao pai dele.’

(PRAÇA, 2007, p. 17, nossa análise)

(117) *akoma'e-ø* *i-pa-e'ym-ama'e-ø* *n=a-'yytã-kwããw-i*
 homem-RFR 3.NA-mão-NEG-N.PRED-RFR não=3.A-nadar-saber-NEG

‘O homem que não tem mão não sabe nadar.’

A sequência verbal foi sublinhada em ambos os exemplos. No exemplo 117, o morfema descontínuo da negação, {*na=....-i*}, está em negrito. Como é possível observar, a sequência inteira insere-se no morfema descontínuo, sendo, portanto, toda ela o escopo da negação, que só pode ser feita da maneira apresentada. Isso confirma o fato de a sequência verbal se apresentar sob uma construção mono-oracional.

A seguir, apresenta-se a mesma análise para o verbo *patã*.

4.5.2.2 Verbo *patã*

Assim como o verbo *kwããw*, o verbo *patã*, na sequência verbal, forma com V_1 uma única oração, pois o escopo da negação abrange a construção inteira, não podendo existir nada entre os dois verbos, como demonstrado nos exemplos a seguir, em que o morfema descontínuo de negação também está em negrito e a sequência verbal sublinhada.

(PRAÇA, 2007, p. 196, nossa análise)

- | | |
|--------------------------------------|-------------------------|
| (118) <i>xe=∅-kaneõ-ete</i> | <u><i>ã-ke-patã</i></u> |
| 1SG.NA=R-estar.cansado-INTNS | 1SG.A-dormir-querer |
| 'Estou muito cansado. Quero dormir . | |

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

- | |
|-----------------------------------|
| (119) <i>n=ã-ke-patã-i</i> |
| nã=1SG.A-dormir-querer-NEG |
| 'Não quero dormir.' |

4.5.2.3 Verbo *pãw*

Como já foi feito anteriormente, para se demonstrar que o verbo *pãw* forma com V_1 uma única oração, será utilizada a negação. Havendo só uma maneira de esta ser feita e sendo seu escopo a construção inteira, estar-se-á diante de uma construção mono-oracional. Para isso, observe os próximos dois exemplos.

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

(120) *ie-∅* *ã-xãok-pãw-exĩ*

1SG-RFR 1SG.A-banhar-terminar-IMI

‘Estou prestes a terminar de banhar.’

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 42, nossa análise)

(121) *n=ãxao-pãw-i*

não=banhar-terminar-NEG

‘Não terminei de banhar.’

Percebe-se que a sequência verbal está inscrita no morfema descontínuo {na=...-i}, que é a única forma utilizada para se fazer a negação neste caso, e o escopo da negação é a construção inteira, da mesma maneira que aconteceu com os verbos apresentados anteriormente.

4.5.2.3.1 Verbo *kãto*

Infelizmente, não constava, no *corpus* disponível para este trabalho, nenhum exemplo com o verbo *kãto* que trouxesse uma negação. Uma maneira de se contornar essa situação e demonstrar que um verbo não é argumento do outro, o que será feito mais adiante, na seção 4.5.3.4

4.5.3 Um verbo não é argumento do outro

Como dito anteriormente, outro recurso para corroborar que a construção dessa sequência de verbos trata-se de uma única oração é demonstrando um verbo não ser argumento do outro. Exemplos com cada um dos verbos serão apresentados para esse fim.

4.5.3.1 Verbo *kwããw*

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 58, nossa análise)

	A	AV	P
(122) <i>Tapirapé-ramõ</i>	<i>ie</i>	<i>ã-kwãaw</i>	<i>[pe-xe'eg-a]</i>
tapirapé-S.P.N.AT	1SG	1SG.A-saber	2PL-falar-RFR

'Se eu fosse Tapirapé, eu sabia a língua de vocês.' (lit: Se eu fosse Tapirapé, eu sabia o falar de vocês.)

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

	A	AV₁V₂	P
(123) <i>makãto-ø</i>	<i>a-ãpa-kwããw</i>	<i>[tamãkorã-ø]</i>	
Makãto-RFR	3.A-fazer-saber	tamãkorã-RFR	

'Makãto sabe fazer tamãkorã.'

Nesses dois exemplos acima, o argumento interno do verbo está ressaltado entre colchetes. A primeira oração apresentam o verbo *kwããw* em seu uso pleno; a segunda oração, na sequência verbal.

Na primeira oração, o sintagma nominal em destaque é o argumento interno do verbo e isso fica explicitado pela presença do referenciante {-a}.

No segundo exemplo, o argumento interno comporta-se como o do primeiro exemplo, sendo sufixado pelo referenciante. Além disso, não há a presença de

marcador de pessoa antes de V_2 , o que assevera o fato de, na sequência, um verbo não ser argumento do outro e a construção ser mono-oracional.

4.5.3.2 Verbo *patãr*

No caso do verbo *patãr*, também é possível afirmar que, na sequência, um verbo não é argumento do outro, como demonstram os próximos exemplos.

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

		aV	P
(124) <i>e-mor</i>	<i>i-xope</i>	<i>a-patãr</i>	<i>[marãxi-ø]</i>
2SG.IMP-dar	3.NA-POS	3.A-querer	melancia-RFR

‘Dê a ele. Ele quer melancia.’

(PRAÇA, 2007, p. 206, nossa análise)

A	_AV	P	_PV₁V₂
(125) <i>ã'ẽ=gã-ø</i>	<i>a-xokã</i>	<i>xãwãr-a</i>	<i>i-o'o-patãr[-ãramõ]</i>
DEM=SG-RFR	3.A-matar	cachorro-RFR	3.NA-morder-querer-ISSD

‘Aquele matou o cachorro porque este quis mordê-lo.’

O primeiro exemplo traz o uso pleno do verbo *patãr*, que é um verbo de dois argumentos. Entre colchetes está o argumento interno do verbo, ‘melancia’. No segundo exemplo, os colchetes foram simbolicamente colocados no sufixo {-ãramõ}, que indica ser uma ISSD, ou seja, o sujeito da oração subordinada não é o mesmo que o da oração principal. Há, então, na oração subordinada a construção ‘porque [o cachorro] quis mordê-lo’. Consequentemente, o sujeito desta oração é ‘cachorro’ e o objeto a terceira pessoa, que foi referenciada na oração principal, fato que demonstra um verbo não ser argumento do outro.

4.5.3.3 Verbo *pãw*

Nesta sequência verbal formada com o verbo *pãw*, como nas outras, um verbo não é argumento do outro. Observe os próximos exemplos para notar essa característica.

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

S	sV	
(126) <i>tãtã-∅</i>	<i>a-pãw</i>	<i>xe=∅-wi</i>
banana-RFR	3.A-acabar	1SG.NA=R-POS
'As bananas acabaram (de mim).'		

(PRAÇA, 2007, p. 110, nossa análise)

AV₁V₂	P			
(127) <i>ã-ãpa-pãw-akâr</i>	<i>tope-∅</i>	<i>ne=∅-we</i>	<i>ipa'yw-a</i>	<i>∅-we</i>
1SG.A-fazer-terminar-MASD	tope-RFR	2SG.NA=R-POS	Ipa'ywa-RFR	R-POS
'Eu terminei de fazer o tope para você por meio da Ipa'ywa.'				

O primeiro exemplo traz o uso pleno do verbo intransitivo *pãw*, que possui como argumento único (S) o sintagma *tãtã* 'banana'. No segundo exemplo, por sua vez, pode-se observar o caráter aspectual que o verbo *pãw* assume na sequência verbal, pois a valência da oração é a mesma que V₁, o verbo *fazer*, que é transitivo, ou seja, exige dois argumentos. O argumento A é a primeira pessoa do singular e o argumento P é 'tope'. Assim, é possível perceber que, na sequência, um verbo não é argumento do outro.

4.5.3.4 Verbo *kãto*

A mesma análise que se fez até agora será feita também para o verbo *kãto*, que é um intransitivo descritivo.

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

S	sV₁V₂
(128) <i>eiri-ø</i>	<i>a-ke-kãto</i>
Eiri-RFR	3.A-dormir-ser.bom
'Eiri dorme bem.'	

(PRAÇA, 2007, p. 36, nossa análise)

A	AV₁V₂	P
(129) <i>xe=r=amôj-a</i>	<i>a-ãpa-kãto</i>	<i>'ywyràpãr-a</i>
1SG.NA=R-avô-RFR	3.A-fazer-ser.bom	arco-RFR
'Meu avô faz arco bem.'		

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

A	AV₁V₂	DAT
(130) <i>wãkiri</i>	<i>i-e-kãto</i>	<i>xe=r-ee</i>
Walkiria	3.NA-gostar-ser.bom	1SG.NA=R-POS
'Walkíria realmente gosta de mim.'		

O exemplo 128 apresenta o uso do verbo numa sequência em que V₁ é um verbo intransitivo. Compare isso com os exemplos 129 e 130, em que V₁ é um verbo

transitivo. A sequência inteira passa a ter dois argumentos, o que demonstra que um verbo não é argumento do outro.

4.5.4 Regras morfofonêmicas

Na medida em que se pode observar a atuação das regras morfofonêmicas de junturas de morfemas nos verbos que estão inseridos em tais regras, isso é mais um rico indicador de que esse conjunto de verbos existem na condição de serem um composto e se traduzem em uma única oração. Essa é outra característica presente nas sequências verbais. Não há regras envolvendo o verbo *kwããw*, mas nos demais verbos que estão sob ação delas, elas se fazem claramente presentes, como é possível ver nos exemplos que se seguem.

4.5.4.1.1 Verbo *patãr*

Como expresso em momento precedente, o fato de a sequência verbal estar sob ação das mesmas regras morfofonêmicas que são aplicadas na composição de palavras (Cf. seção 3.1.1.1) corrobora a afirmação de a construção tratar-se de uma única oração, e não de um período composto. Exemplo dessas regras atuando sobre o verbo *patãr* são apresentados logo abaixo.

(PRAÇA, 2007, p. 41, nossa análise)

(131) <i>ie-∅</i>	<i>ã-ixã-matãr</i>	<i>ne=∅-porããj-a</i>
1SG-RFR	1SG.A-ver-querer	2SG.NA=R-dançar-RFR
'Eu quero ver sua dança.'		

Nessa oração, é possível notar que a consoante oclusiva bilabial surda /p/, após a queda da consoante /k/ do verbo *ixãk*, assimilou a nasalidade e se realizou em /m/, que está destacado em negrito no exemplo.

4.5.4.1.2 Verbo *pãw*

Com o verbo *pãw* também é possível observar a aplicação das regras morfofonêmicas de composição de palavras agindo na sequência verbal, conforme exemplo a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 167, nossa análise)

(132) <i>w-owy-ramõ</i>	<i>xowe</i>	<i>rõ'õ</i>	<i>ãkaj</i>	<i>mĩ</i>
3.NA-sangue-S.P.N.AT	FOC	N.ASS	C.I.COM	HAB
<i>xãy-ø</i>	<i>i-piry-mãw</i>		<i>'op-a</i>	<i>ypyton-imo</i>
lua-RFR	3.NA-ser.vermelho-acabar		estar.deitado-OSSI	noite-LOC

‘Quando tem sangue dela, a lua fica completamente vermelha na noite.’

Note que *pirig* significa ‘vermelho’ e /g/ representa a nasal velar. Em *ipiry-mãw*, na junção, houve a queda da nasal, mas também a assimilação dela pelo verbo *pãw*. Por isso, passou-se a ter *mãw*.

4.5.4.1.3 Verbo *kãto*

Do mesmo modo, as regras morfofonêmicas também agem no verbo *kãto*, como é demonstrado pelos dois próximos exemplos.

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

- (133) *ie-∅* *ã-xemimõj-kwãã-gãto*
 1SG-RFR 1SG.A-cozinhar-saber-ser.bom
 'Eu sei cozinhar bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 115, nossa análise)

- | S | sV₁V₂V₃ |
|------------------------------|---|
| (134) <i>morixow-a</i> | <i>a-'o-pã-gãto</i> |
| Morixowa-RFR | 3.A-ingerir-acabar-ser.bom |
| 'Morixowa comeu tudo mesmo.' | |

Pelos exemplos 133 e 134 é possível observar que a oclusiva velar /k/ nasaliza-se na nasal velar (kãto→gãto) após a aproximante lábio-velar /w/.

Aqui se encerra a apresentação das sequências verbais e suas características. A próxima seção traz a análise feita neste texto a respeito desse fenômeno.

5 A ANÁLISE

Nesta seção, passa-se a analisar as sequências verbais uma vez já apresentado o funcionamento delas. A primeira característica interessante a ressaltar é que todos os verbos cujo estudo foi proposto neste trabalho, além de participarem da sequência, também são verbos plenos na língua. Trata-se essa de uma característica atribuída a verbos seriais.

Outra característica presente na sequência é o fato de a construção ser mono-oracional, pois, como pôde ser observado, cada verbo não pode ser negado separadamente, uma vez que o escopo da negação é toda a construção; um verbo não é argumento do outro e essa combinação VERBO-VERBO está sob as regras de junturas de morfemas para o interior de palavras. Essa característica de se tratar de uma única oração pode ser encontrada tanto em verbos seriais quanto em auxiliares.

Quanto ao significado expresso pela sequência, três dos quatro verbos sofrem um pouco de apagamento semântico e acabam por ter uma semântica relacionada a TAM: *kwããw* relaciona-se à modalidade evidencial dinâmica habilitativa; *patâr*, à modalidade eventiva dinâmica volitiva; e *pãw*, ao aspecto perfectivo completivo. O único que foge disso é o verbo *kãto*, cuja semântica é apreciativa, ou seja, traz um juízo de valor do falante em relação ao evento descrito pela proposição e não um valor de verdade acerca da informação comunicada pela proposição. Assim sendo, semanticamente, as sequências se aproximariam mais dos auxiliares uma vez que expressam essa semântica de TAM, diferentemente dos verbos seriais, em vez de expressarem semântica de TAM, compartilham entre si as marcas de TAM.

Se por um lado as características apresentadas nos dois primeiros parágrafos desta seção aproximam a sequência dos verbos seriais, outros fatores as distanciam:

- a) Haspelmath considera CVS somente aquelas que expressam eventos dinâmicos, não levando em conta outras semânticas verbais tais como estado, processo, posição, cognição, sensação e emoção; e Givón exclui da definição de CVS estruturas que são codificadas em todas as línguas por, pelo menos dois verbos, tais como verbos de modalidade com complementos, verbos manipulativos com complementos, verbos de

enunciado-cognição com complementos e orações principais com orações adverbiais fortemente unidas. Assim, ambos os autores excluíam os verbos sob estudo das CVS;

- b) Aikhenvald e Dixon subclassificam as CVS em simétricas e assimétricas, sendo estas últimas aquelas em que há um membro principal, cuja classe gramatical ou semântica é irrestrita, e um membro secundário, um verbo de uma classe gramatical ou semântica mais restrita (como um verbo postural ou de movimento) e definem auxiliar como uma subclasse fechada de verbos que fazem parte de um **predicado complexo** em combinação com verbos de uma grande classe aberta; tomam as especificações de pessoa, número, gênero, aspecto, tempo, modo e/ou modalidade; e podem conferir um significado modal ou aspectual a toda a construção.

A bem da verdade, o que se nota, como já foi dito em seções anteriores, é que não há consonância nas definições de verbos seriais pelos autores. Aikhenvald e Dixon optam por uma descrição de sentido mais amplo e subdividem as CVS em simétricas e assimétricas, sendo a definição dessas últimas muito próxima ao que outros autores creditam ser auxiliares. Nesse caso, há uma convergência de função, mas conflito de nomenclatura. Outros autores, como Haspelmath e Givón, impõem restrições ao domínio dos verbos seriais, o que excluiria os verbos do Apyãwa da classe de verbos seriais.

Poder-se-ia, então, caracterizar V_2 da sequência como um auxiliar pelas características apresentadas no segundo e no terceiro parágrafos desta seção (ser mono-oracional e expressar semântica de TAM). Contudo, apesar de tais características aproximarem a sequência dos auxiliares, outro fator a distancia: o fato de ser comum os auxiliares carregarem as especificações de pessoa, número, gênero. No caso que está sob análise, os marcadores de pessoa não se deslocam para prefixar V_2 ; pelo contrário, continuam na primeira posição, como se V_1 e V_2 funcionassem como uma composição de palavras e o marcador estivesse funcionando diante desse bloco compacto. Pode-se adicionar a isso as discordâncias no que os autores afirmam ser auxiliares.

Aikhenvald diz ser os auxiliares verbos que fazem parte de um predicado complexo. Ora, se o predicado é complexo, estar-se-ia diante de duas orações e não somente uma, ou seja, dois verbos lexicais distintos. Tal afirmação acaba por invalidar o restante da definição apresentada pela autora, que diz que os auxiliares tomam as especificações de pessoa, número, gênero, aspecto, tempo, modo e/ou modalidade e podem conferir um significado modal ou aspectual a toda a construção. Como dar tal significado à construção se estariam os verbos em construções distintas por se tratar de um predicado complexo? A autora também falha em sua previsão de que as CVS assimétricas – que seria o conjunto no qual estariam inseridas as sequências verbais do Apyãwa – tenderiam a se lexicalizar. No caso em estudo neste trabalho, como já dito anteriormente, nota-se um processo de gramaticalização de V₂.

Então, como se poderia explicar a formação de tais sequências?

5.1 PROPOSTA DE ANÁLISE

Como dito no início do texto, a corrente funcionalista concebe a linguagem como um instrumento de interação social e é exatamente da situação discursiva que provêm as motivações para os fenômenos linguísticos. Assim sendo, se existe tal estrutura na língua, há motivação para isso: uma motivação funcional e uma motivação gramatical. Antes de apresentar tais motivações, observe os exemplos abaixo.

(ALMEIDA; JESUS; PAULA, 1983, p. 29, nossa análise)

P	_AV
(135) <i>Ne=xekyj-ãw-a</i>	<i>ã-kwããw</i>
2SG.NA=estar.com.tosse-RFR	1SG.A-saber
'Eu sei que você está gripado.' (lit. Eu sei da circunstância da sua gripe)	

(PRAÇA, 2007, p. 119, nossa análise)

A	_AV₁V₂	P
(136) <i>makãto-∅</i>	<i>a-ãpa-kwããw</i>	<i>tamãkorã-∅</i>
Makãto-RFR	3.A-fazer-saber	tamãkorã-RFR
'Makãto sabe fazer tamãkorã.'		

Ao se analisar o exemplo 135, nota-se que o sujeito do verbo saber, a primeira pessoa do singular, não é o mesmo do verbo 'estar com tosse'. Na verdade, *nexekyjãwa* é o argumento interno oracional do verbo 'saber'.

Por sua vez, o exemplo 136 traz o mesmo sujeito para os dois verbos: Makãto faz *tamãkorã* e sabe fazê-lo, havendo, portanto, uma maior integração do evento justamente pela coincidência dos sujeitos.

A mesma coisa acontece com o verbo 'querer', conforme pode ser visto nos exemplos a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 118, nossa análise)

A	_AV	P
(137) <i>ie-∅</i>	<i>ã-patãr</i>	<i>[ne=∅-a-∅]</i>
1SG-RFR	1SG.A-querer	2SG.NA=R-ir-RFR
'Eu quero que você vá.'		

(PRAÇA, 2007, p. 177, nossa análise)

S	_sV₁V₂	
(138) <i>eiri-∅</i>	<i>a-xão-patãr</i>	<i>we</i>
Eiri-RFR	3.A-banhar-querer	PERF
'Eiri ainda quer banhar.'		

No exemplo 137, quem deseja algo (primeira pessoa do singular) e quem vai (segunda pessoa do singular) são pessoas diferentes. Já no exemplo 138, é Eiri que tem o desejo e que se banhará provavelmente. Aqui, os sujeitos coincidem novamente, aumentando a integração do evento.

Na verdade, esse aumento da integração do evento, que passa a ser visto como um só, é a motivação funcional da estrutura. Quanto à motivação gramatical, pode-se dizer que é a marcação da correferencialidade dos sujeitos.

O que acontece é uma incorporação do objeto oracional, que teria como núcleo V_2 . Esse fenômeno acontece mais comumente com nomes, mas, como a oração completiva tem esse caráter nominalizado, ainda mais pela presença do sufixo referenciante, isso é totalmente plausível e aceitável.

Segundo Payne:

A incorporação do nome é uma construção na qual um argumento de uma oração transitiva torna-se “anexado a” ou “incorporado” ao verbo. A incorporação exibe todas as características da composição, a saber: (1) um padrão de acentuação característico de palavras em vez de sintagmas, (2) ordem de palavras possivelmente incomum, (3) padrões morfofonêmicos característicos de palavras em vez de sintagmas, (4) possivelmente morfologia especial, e (5) significados que são mais específicos do que os significados das partes individuais.

A incorporação de objeto é mais comum do que outros tipos de incorporação de substantivo nas línguas do mundo (PAYNE, 2006, p. 256–257, tradução nossa).⁴⁴

Dessa maneira, devido ao fato de, em 136 e 138, o sujeito da oração principal coincidir com o sujeito da suposta completiva, V_2 incorpora o objeto oracional e assume a segunda posição na sequência, e o complexo formado pelos dois verbos comporta-se da mesma maneira que se comporta um verbo simples. O mesmo fenômeno pode ser observado no Nheengatú⁴⁵

⁴⁴ Original: “Noun incorporation is a construction in which an argument of a transitive clause becomes “attached to” or “incorporated into” the verb. Incorporation exhibits all the characteristics of compounding, namely: (1) a stress pattern characteristic of words rather than phrases, (2) possibly unusual word order, (3) morphophonemic patterns characteristic of words rather than phrases, (4) possibly special morphology, and (5) meanings that are more specific than the meanings of the individual parts.”

Object incorporation is more common than other types of noun incorporation in the world’s languages.

⁴⁵ Cf. (CRUZ, 2011, p. 429)

No que concerne ao verbo *pãw* ‘acabar’, ele é intransitivo e, assim, gramaticalmente, não seleciona um argumento. Assim, para estender a semântica desse verbo intransitivo aos demais verbos dinâmicos com que *pãw* aparece na sequência, a língua utilizou-se de um paralelo com os compostos nominais com núcleo em primeira posição (Cf. 3.1.1.1.1.2), em que o primeiro componente é o núcleo e o segundo exerce a função de modificador.

Devido ao fato de o composto ser formado por verbos, V_2 da sequência adquire caráter adverbial, uma vez que é a função primordial do advérbio é ser modificador do verbo, como pode ser visto nos exemplos que se seguem.

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (139) *ie-∅* *ã-xãok-pãw-exĩ*
 1SG-RFR 1SG.A-banhar-terminar-PROSP
 ‘Estou prestes a terminar de banhar.’

(PRAÇA, 2007, p. 114, nossa análise)

- (140) *pitỹwer-a* *a-'o-pãw* *xe=∅-wi* *narãxi-∅*
 criança-RFR 3.A-ingerir-acabar 1SG.NA=R-POS laranja-RFR
 ‘As crianças comeram todas as (minhas) laranjas.’

No exemplo 139, quando se diz ‘terminar de banhar’, isso implica que a ação terá todas as partes de seu processo finalizadas, ou seja, a primeira pessoa estará completamente banhada, em oposição a algo que poderia ser estar banhada parcialmente.

Algo semelhante ocorre em 140, pois, na medida em que a semântica é a de que a ação se completou por atingir a totalidade desses referentes, também existe essa oposição mental entre a consumação de parte das laranjas ou o consumo delas como um todo, corroborando o fato de V_2 agir como um modificador verbal em ambos os exemplos.

Por fim, em relação ao verbo *kãto*, ocorre o mesmo fenômeno que aconteceu com o verbo *pãw*, como se pode observar nos exemplos a seguir.

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (141) *eiri-ø* *a-ke-kãto*
 Eiri-RFR 3.A-dormir-ser.bom
 'Eiri dorme bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 36, nossa análise)

- (142) *xe=r-amôj-a* *a-ãpa-kãto* *'ywyrypãr-a*
 1SG.NA=R-avô-RFR 3.A-fazer-ser.bom arco-RFR
 'Meu avô faz arco bem.'

(PRAÇA, 2007, p. 120, nossa análise)

- (143) *wãkiri* *i-e-kãto* *xe=r-ee*
 Walkiria 3.NA-gostar-ser.bom 1SG.NA=R-POS
 'Walkiria realmente gosta de mim.'

Nos três exemplos, pode-se perceber que, na verdade, o segundo verbo da sequência está funcionando como um modificador verbal com semântica apreciativa para V_1 . Assim, pode-se apreender que o dormir de Eiri é bom (141), a confecção do arco é feita de uma maneira boa (142) e o gostar (143), que já tem em si semântica apreciativa, é intensificado pelo verbo 'ser bom', que traz essa noção de realmente/verdadeiramente.

Portanto, observa-se com o verbo *kãto* o mesmo que se presenciou com o verbo *pãw*: por meio de um paralelo com os compostos nominais com núcleo em primeira posição, V_2 assume a função de modificador de V_1 .

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste trabalho era apresentar a sequência verbal PESSOA-V1-V2 com os verbos *kwããw*, *patâr*, *pãw* e *kãto* e investigar o comportamento dela na língua Apyãwa. Para este fim, inicialmente fez-se necessária a apresentação de alguns conceitos básicos, que foram divididos em seções.

De início, foi apresentada a linha de pesquisa da investigação, o Funcionalismo, e seus conceitos básicos (seção 2), com ênfase nas definições de gramaticalização (seção 2.2) e de morfologia de TAM (seção 2.2.1).

A seção 3 traz o *continuum* de integração gramatical e propõe uma distribuição dos diversos tipos de orações – desde a máxima coordenação à máxima integração – no eixo deste *continuum*. Essa proposta de distribuição foi aplicada à língua Apyãwa quando permitido. Assim, foi necessário apresentar estruturas da língua e como funcionavam os processos de coordenação e subordinação nela.

Na seção 4 são apresentadas as sequências verbais, que são o objeto de estudo do texto, e elucidadas suas principais características: o fato de os verbos sob análise também serem verbos plenos na língua e de elas serem mono-oracionais, o que pôde ser demonstrado pelo escopo da negação ser a sequência inteira, um verbo não ser argumento do outro e de elas estarem sob ação das regras morfofonêmicas de juntura de morfemas.

Por fim, a seção 5 traz a proposta de análise do objeto de estudo, que evidencia as motivações funcional – a integração do evento – e gramatical – marcação da correferencialidade dos sujeitos – para o fenômeno no que concerne aos verbos transitivos. Há a incorporação do objeto oracional relativo a V_1 por parte de V_2 e apropriação, por parte deste, da segunda posição da sequência, comportando-se, assim, o complexo formado pelos dois verbos da mesma maneira que se comporta um verbo simples.

Para os verbos intransitivos, que gramaticalmente não selecionam argumento, percebe-se uma extensão da semântica de tais verbos aos demais por meio de um paralelo com os compostos nominais com núcleo em primeira posição, em que o primeiro componente é o núcleo e o segundo exerce a função de modificador.

Por fim, é de suma importância ressaltar que o material relativo ao processo sob não se esgota nessas linhas, e o desejo é que esta dissertação abra caminhos para trabalhos futuros a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. Multi-verb constructions: setting the scene. *Em: AIKHENVALD, Alexandra Y.; MUYSKEN, Pieter C.; BIRCHALL, Joshua (org.). **Multi-verb constructions: a view from the Americas***. Boston: Brill, 2011. (Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas). v. 3.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Serial verb constructions in typological perspective. *Em: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R.M.W. (org.). **Serial verbs constructions: a cross-linguistic typology***. Nova York: Oxford University Press, Inc, 2006. p. 1–68.
- ALMEIDA, Antônio; JESUS, Irmãzinhas de; PAULA, Luiz Gouvêa de. **A língua Tapirapé: esboço de uma linguagem**. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.
- ANCHIETA, José de. **Arte de grammatica da llingoa mais usada na costa do Brasil**. Leipzig: Julio Platzmann, 1876.
- ANCHIETA, José de. **Poemas: lírica portuguesa e Tupi**. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ANDERSON, Gregory D. **Auxiliary verbs constructions**. Nova York: Oxford University Press, Inc, 2006.
- BARBOSA, P. A. Lemos. **Curso de Tupi antigo: gramática, exercícios, textos**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1994.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

CRUZ, Aline da. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. 2011. - LOT, Utrecht, 2011. Disponível em: <http://www.lotpublications.nl/publish/issues/Cruz/index.html>.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *Em*: CEZÁRIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013. p. 13–39.

DIXON, R.M.W. **Basic Linguistic Theory**. Oxford/Nova York: Oxford University Press Inc., 2010. v. 2

DIXON, R.M.W. Serial verbs constructions: conspectus and coda. *Em*: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R.M.W. (org.). **Serial verbs constructions: a cross-linguistic typology**. Nova York: Oxford University Press Inc., 2006.

DRYER, Matthew S. Clause Types. *Em*: SHOPEN, Timothy (org.). **Language Typology and Syntactic Description**. 2ªed. Nova York: Cambridge University Press, 2007. v. Volume I; p. 224–275.

FIGUEIRA, Luis. **Arte de grammatica da lingua brasilica**. Lisboa: Miguel Deslandes, 1687.

GIVÓN, Talmy. Serial verbs and the mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. *Em*: TRUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (org.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1, p. 81–128.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction I**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001a. v. 1

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction II**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2001b. v. 2

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *Em*: GREENBERG, Joseph H. (org.). **Universals of language**. 2. ed. Cambridge/Massachusetts/Londres: The M.I.T Press, 1966. p. 73–113.

HASPELMATH, Martin. The serial verb construction: comparative concept and cross-linguistic generalizations. **Language and linguistics**, Jena, v. 17, n. 3, p. 291–319, 2016a.

HASPELMATH, Martin. The serial verb construction: comparative concept and cross-linguistic generalizations. **Language and Linguistics**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 291–319, 2016b.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. **Understanding morphology**. 2. ed. [S. l.]: Hodder Education, 2010. (Understanding Language Series).

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Nova York: Oxford University Press, Inc, 1993.

HENGEVELD, Kees. 104. State-of-affairs concepts. *Em*: BOOIJ, Geert *et al.* (org.). **Morphology: an international handbook on inflection and word-formation**. Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, 2000. v. 2, p. 1104–1110.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Demográfico 2010: característica geral dos indígenas-resultado do universo**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2012.

JENSEN, Cheryl. Cross-referencing changes in some Tupí-Guaraní languages. **Amazonian linguistics: studies in lowland South American languages**, Austin, p. 117–158, 1990.

LEHMANN, Christian. Thoughts on grammaticalization. **Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt 9**, Erfurt, 2002.

MACKENZIE, J. Lachlan. 94. Entity concepts. *Em*: BOOIJ, Geert *et al.* (org.). **Morphology: an international handbook on inflection and word-formation**. Berlin/Nova York: Walter de Gruyter, 2000. v. 2, p. 973–982.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. Elaboração e compressão de sentenças complexas em Guajá. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [s. l.], n. 58, 2021.

MAILLARD, Michel. Le prédicat: comment sortir de la Tour de Babel?. **Lidil**, [s. l.], v. 37, p. 23–44, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Manual de linguística. *Em*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2ªed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MATTHEWS, Stephen. On serial verb constructions in cantonese. *Em*: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R.M.W. (org.). **Serial verbs constructions: a cross-linguistic typology**. Nova York: Oxford University Press, Inc, 2006.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PAULA, Eunice Dias de. **Eventos de fala entre os Apyãwa (Tapirapé) na perspectiva da Etnossintaxe: singularidades em textos orais e escritos**. 2012. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

PAYNE, Thomas E. **Exploring language structure: a student's guide**. New York: Cambridge University Press, 2006.

PAYNE, Thomas E. The pragmatics of voice in Philippine language: actor-focus and goal-focus in Cebuano narrative. *Em*: GIVÓN, Talmy (org.). **Voice and Inversion**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994. v. 28, p. 317–364. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269107473_What_is_governance/link/548173090cf22525dcb61443/download%0Ahttp://www.econ.upf.edu/~reynal/Civilwars_12December2010.pdf%0Ahttps://think-asia.org/handle/11540/8282%0Ahttps://www.jstor.org/stable/41857625.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da língua tapirapé**. 2007. - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

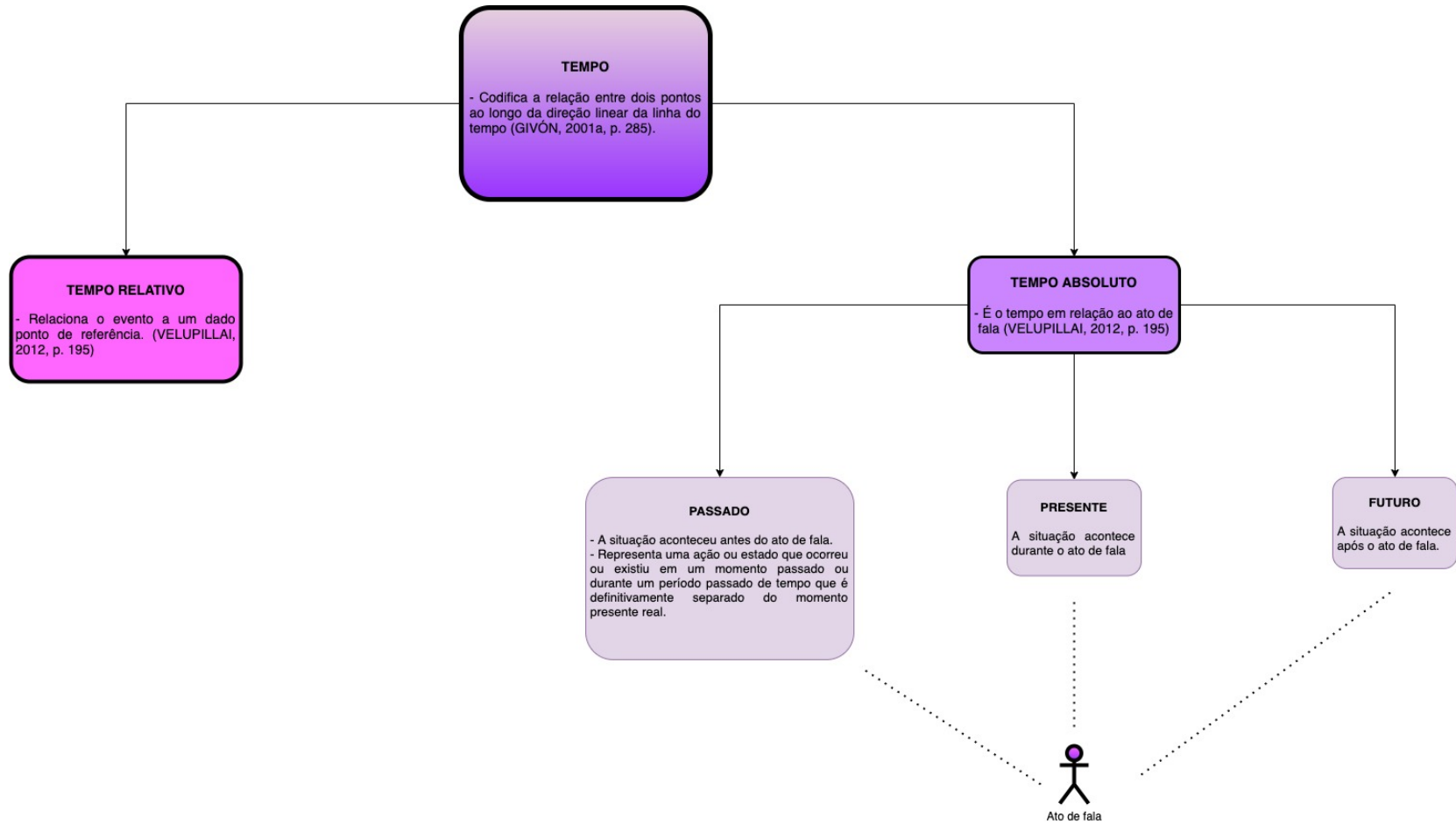
PRAÇA, Walkíria Neiva; MAGALHÃES, Marina Maria Silva; CRUZ, Aline da. Indicativo II da família Tupí-Guaraní: uma questão de modo?. **Liames**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 39–58, 2017.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco lingüístico Tupí. **Revista de Antropologia**, [s. /], v. 12, n. 1 e 2, p. 99–104, 1964. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org>.

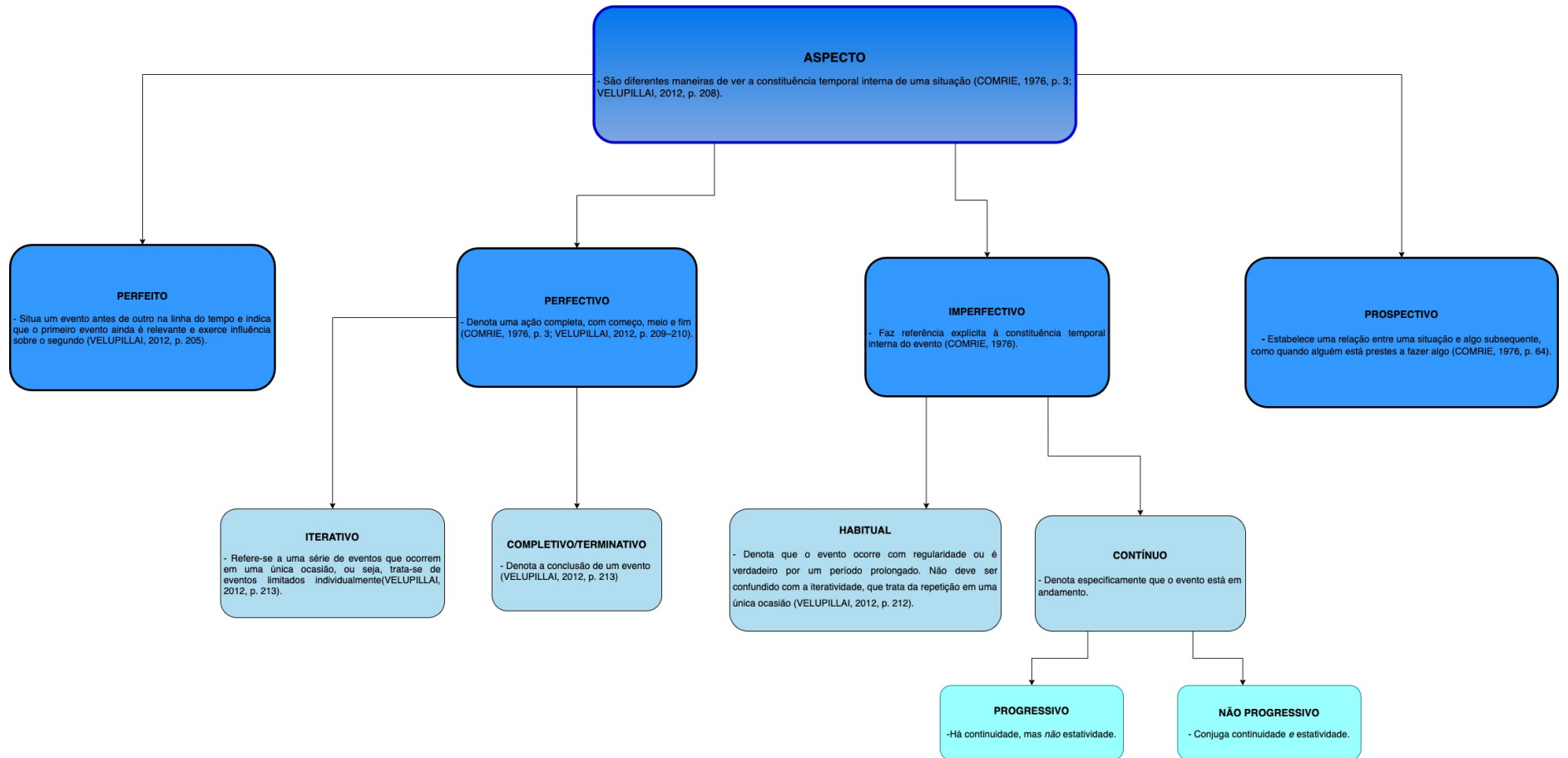
VELUPILLAI, Viveka. **An introduction to linguistic typology**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

APÊNDICES

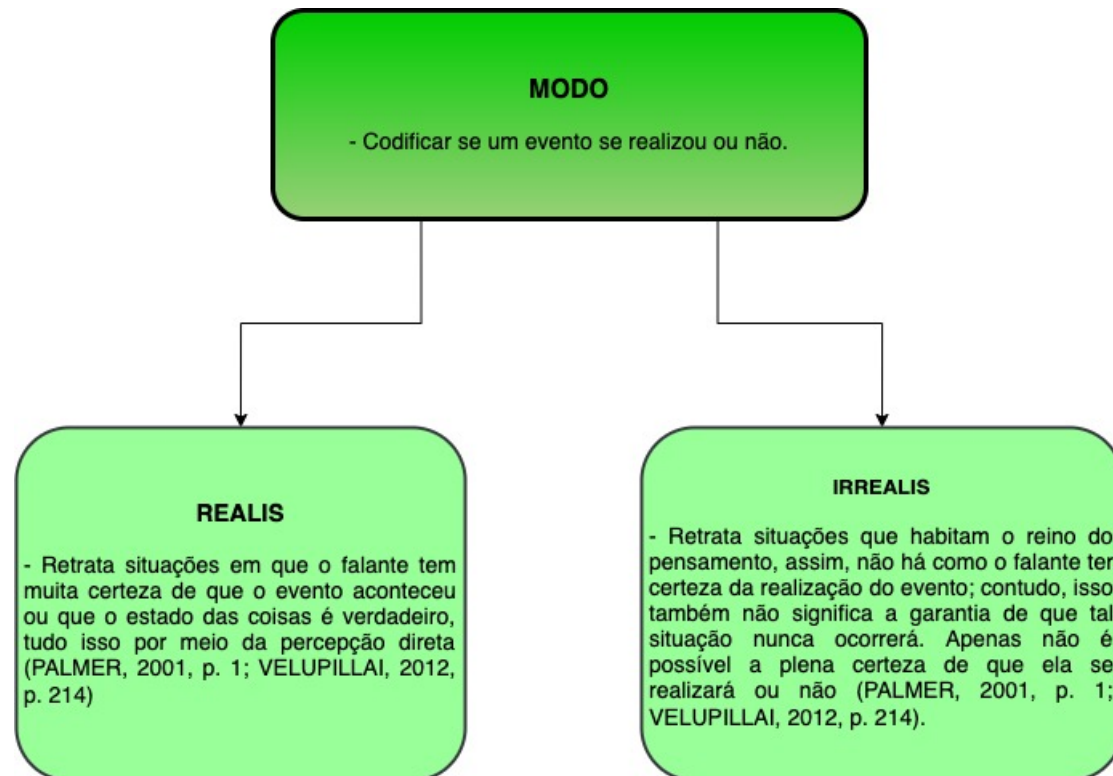
APÊNDICE A – Diagrama Tempo



APÊNDICE B – Diagrama Aspecto



APÊNDICE C – Diagrama Modo



APÊNDICE D – Diagrama Modalidade

